

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

CAROLINE STEFANY DEPIERI

QUEER AS FOLK – OS ASSUMIDOS: DA TV ÀS REDES SOCIAIS

Marechal Cândido Rondon

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

CAROLINE STEFANY DEPIERI

QUEER AS FOLK - OS ASSUMIDOS DA TV ÀS REDES SOCIAIS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, para obtenção do título em mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Geni Rosa Duarte

Marechal Cândido Rondon

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

D419q Depieri, Caroline Stefany
Queer as Folk: os assumidos da tv às redes sociais /
Caroline Stefany Depieri. - Marechal Cândido Rondon, 2013.
147 p.

Orientadora: Prof. Dr. Geni Rosa Duarte

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2013.

1. Seriado Quer as Folk - Estados Unidos 2. Televisão.
3. Homossexualidade. I. Universidade Estadual do Oeste do
Paraná. II. Título.

CDD 22.ed. 791.456
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

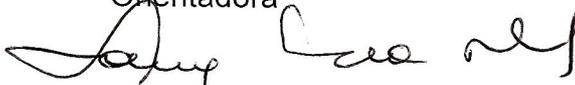
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e um dias do mês de março de 2013, às 14 horas reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em História constituída pelos professores Dr^a Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE), Dr^a Lorena Almeida Gill (UFPEL), Dr. Robson Laverdi (UNIOESTE/UEPG) e Méri Frotscher (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho “*Queer as Folk - Os assumidos: da TV às redes sociais*”, apresentado pela pós-graduanda **Caroline Stefany Depieri** para a obtenção do título de “Mestra em História” do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Geni Rosa Duarte, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 21 de março de 2013.



Geni Rosa Duarte
Orientadora



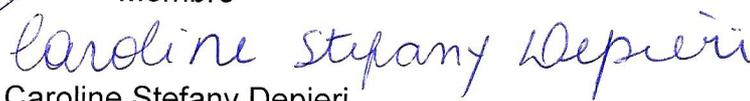
Lorena Almeida Gill
Membro



Robson Laverdi
Membro



Méri Frotscher
Membro



Caroline Stefany Depieri
pós-graduanda



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



Estado do Paraná

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: "*Queer as Folk - Os assumidos: da TV às redes sociais*".

Nome do concluinte: **Caroline Stefany Depieri**

Integrantes da Banca:

Prof^a Dr^a Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE);
Prof^a Dr^a Lorena Almeida Gill (UFPEL);
Prof. Dr. Robson Laverdi (Orientador) (UNIOESTE/UEPG);
Prof^a Dr^a Méri Frotscher (UNIOESTE).

Parecer:

O trabalho apresenta uma
temática e uma perspectiva
que ainda não é muito
discutida dentro da área, e
nesse sentido, apresenta aspectos
inovadores. A banca fez uma
leitura com diversas sug- estões, a serem incorporadas
na versão final.

Marechal Cândido Rondon, 21 de março de 2013.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram de alguma forma nessa caminhada intelectual, profissional e pessoal. Aos professores da linha que sempre estiveram abertos ao diálogo e dispostos a colaborar conosco, especialmente a Geni Rosa Duarte pela orientação, Robson Laverdi e Marcos (Mancha). Aos colegas de classe, uns já conhecidos, outros que tive o prazer de conhecer durante o ano da realização das disciplinas, principalmente a Marilda pelas conversas, pelas risadas e pelas caronas, Abigail que nos momentos de insegurança nos fazia sorrir e também a Nicheli que pude conhecer um pouco melhor e desfrutar de sua amizade. Por fim, dedico aos amores da minha vida: meus pais Lurdes e Antônio, meu noivo Arlindo Fabrício Corrêia e meu cachorrinho Marley que por muitas vezes sentadinho nos meus pés dividiu comigo o processo solitário da escrita.

Epígrafe

É preciso ser muito louco ou
muito forte para se atrever a
ser intolerante – Chanfort

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a recepção do seriado estadunidense *Queer as Folk – Os Assumidos*, apresentado no Brasil por meio de um canal por assinatura. A temática central do seriado era o cotidiano de grupo de amigos homossexuais. A série findou-se no ano de 2005, mas a repercussão via internet, especificamente nas redes sociais Orkut e Facebook, continuaram e continuam até hoje. Devido a esses usos e apropriações do espaço virtual pelos telespectadores e fãs do seriado, a análise e investigação das narrativas inseridas por eles foram um importante campo de fontes para debater problemáticas como: recepção do seriado, narrativas de confissões pessoais e individuais bem como a questão de assumir a orientação sexual e seus conflitos. Percebeu-se que a internet se caracterizou como um importante campo utilizado pelos telespectadores para discussões referentes à série e também como um diário virtual, sendo utilizada como uma espécie de confessional. Nesse sentido as redes sociais e as comunidades inseridas nessas redes direcionadas para fãs do seriado, foi um importante meio de aproximação de grupos homossexuais, gerando relações de amizade e confiança. A investigação desses espaços nos permitiu perceber historicamente, como, porque e de que forma essas relações se estabelecem na sociedade contemporânea.

Palavras chave: Seriado; internet; homossexualidade; televisão.

ABSTRACT

QUEER AS FOLK – OS ASSUMIDOS: COMING FROM TV TO SOCIAL NETWORKS

This research is aimed at analyzing the reception of the American series *Queer as Folk – Os Assumidos* presented in Brazil through a signature channel. The central theme of the show was the daily group of gay friends. The series ended up in 2005, but the repercussions by internet, specifically on social networking sites Orkut and Facebook have continued and continue today. Due to these uses and appropriations of the virtual space by viewers and fans of the show, the analysis and research of the narratives they were inserted by an important field of sources to discuss issues such as reception of the show, narratives of personal confessions and individual as well as the question to take sexual orientation and their conflicts. It was noticed that the internet was characterized as an important field used by viewers to discussions regarding the series as well as a virtual diary, being used as a kind of confessional. In this sense social networks and communities within these networks targeted to fans of the show, was an important means of approaching homosexual groups, generating relations of friendship and trust. The investigation of these areas has enabled us to realize historically, how, why, and how these relationships are established in contemporary society.

Keywords: Series; internet; homosexuality; television.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Personagens de <i>Queer as Folk</i> , versão inglesa	24
FIGURA 2. Personagens do seriado <i>The L. Word</i>	31
FIGURA 3. Cena do filme " <i>O segredo de Brokeback Mountain</i> "	32
FIGURA 4. Filme <i>Milk</i> : a Voz da Igualdade.	33
FIGURA 5. Tom Hanks e Denzel Washington em cena do Filme Filadélfia	33
FIGURA 6. Susan e Carol, do seriado <i>Friends</i>	35
FIGURA 7. Gráfico representando o aumento do uso da internet no Brasil	47
FIGURA 8. Justin Taylor – 1º temporada - último episódio	56
FIGURA 9. Brian Kinney	59
FIGURA 10. Michael Novotny	62
FIGURA 11. Super Rage – História em quadrinhos criada por Michael e Justin	65
FIGURA 12. Primeira página da comunidade do <i>Orkut</i>	76
FIGURA 13. Página inicial do grupo do <i>Facebook</i>	77
FIGURA 14. Página do <i>Yahoo Respostas</i> que explica sua função para os usuários	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: QUEER AS FOLK - OS ASSUMIDOS: MUITAS HISTÓRIAS	24
1.1: HOMOSSEXUALIDADES: ENTRE CONCEPÇÕES E NOVAS ABORDAGENS	37
1.2: HOMOSSEXUALIDADE A VENDA: UM NOVO PRODUTO PARA O MERCADO	41
1.3: TV, INTERNET E MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS	45
1.4: ENTRE BRIAN'S, MICHAEL'S E JUSTIN'S	53
1.4.1: “ACABEI DE VER O ROSTO DE DEUS E O NOME DELE É BRIAN KINNEY” - JUSTIN TAYLOR	56
1.4.2: "A MENOS QUE EU ESTEJA TRANSANDO COM VOCÊ, ISSO NÃO É DA SUA CONTA." - BRIAN KINNEY	59
1.4.3: “ESTE SOU EU: MICHAEL NOVOTNY, O CARA QUASE BONITO AO SEU LADO” - MICHAEL NOVOTNY	62
CAPÍTULO 2: ABREM-SE AS PORTAS DO “ARMÁRIO VIRTUAL”: O ASSUMIR-SE VIA INTERNET	66
2.1: DUAS MÃES E UM BEBÊ: A COMUNIDADE GANHOU UM NOVO MEMBRO	80
2.2: A NECESSIDADE DO FALAR DE SI: DIÁRIOS VIRTUAIS.....	88
2.3: CONFISSÕES DE ADOLESCENTES E ADULTOS.....	94
CAPÍTULO 3: IDENTIFICAÇÕES – MÓVEIS, VARIANTES, PARECIDAS, SEMELHANTES	106
3.1: “O FOGO GAY” DISCUTIDO EM <i>QUEER AS FOLK</i> - OS ASSUMIDOS.....	109
3.2: IDENTIFICAÇÕES	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo uma análise do seriado *Queer as Folk* (chamada no Brasil de “Os Assumidos”) a respeito de seus reflexos no campo virtual, especificamente a recepção nas redes sociais Orkut, Facebook e o site do Yahoo. Esta série televisiva traz para discussão temáticas relacionadas à diversidade sexual, principalmente à homossexualidade, bem como às formas de representação desta na televisão

Queer as Folk - Os Assumidos teve início em 2000 e terminou em 2005, nos EUA. Tem como temática central o cotidiano de um grupo de amigos homossexuais, pautando suas experiências, dramas, conflitos familiares, trabalho, filhos, amor entre muitas outras questões. A série foi vista como diferenciada e dotada de algumas perspectivas novas. Uma delas é o modo de representação dos personagens homossexuais, que agora se colocaram como centrais nos debates trazidos pela trama. Esse foi um dos aspectos que conduziram a análise desta pesquisa.

As temáticas discutidas por *Queer as Folk - Os Assumidos* durante os cinco anos de produção foram muito variadas e geraram debates de diferentes conteúdos pelos telespectadores. Vejamos um pequeno resumo das questões apresentadas pelo seriado: a primeira temporada, exibida de 03 de dezembro de 2000 a 24 de junho de 2001, contou com 22 episódios e a temática familiar foi explorada por meio do personagem Justin, que se deparou com a incompreensão e não aceitação, principalmente por parte do pai, de sua homossexualidade, acarretando problemas com sua família como um todo.

Durante a segunda temporada, com 20 episódios transmitidos entre 06 de janeiro de 2002 e 16 de junho de 2002, algumas questões centrais foram problematizadas, dentre elas o relacionamento amoroso entre as personagens Lindsay e Melanie e o casamento homossexual, nesse momento sendo representado por essas duas mulheres.

Questões políticas passam a ser abordadas com maior ênfase, trazendo para o debate o Dia do Orgulho Gay e a violência contra homossexuais, questão diretamente relacionada com a homofobia. A série pontua o descaso das autoridades policiais quando se deparam com crimes que têm disposição homofóbica. A religião também é um ponto de debate: *Queer as Folk - Os Assumidos* traz à tona a discussão em torno da proposta de uma *Igreja Gay*.

A terceira temporada teve 14 episódios e foi ao ar entre 03 de março de 2003 a 22 de julho de 2003. Os relacionamentos ainda estão no foco central das discussões de *Queer as*

Folk - Os Assumidos. As noções sobre família também não saem do centro do enredo, mas agora pontuadas pelas personagens Lindsay e Melanie pensando em ter outro filho e assim partindo para a escolha de um novo doador para a inseminação.

O uso de drogas também permeará as discussões. O personagem Ted Schmidt, que pode ser caracterizado como um homem de quase 40 anos, com baixa auto-estima, que se acha feio e pouco inteligente. Ele trabalha em uma empresa como contador, dedicado, preocupado com os amigos, mas teve problemas em se relacionar afetivamente e essa questão seguirá com ele em praticamente todas as demais temporadas. Ted passará abusar do uso de uma droga chamada Cristal¹.

A quarta temporada, com 14 episódios, foi apresentada entre 14 de abril de 2004 e 05 de abril de 2005. A luta contra o preconceito e a homofobia continua. O personagem Ted passa por um processo de recuperação em clínica para usuários de drogas. Nessa temporada há uma questão curiosa, pois os personagens debatem e colocam em cheque a legitimidade e a função dos órgãos que teriam como ponto principal a defesa dos direitos homossexuais.

Na quinta e última temporada, veiculada entre 22 de maio de 2005 e 07 de agosto de 2005 com 13 episódios, os ideais de gênero passam a ser mais abordados com o personagem Emmet Honeycutt, que no seriado é o personagem mais afeminado do grupo. É um homem carinhoso, trabalhador, cuidadoso, dedicado e extravagante. Durante as temporadas ele trabalhou em uma loja como vendedor de roupas, como astro pornô em um site na internet, empregado doméstico, promotor de festas, camareiro e por último apresentador de um quadro em um jornal da TV.

Emmet é contratado para fazer um quadro chamado “O cara Gay” em um telejornal. O que causa grande confusão é o fato dele não ser gay o bastante para os idealizadores do quadro. Isso quer dizer que embora ele seja o mais afeminado em *Queer as Folk* - Os Assumidos, ele ainda não contempla todos os estereótipos homossexuais.

A violência novamente passa a ser seriamente abordada. Crimes são remetidos a fanáticos religiosos que propagam palavras de ódio nas ruas da fictícia *Liberty Avenue*. A Boate tão frequentada pelos personagens, Babylon, explode, ferindo e matando várias pessoas. A causa da explosão é criminosa.

A problemática da política volta à tona, agora representada por uma lei que está para

¹ Esta droga tem fama de retardar a ereção masculina, assim sendo utilizada, também, para um maior desempenho sexual do usuário. Para saber mais acessar <http://www.quedroga.com.br/toxicos/cristal>.

ser votada, chamada de Proposta 14. Através dela vários direitos já adquiridos pelos homossexuais são colocados à prova e podem ser restituídos, ou seja, retidos de vigência. Importante compreender a série como um programa de TV que trouxe para a centralidade de suas temáticas e discussões um grupo minoritário, que são os homossexuais, sendo representados de uma forma considerada diferente daquilo que já havia sido feito em relação às demais representações homossexuais na TV. Esse fator causou uma maior identificação do telespectador. Ponto que os debates relacionados a esses grupos, quando visíveis no espaço público, trazem à tona questões como respeito à diferença, tolerância, identificações, etc.

Percebe-se uma gama enorme de aspectos que o seriado problematizou. Dessa forma precisei delimitar pontos para focar a investigação, caso contrário, cairia em uma análise superficial. Portanto, decidi enfatizar a visão dos telespectadores via internet.

Nesse sentido, foi importante investigar as narrativas provindas do campo virtual, ou seja, os relatos dos telespectadores nas redes sociais, a fim de ter uma compreensão mais ampla da receptividade do seriado. As redes sociais que analisamos foram basicamente o Orkut, que no início da pesquisa era campeão de usuários e também pelo conteúdo das discussões que lá estavam inseridas. Posteriormente, houve a inserção do Facebook na pesquisa por conta daquelas comunidades no Orkut terem se voltado para essa nova rede social. O que no Orkut era denominado “comunidade” no Facebook recebe a denominação de “grupo”, com estruturas diferentes.

Percebi que os depoimentos e narrativas inseridas no campo virtual muitas vezes ultrapassavam os limites das críticas e opiniões sobre a série. Muitos debates começavam com uma temática relativa a um único episódio ou uma temática abordada pela série, e passavam a contar com depoimentos individuais, confissões e experiências de vida que eram divididas com os demais membros da comunidade.

E por último incluí na pesquisa algumas narrativas encontradas no site Yahoo, em um campo nomeado Yahoo Perguntas. Este espaço é destinado para aqueles que têm dúvidas sobre qualquer assunto, tendo suas questões respondidas pelos próprios internautas. Digitando o nome do seriado *Queer as Folk* nesse espaço, muitas questões, reflexões e problemáticas apareceram, algumas bem interessantes (poderemos acompanhar esses escritos no decorrer dos capítulos), por isso a inclusão desta última fonte para pesquisa.

Meu primeiro contato com o *Queer as Folk* - Os Assumidos foi durante um Projeto de

Iniciação Científica (PIBIC), realizado no curso de História, em meados de 2008. As temáticas abordadas naquela pesquisa resultaram no meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em 2009, sendo ambos orientados pelo professor Dr. Robson Laverdi, realizados na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, intitulado *Os personagens homossexuais na trama televisiva: um estudo do seriado Queer as Folk (2001- 2005)*.

Em minha pós-graduação de Gestão em Ações Culturais, nível *lato sensu*, realizado pelo curso de Ciências Sociais, também pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, orientado pelo professor Ms. Antonio Pontes Filho, as dinâmicas relativas à orientação sexual e TV também foram abordadas. Esta pesquisa foi intitulada *Representações estampadas: um fino retrato da homossexualidade na TV aberta brasileira*. Procuramos fazer um estudo de caso sobre um personagem inserido em uma telenovela da Rede Globo de Televisão, abordando questões sobre homossexualidade e as formas de representatividade dos personagens na TV aberta brasileira, dando ênfase na telenovela.

O seriado chegou até minha pessoa via meu professor-orientador, que um dia trouxe alguns DVDs gravados de *Queer as Folk - Os Assumidos*, para que eu assistisse, me propondo que depois de vê-los conversáramos sobre ele. Isso ocorreu quase quatro anos após a série ser finalizada. Dessa forma tive meu primeiro contato com a ela, como muitos outros telespectadores também, de forma extemporânea, gravando-a em discos caseiros, outros fazendo *download* e acompanhando pelo computador. No meu caso, utilizei a internet para adquirir todas as temporadas, que somam cinco, e o especial *Saying Goodbye*, que foi apresentado antes do último capítulo da temporada final.

O trabalho metodológico para realização da pesquisa, primeiramente, se deu em frente à TV, ou seja, assistindo todas as temporadas. Anotei e cataloguei as questões trazidas pela série que considerei mais relevantes para compor um debate instigante. Episódio por episódio, fui anotando as problemáticas abordadas pelos personagens, bem como as mudanças de personalidade de cada um, os problemas que os afetavam, os debates e críticas relacionadas ao campo social que a série ia compondo em seu enredo.

Fazendo esse primeiro trabalho, pude ter uma visão mais ampla das questões recorrentes durante diversas temporadas. Posteriormente, analisei e fiz a captação do segundo campo de fontes, que eram os escritos provindos da internet. Fazendo um trabalho de investigação, de gravação das páginas virtuais, visto que a internet é um meio móvel, ou seja,

o que hoje pode estar disponível para acesso e visualização, amanhã pode não estar mais, procurei gravar, em *print screen* (foto da tela do computador) o maior número de páginas possível, em seguidas imprimindo-as para arquivá-las.

Trazer as inserções do campo da internet acompanhado das problemáticas abordadas em um programa de TV, aliando-os ao debate historiográfico é o desafio que propus nesta pesquisa. Analisar fontes provindas do campo virtual ainda é algo muito novo para os historiadores. Dessa forma as dificuldades se ampliam, visto que a bibliografia em torno das temáticas que envolvem a internet é bastante reduzida. Nesse caso, tive o apoio de autores e pesquisadores de outras áreas do conhecimento como a Comunicação e a Filosofia, o que pode se tornar uma questão muito rica do ponto da interdisciplinaridade.

Estamos vivendo a abertura de um espaço de comunicação novo e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas desse espaço nos planos econômicos, políticos, cultural e humano (LÉVY, 1999, p.11).

De acordo com o filósofo Pierre Lévy (1999), a cibercultura, ou seja, a cultura e sociabilidades apreendidas no campo virtual, expressam o surgimento de um novo universo. Esse universo que o outro pontua reflete um pouco daquilo que tentei explorar nessa pesquisa com base nos escritos, opiniões e vivências instigadas pelo seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*.

Como aporte teórico contei inúmeras vezes com Sofia Zanforlin, jornalista mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília, que escreveu um livro intitulado *Rupturas possíveis – representação e cotidiano na série os assumidos (Queer as Folk) (2005)*. Ela analisa as perspectivas da série. Nesta obra a autora discute problemáticas que envolvem a abordagem midiática e linguagem da TV relacionando-as com a cultura e a comunicação.

Zanforlin (2005) pontua os caminhos de sua pesquisa de forma metodológica. Ela aponta como elaborou as questões para discussão. A autora faz uma análise das cinco temporadas, dividindo-as em temáticas que ela considerou como mais importantes ou recorrentes. Assim ela se utiliza de falas dos personagens e construções de cenas para elucidar suas ideias.

Durante o texto, ela problematiza as relações de trabalho, militância, amor, família, sexo, etc. trazidas pelo seriado, relacionando essas questões com as cenas e diálogos dos

personagens durante os episódios. Considero o trabalho da autora um importante aporte teórico para este trabalho, visto que as duas pesquisas se apropriam do mesmo seriado de TV para compor a narrativa.

Ressalto que as problemáticas abordadas por mim são de outra categoria, visto que esta investigação é de caráter histórico, se apropriando dos métodos disponíveis dentro do campo da historiografia. Visei compreender a recepção dos telespectadores bem como os sentidos, significados e os desdobramentos sociais que o seriado obteve ao longo dos anos, tendo como base principal as comunidades e grupos inseridos nas redes sociais.

Devido às novas formas de reprodutibilidade que a internet propiciou, ela também se apresentou como um aporte importante nesta pesquisa. Por meio das contribuições virtuais dos telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* temos uma visão mais ampla do significado que o seriado teve para aqueles que o acompanharam.

Os relatos nas páginas virtuais permitiram maior compreensão não apenas da série, mas também das vivências e experiências, relatadas pelos internautas. Importante salientar que a série foi pensada para o público homossexual, mas não foi vista apenas por eles. Muitos heterossexuais também assistiram ao seriado e é possível perceber essa questão nos escritos das comunidades virtuais em formato de enquete, em que uma pergunta buscava apontar quem compunha o espaço virtual: gays? Lésbicas? Heterossexuais? Bissexuais? E a grande maioria se afirmou homossexual masculino.

Trabalhar com a internet foi árduo no que diz respeito ao aporte teórico e também de criar uma forma válida para que as fontes pudessem ser investigadas satisfatoriamente. As redes sociais ainda são algo bastante novo, mas cada vez mais vem ganhando adeptos. Assim, creio que não demore muito para que esse tipo de fonte venha a ser exaustivamente explorado. Não posso negar que muitos trabalhos foram e estão sendo realizados com esse objeto, pois estamos chegando a um momento em que questões vinculadas ao campo cibernético tomam uma importância cada vez maior.

Um dos problemas que tive foi o desaparecimento de muitas páginas, fóruns e tópicos que estavam alojados no site de relacionamento Orkut por conta do processo de migração dos usuários para o Facebook. Assim, as páginas anteriores passaram a ser pouco utilizadas, caindo gradativamente no desuso.

Um tópico que considerava mais rico em conteúdo foi apagado. Este fórum de

discussão levava o título de *Confesso que*. Todas as frases iniciais deveriam começar assim, sendo sucedidos por uma confissão. Consegui gravar algumas páginas, mas muitas acabei *perdendo*. No início notei que este debate contava com muitas contribuições e era um dos mais visitados, sendo todos os dias atualizado pelos internautas.

O Facebook aparece nesse contexto como a rede social que os internautas estavam mais se inserindo e utilizando. Senti a necessidade de incluir a nova rede social nas discussões visto que alguns daqueles internautas que eram membros das comunidades do Orkut passaram a acessar um grupo de discussões intitulado *Queer as Folk Brasil*. Percebendo a gama de possibilidades que a internet pode oferecer passei a utilizar, além das redes sociais, o site do *Yahoo*². Há questões como: quem conhece o seriado *Queer as Folk*? O que vocês acham do seriado *Queer as Folk*? Por que *Queer as Folk* é tão genial?

A escolha das comunidades virtuais do Orkut aconteceu por mim e se deu pelo fato de que havia me deparado com inúmeros espaços direcionados a telespectadores e fãs do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*. Naquele espaço os internautas escreviam suas opiniões e críticas sobre o seriado. Mas, além das questões diretamente relacionadas à série, muitos membros das comunidades passaram a fazer narrativas de suas próprias experiências de vida, como já salientamos. Como membro da comunidade, fui também percebendo essas dinâmicas e observando alguns pontos relevantes que eram levantados pelos internautas.

Alguns trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) foram muito importantes na construção dessa pesquisa, no que diz respeito ao referencial teórico. Vera Teresa Costa, em sua dissertação de mestrado apresentada em 2008 ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada *As Representações da homossexualidade feminina na esfera pública virtual*, debateu as problemáticas relacionadas à internet e mulheres homossexuais.

Costa (2008) investigou algumas listas compostas por mulheres no campo virtual com foco em suas narrativas. As listas que a autora se refere são semelhantes àquilo que conhecemos como salas de bate-papo. A diferença é que para se tornar um membro tem que ser aceita.

Entre outros assuntos ela problematiza o ideal de ciberespaço, ativismo político via internet, identidades, comunidades, etc. Pontua questões importantes. Considero este um

² No site no Yahoo as respostas às perguntas feitas pelos internautas são bastante instigantes e há participação considerável.

trabalho que trouxe novas perspectivas para o entendimento das dinâmicas virtuais, embora em minha pesquisa tenha abordado com mais ênfase os homossexuais masculinos,

Para o debate em torno da construção e processos dos movimentos homossexuais, Regina Facchini trouxe perspectivas novas sobre o campo do ativismo e da militância homossexual na dissertação de mestrado apresentada, em 2002, ao Programa de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), intitulada “*Sopa de Letrinhas?*” *Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo.*

Ela brinca em seu título com a quantidade de legendas que passaram a se formar, representando os diversos grupos homossexuais que se constituíam, dentre eles: CORSA, Grupo Somos e MHB. Facchini (2002) problematiza a ascensão e queda de muitos desses grupos. Com as discordâncias entre eles, acabam gerando fissuras e assim os dissidentes formam novas agremiações. Ressalto que ela pontua a questão da abertura política no Brasil, que contribuiu para que muitos desses movimentos se formassem.

A liberdade permitia que os homossexuais saíssem dos guetos para o público, podendo unir-se para conquistar seus direitos, embora ela afirme que após a redemocratização houve dificuldade de organização e atuação dos movimentos. A autora traça cronologicamente alguns “altos e baixos” das organizações. Na década de 1980 houve uma queda considerável dos grupos, mas percebe-se um ganho no que diz respeito às vitórias nos anos 1990. Usando o termo da própria autora: houve um reflorescimento dos movimentos homossexuais no Brasil.

O historiador Pedro Eurico Rodrigues, em sua dissertação de mestrado apresentada em 2012 ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), intitulada *Do on-line para o off-line: Sociabilidades e cultura escrita proporcionadas pela internet no Brasil do século XXI (2001 - 2010)*, discutiu questões vitais para meu trabalho. Faço tal afirmação pelo fato do autor ser da área da História e discutir o campo da internet; de utilizar como fonte algumas comunidades das redes sociais; e também por ser um trabalho bastante recente.

Rodrigues (2012) discutiu as sociabilidades possíveis no campo da rede mundial de computadores, as formas de escrita, o escrever de si. Debateu a volatilidade da internet, pontuando a noção de público e privado. Rodrigues teve como principal referencial teórico a História do Tempo Presente.

Trazer as inserções do campo da internet em companhia das problemáticas abordadas em um programa de TV, aliando-os ao debate historiográfico é um desafio ao qual me propus nesta pesquisa. Analisei fontes provindas do campo virtual, o que ainda é algo muito novo para os historiadores, embora tenha notado que o número de pesquisas abordando esta temática tenha aumentado consideravelmente nos últimos anos.

Para melhor compreensão das discussões deste trabalho, é importante trazer à tona algumas problemáticas relacionadas à diversidade sexual, especificamente a homossexualidade em seu conceito mais amplo. Para este debate teórico tive contato com alguns autores que se debruçaram sobre esse campo de pesquisa. Um deles foi James Green na obra *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 - 1980)* (2006). Este autor busca indícios da homossexualidade no período do Brasil Império, trazendo questões relevantes que vão desde os modos de vida, publicações pornográficas, discussão do termo homossexual, pederasta, uranista, a noção dos estereótipos, a ideia de cura, entre outras problemáticas.

Os autores Peter Fry e Edward MacRae, no livro *O que é homossexualidade?* (1983) pontuaram uma gama imensa de discussões relativas à homossexualidade no Brasil. Os autores, entre outras problemáticas, contribuem traçando um panorama do espaço cultural brasileiro, entre artistas e músicos que falavam sobre o assunto. Também comentam os grupos e movimentos que se encontravam em processo de organização, bem como as rixas que se constituíam entre as instituições, geralmente geradas por divergências internas e pelas diferenças identitárias.

Partindo para outro tipo de narrativa, utilizei a cargo de conhecimento e também para compor um contraponto a obra *Homossexualismo e Delinquência*, de Luiz Angelo Dourado (1963), médico psiquiatra que aborda a homossexualidade de um ângulo diferente. Ele compreende a diversidade sexual, principalmente a homossexualidade masculina, como doença e traça algumas relações com casos de delinquência. Atualmente, muitas afirmativas feitas na obra já foram amplamente debatidas, questionadas e derrubadas, sendo que poucos se arriscam a afirmar que as práticas afetivas entre pessoas do mesmo sexo são passíveis de cura (embora ainda existam exemplos na contemporaneidade) ou de relacionar homossexualidade com delinquência, por exemplo.

“A atração erótica do indivíduo para pessoa do mesmo sexo constitui a mais comum e

diferenciada das psicopatias sexuais” (DOURADO, 1963, p. 17). Essa é a primeira linha do capítulo de abertura da obra. Uma arriscada questão na atualidade, que ainda causa polêmicas, embora o Conselho de Medicina não considere mais as práticas homossexuais como patologias. Mas, creio ter sido importante lê-lo no que diz respeito à construção e a formação desses discursos.

No que diz respeito ao referencial teórico sobre usos da internet e mídias, além das dissertações citadas anteriormente, utilizei a Paula Sibila com a obra *O Show do Eu: A intimidade como espetáculo (2008)*. A autora abordou questões importantes para esta pesquisa, no que diz respeito às redes sociais e a atual “necessidade” de expor a intimidade em público via internet. Também discutiu a noção de web 2.0 que, segundo a autora, mudou as conexões no campo virtual. Sibila (2008) destacou uma relevante problemática, no que diz respeito aos usos da internet como diários virtuais, trazendo à tona as confissões públicas.

No debate referente às perspectivas televisivas, Irineu Ramos Ribeiro, com a obra *A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros (2010)*, abordou um leque gigantesco de problemáticas sobre as representações homossexuais na TV brasileira e as formas como são construídos esses personagens. O comércio voltado para o público homossexual também é discutido pelo autor, refletindo nesse contexto financeiro a Parada Gay, bem como problematiza as formas como a TV brasileira aborda esse evento.

Acrescentamos que partimos de um pressuposto relacionado à História do Tempo Presente para realizar as análises deste trabalho, visto que nos propusemos à investigação de uma problemática contemporânea, que ainda se encontra em construção. Compreendemos que trazer à tona fontes provindas do campo da internet é uma discussão atual, e assim não poderíamos deixar de visualizar essa linha historiográfica. De acordo com Rodrigues (2012):

A História do Tempo Presente vem tentando enfrentar esses problemas do presente, porém não foi a primeira a trabalhar nesta perspectiva. Já foram percebidas essas urgências do presente na primeira geração dos *Annales*, com Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929 e, desde então, vê-se um crescente nas pesquisas e nas metodologias ancoradas no presente (...). (RODRIGUES, 2012, p. 17)

Pensar na história do tempo presente é encontrar um problema sem muitas referências, em que tudo se encontra por fazer, como pontuado por Rodrigues (2012). Ou seja, uma

história que está se fazendo, em mudanças constantes. O trabalho do historiador nessa perspectiva é utilizar recursos tecnológicos apropriados e que satisfaçam sua narrativa.

Essas transformações constantes, decorridas de um tempo que ainda se encontra em processo, é uma das preocupações aqui discutidas, ressaltando que as fontes virtuais, de páginas da internet, são de grande importância para compreender e perceber as dinâmicas relacionadas à recepção do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos no Brasil*. Dentro desse panorama de inquietações e problemáticas, dificuldades e fatos inesperados aconteceram, afinal é a história em movimento. Fazendo uma analogia e se utilizando das palavras e frases provindas do campo virtual: é a interatividade em tempo real.

Assim, encontra-se um desafio: entender a internet como fonte para a História do Tempo Presente em interface com as diversas formas de ler e escrever que, através dos rastros e testemunhos deixados na rede mundial de computadores, amparados nas discussões da História da Cultura Escrita e Leitura (RODRIGUES, 2012, p. 26).

Não poderíamos deixar de citar o historiador francês Roger Chartier, aqui investigado, principalmente, em sua obra *A história cultural: entre práticas e representações (1990)*, por ele abordar de forma ampla o conceito de representação e cultura. Utilizamos muitas vezes a palavra representação para nos referir aos personagens criados no seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*. Assim sendo, trazer as noções do conceito cunhadas pelo historiador foi inevitável.

Chartier (1990) destaca o que ele entende por representações, dividindo-as basicamente entre individuais e coletivas, ressaltando que ambas contribuem para a produção de um discurso que por fim acaba por gerar ações práticas no contexto social. A percepção de representação para o autor também se refere à forma como as pessoas apreendem determinadas coisas, práticas ou ações culturais de seu campo social e de que forma elas refazem essas práticas, se apropriando delas, fazendo novos usos, construindo outros sentidos.

As representações que o autor ressalta são de certa forma reinventadas pelos grupos, que veem daquela forma parte da realidade que vivem. São situações recriadas, ou criadas, especialmente para aquela representação.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

De acordo com a fala do autor, notamos que o ato de representar algo, ou seja, as representações não são tidas como ingênuas ou neutras. Elas têm seus objetivos muito bem delineados e traçados por aqueles que as constroem. No que diz respeito ao seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* a visão dos autores e criadores vem imbuída naqueles personagens e situações. Dessa forma a esperança de conquistar um tipo específico de telespectador influenciou na criação de personagens facilmente identificáveis, os quais eles acreditaram que o público homossexual iria gostar. Sobre a ideia de neutralidade nas representações o autor é categórico:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (...) (CHARTIER, 1990, p. 17).

Percebe-se que Chartier (1990) problematiza questões que se relacionam com o poder, neste caso, concentrado nas representações do campo social, que são formuladas e criadas por aqueles que tentam legitimar seus modos de vida e suas apreensões do mundo em que vivem, qualificando-as como mais aceitáveis. Neste caso, a percepção que a neutralidade não está presente nas representações faz todo sentido.

Quanto à organização dos capítulos, ela se deu da seguinte forma. No primeiro, intitulado *Queer as Folk - Os Assumidos: muitas histórias*, trazemos à tona uma perspectiva mais ampla do seriado, abordando as construções dos personagens, as temáticas abordadas ao longo das cinco temporadas e o papel que eles assumiram ao trazer essa problemática. A ideia do primeiro capítulo é deixar ao leitor uma visão mais ampla do conteúdo tratado, bem como,

refletir a importância de um seriado homossexual naquele momento e o contexto histórico do período que contribuiu para que a série se tornasse um grande sucesso no meio homossexual.

Procuramos trazer para o texto alguns personagens centrais do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, embora partamos do pressuposto que a série não conta com um personagem protagonista. Todos em algum momento se tornam o foco das discussões, mas a escolha de Michael, Brian e Justin para uma reflexão mais avançada foi pelo fato deles serem os que estão interrelacionados com os demais, gerando os principais conflitos para as temáticas, mas nunca isoladamente, sempre em conexão com demais personagens.

A escolha também se deu pelas características desses personagens. Justin é o jovem descobrindo-se homossexual, querendo conhecer os prazeres e os dramas da vida. Brian é o homossexual que tem vários relacionamentos simultâneos, não quer se envolver somente com uma pessoa, mas aproveitar e se divertir. Michael é o mais responsável, preocupado, quer um relacionamento sério, um namoro. Prefere a discrição sobre a sua orientação sexual. Em seu grupo de amigos ele não vê nenhum problema em publicizar totalmente sua homossexualidade, mas no contexto social mais amplo prefere o reservado. Esses três podem ser compreendidos como os “modelos ideais”, aqueles que, de acordo com um senso comum, são mais visíveis no campo social.

No segundo capítulo desta pesquisa, intitulado *Abrem-se as portas do “armário virtual”*: o assumir-se via internet, abordamos as narrativas individuais inseridas nas redes sociais. Ressalto que os escritos dos internautas e telespectadores tinham relação com o seriado, mas ao longo dos debates e discussões passavam a ser narrativas pessoais, geralmente com a intenção de dividir com os demais suas aflições, opiniões e alegrias.

Nesses escritos, às vezes grandes depoimentos e outros apenas pequenas frases, percebeu-se a importância e os sentidos daqueles comentários para os usuários, que encontraram na internet um espaço para compartilhar suas experiências, sem medo de serem julgados ou mal-entendidos.

O escrever e o ler no virtual são entendidos por Chartier (2002) como a possibilidade de modificar, editar, cortar, copiar, ou seja, usar novos mecanismos que foram incorporados à escrita e à leitura frente à tela. No livro impresso, salienta o autor, que a única forma de subverter o texto dava-se através de escritas nas marginais e grifos que insinuavam, mas não modificavam o texto. No momento em que escrevemos na própria tela, o

texto poderá ser alterado e reescrito pelo leitor (...) (RODRIGUES, 2012, p. 30).

Rodrigues (2012) traz à tona a perspectiva da escrita virtual e a escrita dos livros e textos impressos. Citando o historiador Roger Chartier, ele demonstra a mobilidade que o campo virtual traz para o usuário, com possibilidades de interação com o escritor e com o leitor. Nessa gama de possibilidades, focamos as narrativas do *eu*, também percebendo que se assumir homossexual ou contar como foi o momento de publicização da orientação homossexual passou a ter importância muito grande.

A perspectiva de assumir-se também é pautada pelo seriado, em especial por Justin, o jovem experimentando suas primeiras experiências e amores. Nas comunidades notamos que grande parte do público frequentador é homem entre 15 e 40 anos, embora mulheres também participem, mas são minoria.

Refletimos no segundo capítulo os usos e apropriações do espaço virtual, bem como as histórias e experiências relatadas pelos internautas, focando as narrativas de relação e do assumir-se homossexual. Durante esse período de investigação, análise e reflexão desses escritos, percebemos que a internet se torna um veículo de compartilhamento e divisão de experiências de vida. Essa prática foi reformulada para o espaço público do campo virtual, pois abordamos as práticas anteriores do *escrever de si*, refletidas nos diários íntimos, escritos geralmente por mulheres no intuito de deixar registrados seus pensamentos e experiências do cotidiano.

As redes sociais, bem como as comunidades e grupos nela inseridos, atualmente refletem a prática da escrita dos diários. O grande diferencial é que os cadeados e o sigilo que um diário pessoal exigia agora é publicizado, compartilhado com amigos nas páginas da internet. Cria-se um campo de exposição pessoal, de querer que as pessoas leiam, reflitam e comentem sobre aquilo que se escreveu, algo impensável *no tempo do* diário pessoal, que deveria ser o mais secreto possível.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado *Identificações: móveis, variantes, parecidas, semelhantes*, discutimos as identificações dos internautas com a série com base nos comentários feitos por eles. Passeamos pelas comunidades virtuais, buscando identificar quais eram os personagens que contavam com maior identificação do público brasileiro de *Queer as Folk* - Os Assumidos. Também, procuramos perceber os motivos que os levaram a crer que

poderiam se identificar melhor com determinado personagem, ou seja, quais eram as características que mais se assemelhavam com as dos telespectadores.

É fato que as identidades não são únicas e muito menos estáticas. Elas se alteram dependendo do contexto social que estamos vivendo. Os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* também passaram por processos de mudanças em suas características ao longo dos cinco anos de produção do seriado.

Nesse processo, nota-se a importância que o seriado passou a ter na vida dos telespectadores, principalmente os homossexuais. Logicamente que não podemos generalizar, pois houve também muitos depoimentos em que o telespectador avalia a série como apenas mais uma da qual ele não se identificava nem um pouco. Eu, como membro não homossexual e pouco atuante nas comunidades virtuais, que apenas visualizava a movimentação e raramente dava alguma opinião, pude notar vários movimentos dos quais somente quem acompanhava as dinâmicas diariamente poderia perceber, como o sumiço dos fóruns que se encontravam na página de *Queer as Folk - Os Assumidos* no Orkut.

CAPÍTULO 1: *QUEER AS FOLK* – OS ASSUMIDOS: MUITAS HISTÓRIAS

“*Em janeiro entre no mundo de Brian, Michael, Justin, Emmet, Ted, Lindsay e Melanie*”³. Essa era a chamada televisiva de um novo seriado que teria início em janeiro de 2000 nos Estados Unidos. A exibição seria por conta do canal *Showtime* e traria como temática central a homossexualidade em um panorama ampliado. Trata-se de *Queer as Folk* que no Brasil foi traduzido como *Os Assumidos*⁴.

Queer as Folk - *Os Assumidos* foi inicialmente produzido de forma independente no Reino Unido pela *Red Production Company* para o canal *Channel 4*, em 1999. O seriado teve duas temporadas entre 23 de fevereiro 1999 a 22 de fevereiro de 2000. A versão inglesa foi idealizada por Russel T. Davies e focava o cotidiano de três amigos homossexuais: Stuart, Vince e Nathan, em Manchester, na Inglaterra.



FIGURA 1. Personagens de *Queer as Folk*, versão inglesa.

Fonte: <http://foros.vogue.es/viewtopic.php?f=8&t=151832&start=75>

Essa produção contou apenas com duas temporadas e acabou cancelada. Os motivos que culminaram no cancelamento do seriado não são conhecidos oficialmente pelo público. De acordo com Sofia Zanforlin (2005), a versão inglesa foi cancelada por conta de um não

³ Este vídeo promocional pode ser acessado em <http://www.youtube.com/watch?v=sJ6N0918EIQ>. Acesso em 09-11-2012.

⁴ Nesta pesquisa adotaremos a nomenclatura em inglês *Queer as Folk* acompanhada pela tradução feita no Brasil, dessa forma *Queer as Folk* - *Os Assumidos*.

acerto entre produtores e atores sobre os cachês. O programa passou então a ser produzido nos Estados Unidos e no Canadá, respectivamente, pelos canais *Showtime* e *Temple Street Productions*, e foi exibido nesses dois países pelos canais *Showtime* e *Showcase*. Foi transmitido entre 03 de dezembro de 2000 e 07 de agosto de 2005 nos EUA, e de 22 de janeiro de 2001 a 15 de agosto no Canadá 2005.

Ao trabalhar com uma série de TV como *Queer as Folk - Os Assumidos*, que traz à tona as problemáticas relacionadas às dinâmicas sexuais, mais especificamente a homossexualidade, pontuo que a série deve ser contextualizada para compreendermos quais os fatores que influenciaram, permitiram que ela fosse possível e também para que ela pudesse ser construída da forma que foi. Podemos perceber uma questão relacionada com as lutas homossexuais ao longo dos anos, relacionando política, sociedade e direitos.

Queer as Folk - Os Assumidos foi adaptado por Ron Cowen e Daniel Lipman. Essa versão estadunidense teve cinco temporadas. O seriado foi distribuído pela *Warner Bros. Television*. O nome da série permaneceu o mesmo, que brinca com um ditado popular "ninguém é tão estranho como nós" ("*nobody is so weird as folk*") transformado e parafraseado em "ninguém é tão gay como nós" ("*nobody is so queer as folk*")⁵.

Substituindo a palavra *weird* por *queer*, esta última agrega uma conotação homossexual que pode ser explicada pelo fato do aparecimento dos estudos *Queer*, que entraram em cena como uma possibilidade de estudar de forma mais profunda as práticas e vivências de grupos GLBT's.

Queer pode ser traduzido como “estranho” ou “esquisito”, mas historicamente acabou se caracterizando de outras formas, bem como foi ganhando novas concepções e significados. Do literal “estranho”, passou a ser compreendida como gay, lésbica, “bicha” homossexual, e por um longo tempo teve um caráter pejorativo, considerado ofensivo. Mas, as significações das terminologias ou termos, utilizados na História e também em outras ciências, têm suas compreensões, significados e entendimentos estabelecidos de acordo com o contexto atual da sociedade, ou seja, são construções históricas.

Queer as Folk - Os Assumidos, como já dito anteriormente, contou com duas versões: a britânica e a estadunidense. Esta segunda se tratou de uma coprodução inglesa, tendo algumas alterações no roteiro, como a inserção de mais personagens centrais. No Reino Unido o seriado tinha como foco três personagens e a estadunidense conta com nove personagens

⁵ Pode ser acessado em <http://orangotag.com/show/index/1619?page=36>- Acesso em 02-06-2012.

principais, sem contar aqueles que foram inseridos ao longo das temporadas e também os que apareceram apenas em alguns episódios. As cenas de nudez e sexo foram mais exploradas nos Estados Unidos.

A série foi um sucesso de público e de crítica. Muitos a apontam como um marco na luta pelos direitos LGBT's. Por onde passou o seriado ganhou muitos fãs e “seguidores” que até hoje se lamentam pelo fim da série, pedem sua volta ou até mesmo uma versão em filme do seriado.

No Brasil o seriado também foi exibido nas versões britânica e a estadunidense, e não há dúvidas que a versão produzida nos EUA teve maior aceitação pelos telespectadores. A *Queer as Folk* britânica foi exibida pelo *Eurochannel* no Brasil em 13/09/2000 e reprisada em 24/06/2001 devido a alguns pedidos que a emissora recebeu via e-mails, telefonemas e cartas em que os telespectadores pediam que a série fosse apresentada novamente.

Em 2001 a HBO aderiu aos direitos da série e passou a transmitir a versão estadunidense através do canal CINEMAX. A série foi traduzida como *Os Assumidos*, título muito contestado por alguns telespectadores, mas foi assim que ela ficou conhecida no Brasil. Em Portugal foi traduzida como *Diferentes como nós*, que de certa forma chegou mais perto do título original.

O seriado tinha como objetivo central debater as problemáticas e questões que envolviam o cotidiano de um grupo de homossexuais, trazendo os personagens homossexuais para a centralidade da trama. Assim, os telespectadores seriam apresentados e passariam a acompanhar as aventuras de Michael, Brian, Justin, Ted, Emmett, Lindsay e Melanie.

Queer as Folk - Os Assumidos foi considerado um seriado inovador, dotado de características que anteriormente não haviam sido exploradas nas produções televisivas que contavam com personagens homossexuais. Representá-los de forma central e não como personagens secundários ou engraçadinhos pode ser considerado uma ruptura no que diz respeito à construção das tramas.

Em *Queer as Folk* - Os Assumidos eles são os atores principais e coadjuvantes da história. Essa pode ser uma novidade, visto que a TV (aqui estou me remetendo às produções brasileiras) de longa data já haviam inserido personagens homossexuais em sua programação, mas com a peculiaridade de que esses personagens vinham sendo abordados de forma muito igual e muitas vezes desrespeitosamente. Zanforlin (2005) traz a público algumas falas de Daniel Lipman, um dos produtores da série da versão estadunidense, que diz o seguinte, sobre

a maneira como o seriado foi organizado, pensado e construído:

Sentimos que era muito importante que se passasse numa típica cidade de classe média americana como Pittsburgh. Quisemos que se tratasse mais sobre pessoas que podemos encontrar na porta ao lado (ZANFORLIN, 2005, p. 60).

Percebe-se que Lipman traz à tona a ideia de proximidade, de assistir algo na TV e conseguir visualizar a si próprio naquele contexto. Isso é bastante recorrente nos escritos dos telespectadores via comunidades virtuais, como veremos mais adiante. Mas, é notável que a ideia de identificação é bastante importante. No entanto, há uma necessidade do autor e roteirista trazerem os personagens para perto do público ou vice-versa, de sentir-se representado, de compreender que aqueles personagens podem ser encontrados no cotidiano de qualquer pessoa, que se tratasse de algo comum para os telespectadores. Em outra entrevista concedida ao canal *Showtime*, Ron Cowen, o segundo produtor do seriado, aponta a seguinte questão:

Primeiro, nós fizemos (o seriado) para nos divertir, nós podemos ter bons momentos e dizer o que realmente queremos dizer. Segundo, nós o fazemos para nossos amigos gays e para uma audiência gay, nós nunca pensamos - e não digo isso para insultar - em hétéros quando escrevemos o seriado. Nós não pensamos, “Ó, será que vamos ofendê-los”? (ZANFORLIN, 2005, p. 61).

Cowen aparenta um ar descontraído ao falar de sua obra e afirma que havia uma necessidade de dizer coisas que, anteriormente, não haviam sido ditas e que isso era divertido. Mas, devido ao sucesso que *Queer as Folk* - Os Assumidos conquistou e considerando a grande audiência, fica uma questão importante: até que ponto essa perspectiva impessoal e despreocupada com a série é tangível? A fala pode parecer ser de um homossexual se direcionando para outros homossexuais, a princípio uma fala autorizada entre o vivido e o representado, daquele que tem conhecimento de causa.

Ele se remete “aos nossos amigos gays”; é algo de quem está dentro de um grupo e não observando de fora. Cowen ainda fala sobre as cenas de sexo inseridas em *Queer as Folk* - Os Assumidos e comenta sobre o assunto:

Eu diria que as reclamações que mais me chateiam são as do público gay. Quando ouço “Oh, os gays são estereotipados, há muito sexo, o sexo é gratuito”. Francamente, nós fazemos sexo, pelo menos eu estou fazendo sexo no seriado, e não quero que soe pretensioso, mas faço isso mais por motivos políticos do que por titilação. Temos assistido heterossexuais fazendo sexo em filmes desde que nascemos, então penso que temos cerca de 35 anos para alcançar, é nossa vez de fazer sexo. Quero que heterossexuais continuem nos assistindo fazendo sexo até que se torne absolutamente entediante, que eles não se importarão mais. Penso que assim teremos dado um passo à frente. Quero que sexo gay se torne desinteressante (ZANFORLIN, 2005, p. 61/62).

O sexo explorado na série se caracteriza como um importante fator identificatório. As relações sexuais homoafetivas têm um espaço considerável nos episódios de *Queer as Folk - Os Assumidos*. Logo nos primeiros episódios da primeira temporada percebe-se que o sexo compõem o enredo do seriado. Logicamente não se trata de sexo explícito, de cunho pornográfico, mas não há nada subentendido e as cenas de relações sexuais entre dois homens ou duas mulheres são constantes.

Os relacionamentos afetivos e amorosos entre os personagens são também uma marca importante da série, visto que uma das propostas era tornar os personagens ficcionais parecidos ou semelhantes com as pessoas que viam o programa. Dessa forma não teria como negligenciar a questão relativa ao sexo. Creio que mostrar essas relações também pode ter sido um fator que fez com que tantos telespectadores se vissem representados, diferentemente de outros programas, os quais têm em seu núcleo personagens homossexuais e não há cenas de beijo, abraços e muito menos sexo.

Em *Queer as Folk - Os Assumidos* as experiências sexuais dos personagens são retratadas de uma forma em que a ideia principal não é causar polêmica em torno de uma cena e sim de uma representação verossimilhante. Mencionamos a questão da polêmica por conta das constantes discussões entre autores de novelas brasileiras, se haverá ou não *beijo gay*. É só um autor de roteiros de novelas, anunciar que a produção contará com personagens homossexuais e a mídia já parte para as perguntas relacionadas à questão do beijo.

No Brasil ainda se discute um beijo na boca entre pessoas do mesmo sexo, se isso pode ser vinculado em telenovelas, seriados e minisséries sem acarretar perda de audiência, manifestações contrárias e indignadas com a *ousadia* do escritor. Os próprios atores que interpretam personagens homossexuais entram em conflito com o tema, caso recente do ator Marcelo Serrado que interpretava um gay afeminado na novela *Fina Estampa*⁶, da Rede Globo de Televisão. Apesar do ator interpretar o personagem, em seu Twitter pessoal declarou que não gostaria de ver um beijo homossexual na novela, nem menos que sua filha de sete anos visse a cena⁷.

Uma complicada relação que envolve as noções de conservadorismo, de família, religiosas, que partem geralmente dos princípios do que é certo e do que é errado, do que pode e o que não pode ser apresentado em TV aberta, e aquilo que deve ficar somente nas entrelinhas e não ser abordado de forma explícita. Ainda se trata o tema como um tabu, em que nada pode ser vinculado na TV, nada relacionado a relações homoafetivas, enquanto o sexo heterossexual pode ser visto quase que cotidianamente em horário nobre da televisão brasileira.

Percebe-se que o sexo possui um significado importante para aqueles que concebem o seriado. Assim como na versão norte-americana, a inglesa também enfatizava as mesmas cenas. Porém, o que se questiona na investigação do seriado não é tanto o significado dessas cenas; tendo a acreditar, inclusive, que se trate realmente de um passo ousado na reformulação dos papéis representados pelos homossexuais nos produtos culturais massivos (ZANFORLIN, 2005, p. 63).

Durante as duas primeiras temporadas é notável que as cenas de sexo são mais constantes e que a partir da terceira temporada percebe-se que isso já não é tão presente. Não afirmamos que não há sexo em todas as temporadas, há sim, mas são cenas menos frequentes, que aparecem ocupando um tempo menor.

Entendemos que essa questão pode ser explicada devido ao fato das discussões problematizadas pelo seriado tomarem outra proporção, pois são incluídos debates sobre

⁶ *Fina Estampa* é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, de 22 de agosto de 2011 a 23 de março de 2012, em 185 capítulos. Para saber mais acessar http://pt.wikipedia.org/wiki/Fina_Estampa. Acesso em 20-01-2013.

⁷ Ver mais em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1030851-sucesso-como-cro-marcelo-serrado-e-contrabeijo-gay-em-novela.shtml>. Acesso em 15/06/2012.

política, homofobia, violência, e portando o sexo passa a ser parte das cenas, tendo uma disposição menos central durante os episódios. E por último, a noção de “chocar” o telespectador nas primeiras temporadas, conquistar o público, visto que o programa foi pensado para essas pessoas, via cenas de sexualidade e sexo, na tentativa de demonstrar que aquele ali era realmente um programa diferente, que viria para marcar e constituir rupturas.

As mudanças das representações homossexuais na TV também foram possíveis devido à quebra de valores e noções socialmente estipuladas de seus produtores, roteiristas e também aqueles que apostaram que uma série polêmica poderia fazer um grande sucesso.

Essa tentativa de rompimento com os padrões socialmente construídos e tidos como regras, que vários programas que contam com personagens homossexuais representam, pode ser observada em *Queer as Folk - Os Assumidos*. Importante que se aponte esse fato, pois é isso que tende a tornar o programa diferente e que faz com que muitos telespectadores, e até mesmo os atores que compõem o elenco, vejam a série como um marco televisivo no que diz respeito às construções homossexuais na TV. Dessa forma, abrindo portas para que outros programas que contam com homossexuais em suas tramas os representem de um modo menos caricato. Um exemplo disso pode ser a série *The L Word*⁸.

O seriado *The L. Word* também é uma produção estadunidense que pode ser vista como semelhante ao seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, mas em vez de pautar o cotidiano de homossexuais homens tratou de explorar as problemáticas enfrentadas por lésbicas e bissexuais. Esse seriado foi ar pelo canal *Showtime* nos EUA e *Showcase* no Canadá (os mesmos de *Queer as Folk - Os Assumidos*) no ano de 2004. Contou com seis temporadas e 70 episódios.

A data de estreia, a temática e as demais semelhanças com *Queer as Folk - Os Assumidos* não são meras coincidências.

⁸ *The L. Word* é uma série de TV criada nos Estados Unidos, em que a temática central é o cotidiano de um grupo de lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles, Califórnia. Para saber mais acessar <http://www.thelwordonline.com/>. Acesso em 11-11-2012.

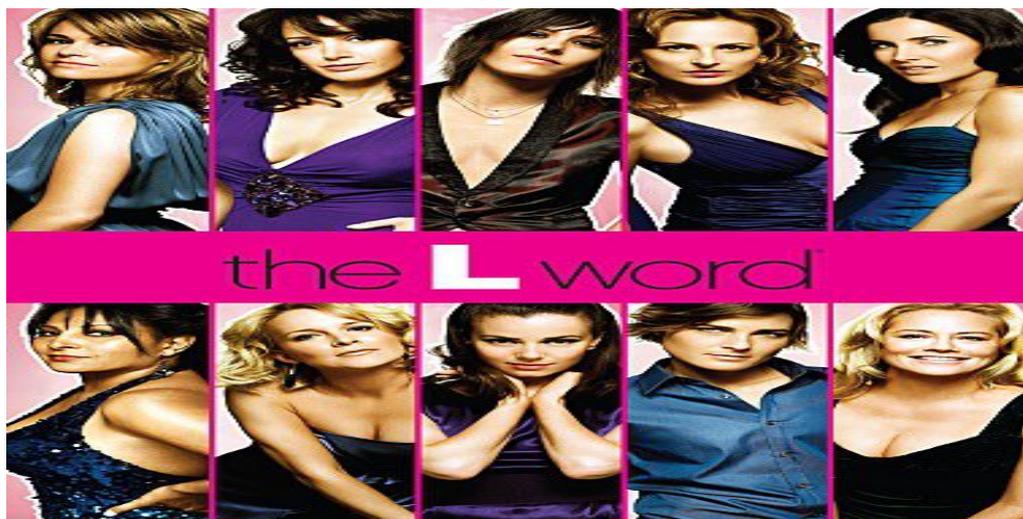


FIGURA 2. Personagens do seriado *The L. Word*.

Fonte: <http://www.assistindo.net/2012/02/assistir-l-word-1-6-online-baixar.html>

Após o sucesso de *Queer as Folk - Os Assumidos* que foi transmitido em diversos outros países e continentes, muitas outras produções foram ganhando espaço e público. Dessa forma o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* foi um escopo para que demais programas com temática homossexual fossem ao ar. O público disposto a acompanhar uma trama essencialmente homossexual. Podemos ressaltar que a série só foi possível devido a um público que percebia a representatividade na TV como pobre e carecia de alguns fatores, dentre eles a possibilidade de visualizar um protagonista homossexual, e também uma representação mais compatível com as realidades vividas.

Vários filmes com temática homossexual podem ser exemplificados. São produções anteriores e posteriores ao seriado, o que nos remete a pensar que *Queer as Folk - Os Assumidos* de fato, pode ter aberto algumas portas que jamais serão fechadas no que diz respeito à temática homossexual e às representações midiáticas. Dentre esses filmes, podemos citar *O Segredo de Brokeback Mountain*, que foi baseado em um roteiro publicado em uma revista nos Estados Unidos em 1997.

O filme é uma narrativa baseada no romance de Annie Proulx que ficou engavetada até a produção do filme. A produção contou com o astro Heath Leader como um dos atores principais e foi produzido por Ang Lee em 2005, lançado em fevereiro de 2006 e distribuído pela Europa Filmes⁹. A história retrata o romance entre dois *cowboys* que se apaixonam

⁹ Mais informações sobre a obra cinematográfica em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-54989>. Acesso em 10-11-2012.

durante uma temporada em que trabalham juntos.

O fato é que ambos são casados, têm mulheres e, ao longo do filme, filhos. Pois o romance dura mais de 20 anos. Eles se encontram em temporadas de trabalho, ou seja, anualmente. A problemática perpassa pelo fato de o relacionamento permanecer sigiloso, com apenas um tom de confiança das esposas. A perspectiva que gira em torno do segredo de ambos os *cowboys* acaba sendo prejudicada quando o sentimento é mais forte e se encontrar apenas uma vez por ano já não é o bastante.



FIGURA 3. Cena do filme "*O segredo de Brokeback Mountain*".

Fonte: <http://www.tocadoelfo.com.br/2008/05/o-segredo-de-brokeback-mountain.html>

O filme foi classificado como drama/romance. A trama se passa em 1963, o que é um dado interessante que pode ajudar o telespectador a compreender algumas dinâmicas do filme, como por exemplo, o fato dos personagens tentarem negar a paixão que sentem um pelo outro e voltarem a viver em uma família tradicional ao lado de suas mulheres e filhos.

O filme *Milk - A Voz da Igualdade*, de 2009, dirigido por Gus Van Sant¹⁰ e produzido pela *Universal Pictures*, também pode ser citado como um filme com temática homossexual. Ele pode ser visto como biográfico, por conta da trama pontuar a vida de Harvey Milk e sua militância política até ser eleito para o cargo de supervisor da cidade de San Francisco em 1977, sendo o primeiro homossexual a assumir um cargo público nos Estados Unidos. O

¹⁰ Milk – A Voz da Igualdade, para saber mais sobre o filme acessar <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130781/> Acesso em 11-11-2012.

personagem principal Harvey é interpretado por Sean Penn, que também pode ser considerado como um ator renomado.

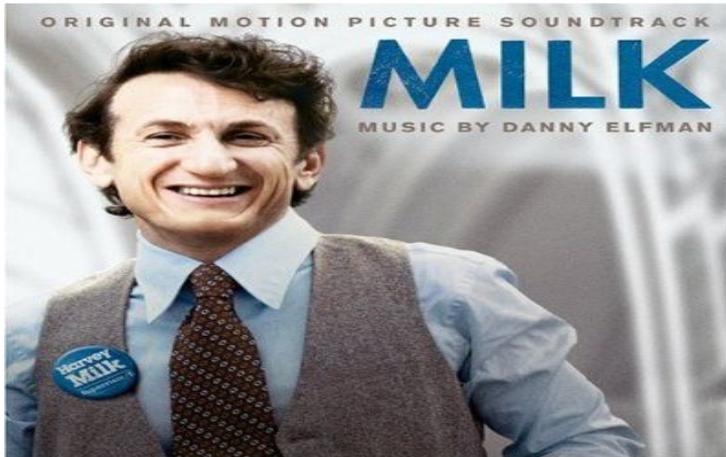


FIGURA 4. Filme *Milk*: a Voz da Igualdade.

Fonte: <http://www.partes.com.br/cultura/cinema/milk.asp>

Logicamente poderíamos citar diversas outras obras que trazem como temática central a homossexualidade, assim como o filme *Filadélfia*¹¹, de 1993, que também conta atores famosos como Tom Hanks no papel de Andrew Beckett e Denzel Washington como Joe Miller.



FIGURA 5. Tom Hanks e Denzel Washington em cena do Filme *Filadélfia*.

Fonte: <http://bom-era-quando.blogspot.com.br/2011/07/filadelfia-o-filme.html>

¹¹ Para saber mais acessar <http://www.texton.com.br/resenhas/215>. Acesso em 21-02-2013.

O filme pontua o drama de Beckett, um jovem advogado homossexual que processa uma grande empresa onde trabalhava por preconceito, após ter sido demitido quando seus superiores descobriram que o colaborador tinha o vírus da AIDS.

Nesse filme a abordagem é um tanto diferenciada, pois não contamos com cenas de romance, sexo e carinho entre os personagens centrais, como acontece nas outras duas obras filmicas citadas e como podemos encontrar no seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*. Entende-se que a disposição é outra.

Assim, nos filmes decorrentes dos anos 2000 em diante encontramos uma nova percepção de representatividade no que diz respeito aos personagens homossexuais, isso em relação aos filmes que atingem grande público e de bilheterias gigantescas, pois nas obras cinematográficas de menores investimentos e propagandas muitas coisas foram produzidas ao longo dos anos, a diferença é a proporção que elas têm em relação ao público.

Mesmo os filmes citados nesta pesquisa, como o mais antigo, *Filadélfia*, e *O segredo de Brokeback Mountain*, é possível notar uma disposição diferente em relação às representações homossexuais. O primeiro ousa menos no que diz respeito às cenas de amor e carinho entre os dois personagens principais e homossexuais da trama, podemos levar em consideração o fato do enredo do filme focar as discussões decorrentes da AIDS; já no segundo, as cenas são mais explícitas, exploradas um número maior de vezes.

Queer as Folk - Os Assumidos, assim como tem influenciado um novo tipo de representatividade homossexual em alguns seriados, como o *The L Word*, pode também ter influência direta ou indireta nos filmes homossexuais realizados pela indústria cinematográfica. Os personagens da série podem, sim, ter sido uma base muito forte para muitas novidades televisivas.

Recordamos que o seriado *Friends*¹² também contou com um casal de lésbicas, Carol (interpretada por Jane Sibbett) e Susan (interpretada por Jessica Hecht). *Friends* é um seriado estadunidense que teve aproximadamente 10 anos de produção, de 1994 a 2004. A temática da série girava em torno de um grupo de amigos representando suas vivencias diárias.

Carol é ex-mulher do personagem Ross (interpretado por David Schwimmer), engravida de Ross e logo conhece sua nova paixão: Susan. Assim, ela se separa do marido e passa a viver com a nova parceira.

O seriado vai acompanhar essa relação familiar até o nascimento do bebê,

¹²Para saber mais sobre o seriado acessar <http://pt.wikipedia.org/wiki/Friends>. Acesso em 27/11/2012.

demonstrando os conflitos entre Ross e Susan. *Friends*. As personagens aparecem na primeira temporada, mas como em outros programas televisivos, elas são personagens secundárias da trama.



FIGURA 6. Susan e Carol, do seriado *Friends*.

Fonte: <http://minhamaemedisse.wordpress.com/>

As personagens são coadjuvantes da história, não aparecem nem na abertura do seriado, embora tracem uma perspectiva muito instigante no que diz respeito às formações de novas famílias, que neste caso é formada por duas mães e um pai. O seriado *Friends* trazia à tona em meados de 1994 a discussão sobre homoafetividade, mas ainda de uma forma bem sutil, sem causar grandes polêmicas, afinal a série era considerada um *sitcom*¹³, ou seja, uma comédia do cotidiano.

A série *Queer as Folk - Os Assumidos* é composta de alguns personagens centrais, que aparecem desde a primeira temporada e permanecem até o final, e outros transitórios, que surgem e desaparecem da trama. Assim, ela é composta pelos seguintes personagens¹⁴. Lindsay Pettersen, é representada pela atriz Thea Gill. Ela é uma mulher carinhosa, feminina, amorosa, preocupada com sua família, compreensível, inteligente e educada. Tem um

¹³ *Sitcom*: Programa de humor. A palavra é uma abreviação de *situation comedy* (comédia de situação). É um estrangeirismo usado para designar uma série de televisão com personagens comuns onde existem uma ou mais histórias de humor encenadas em ambientes comuns como família, grupo de amigos, local de trabalho. Em geral são gravados em frente de uma plateia ao vivo e caracterizados pelos "sacos de risadas", embora isso não seja uma regra. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sitcom> – Acesso em 20/12/2012.

¹⁴ As descrições dos personagens foram impressões minhas baseadas nos episódios do seriado e em algumas críticas e artigos lidos sobre *Queer as Folk - Os Assumidos*.

relacionamento estável de quase 10 anos com a personagem Melanie. Lindsay acaba de ter um filho, um menino batizado de Gus.

Melanie Marcus é interpretada por Michelle Clunie, representando uma advogada, insensível, rígida, correta, trabalhadora. Mel ama seus amigos, mas não se preocupa em demonstrar isso a todo momento, mas é uma boa amiga e ao longo das temporadas se mostra uma *mãe* preocupada e dedicada.

Ted Schmidt, interpretado pelo ator Scott Lowel, pode ser caracterizado como um homem de quase 40 anos, com baixa autoestima, se achando feio, pouco inteligente. Trabalha em uma empresa como contador. Dedicado e preocupado com os amigos, terá problemas em se relacionar afetivamente e essa questão seguirá ele em praticamente todas as temporadas. Ted passará a abusar no uso de uma droga chamada Cristal¹⁵.

Emmet Honeycutt, interpretado pelo ator Peter Paige, que no seriado é o personagem mais afeminado do grupo, é um homem carinhoso, trabalhador, cuidadoso, dedicado, extravagante. Durante as temporadas ele trabalhou em uma loja como vendedor de roupas, como astro pornô em um site na internet, empregado doméstico, promotor de festas, camareiro e por último apresentador de quadro em um jornal da TV.

Ben Bruckner, vivido pelo ator Robert Gant, um professor universitário, de aproximadamente 35 anos, bonito, másculo, gentil, inteligente. Tem sua estreia no seriado na terceira temporada e logo passa a se relacionar com Michael, o qual acaba se tornando seu namorado, posteriormente seu marido. Ben é HIV positivo e constantemente sofre o drama de estar próximo da morte.

Debbie Novotny é interpretada por Sharon Glees, a mãe cuidadosa de Michael. Esta personagem é um tanto peculiar em toda a trama. Debbie trabalha em uma lanchonete na *Liberty Avenue*, é atenciosa e diz o tempo todo ter orgulho de seu filho homossexual. Compreensiva e amiga de todos os personagens, mas não poupa discursos repreensivos quando algum dos personagens está fazendo algo que ela considera errado.

Vic Grassi, interpretado pelo ator Jack Wetherall, é um homem de aproximadamente cinquenta anos, HIV positivo, solitário, que mora com a irmã Debbie e o sobrinho Michael. Fica a maior parte do tempo no espaço privado da casa, pouco sai. Sente-se um peso para sua família por não poder mais trabalhar e estar doente. Vic morre na quarta temporada devido a

¹⁵ Esta droga tem fama de retardar a ereção masculina, assim sendo utilizada, também, para um maior desempenho sexual do usuário. Para saber mais acessar <http://www.quedroga.com.br/toxicos/cristal>.

complicações de saúde por conta do HIV.

Blake aparece na primeira e na quarta temporada, vive um relacionamento amoroso complicado com Ted. Em suas primeiras aparições Blake vive um viciado, aquele que ajuda a causar o coma devido ao uso de uma droga em Ted. Na quarta temporada ele reaparece reabilitado e passa a ajudar Ted a sair de seu vício em drogas.

Daphne Chanders, melhor amiga de Justin, interpretada por Makyla Smith, geralmente aparece nas cenas junto com Justin, acompanhando-o, ajudando-o.

David Cameron, vivido por Chris Potter, é o namorado de Michael no período da primeira temporada. Eles acabam indo morar juntos e viajando. Mas o relacionamento termina e Michael começa a segunda temporada sozinho, de volta a Pittsburgh.

Jen Taylor, interpretado por Sherry Miller, é a incompreensiva mãe do jovem Justin nas primeiras temporadas. Uma personagem que muito mudou, primeiramente foi apresentada como uma mulher do lar, dedicada aos filhos e à família. Posteriormente aparece como grande amiga de seu filho homossexual e também uma militante junto com Debbie. Jen se divorcia do marido e volta a trabalhar como corretora de imóveis. A personagem assume uma postura mais independente.

Chris Hobbs, interpretado por Alec McClure, participa apenas na primeira temporada como um colega homofóbico da escola em que Justin estuda. Uma curta participação, mas muito simbólica, pois é Chris que agride violentamente Justin no dia da formatura da escola. O motivo da ação violenta é o fato de Brian e Justin dançarem a valsa juntos.

Hunter (James Montgomery), interpretado por Harris Allan, entra na trama nos períodos da terceira à quinta temporada. Um adolescente HIV positivo que se prostitui nas ruas. É encontrado por Ben e Michael. O casal leva o garoto para casa e passa a educá-lo e criá-lo como um filho. A princípio, podemos sugerir que Hunter é homossexual, assim como seus responsáveis, Ben e Michael, também acham. Alguns acontecimentos e a visível paixão por uma colega de classe revelam que Hunter é heterossexual.

1.1 HOMOSSEXUALIDADES: ENTRE CONCEPÇÕES E NOVAS ABORDAGENS

As homossexualidades constituem diversas formas de pensar e viver o sexo, com inúmeras compreensões e entendimentos da vida sexual e afetiva do ser humano na

contemporaneidade. Isso mesmo, no plural, pelo simples fato que não compreendemos que as formas de praticar a sexualidade sejam únicas, pelo contrário, percebemos uma gama de possibilidades de viver a sexualidade e as experiências relativas ao sexo.

No Brasil no ano de 1870, caracterizado como período do Império, a configuração sobre sexualidade eram um pouco diferenciada daquelas que poderemos pontuar na contemporaneidade do século XXI Mas, a prática homossexual estava presente nesse momento da História do país, aqui já um tanto marginalizada e tratada como algo antinatural.

Nesse momento os homossexuais tinham que se esconder, viver na escuridão, caso, contrário teriam que enfrentar a perseguição policial, dos médicos, da Justiça. Nesse período são conhecidos como sodomitas, pederastas, uranistas. As informações sobre esses grupos são escassas e geralmente são produzidas por outros, não por eles mesmos.

São muito raras as informações sobre a vida dos homossexuais masculinos no Brasil Império. Somente nas últimas décadas do período imperial começam a surgir alguns dados reveladores da cultura homoerótica no Brasil, produzidos principalmente por médicos ligados à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (GREEN, POLITO, 2006, p. 27).

O autor da citação acima é o inglês James Green, um brasilianista que estudou as práticas homossexuais no Brasil e dedicou um livro ao período que perpassa o Império até a década de 80, um momento em que pouco ou quase nada se falava desses grupos no Brasil. É compreensível, no que diz respeito à própria historiografia que passou a olhar os grupos minoritários, ou os esquecidos da História poucas décadas antes. Dar voz aos marginalizados, aqueles que não eram considerados importantes para História, pois segundo muitos, essas pessoas não tinham nada a acrescentar. Ledo engano, a importância que as pessoas “comuns” têm para História é incontestável, visto que nossa sociedade é formada por indivíduos, já que ela por si só não se move.

O Brasil Império contou com seus *personagens* homossexuais, que ocupavam lugares específicos. De acordo com o autor, os homossexuais geralmente vivenciavam suas experiências na calada da noite. A situação econômica dessas pessoas era precária, viviam da prostituição. De certa forma não havia outra forma de se manterem, assim sendo:

Os lugares que mais frequentam são as portas de teatro, quando há

espetáculo; as casas de bilhares, especialmente as de mediana fama e limpeza; os botequins e cafés que estejam em condições dos bilhares; nas praças públicas sentados em bancos de pedra, ou passeando aos dois e três, fumando, falando, proferindo e gesticulando indecências (...) (GREEN, POLITO, 2006, p. 30).

Os homossexuais do Brasil Império viviam uma situação semelhante aos que os travestis vivem hoje no que diz respeito às dificuldades de encontrar emprego, por conta de sua aparência, do jeito, etc., ou seja, do preconceito de forma ampla. A prostituição era meio de sobreviver. Já para os homossexuais da contemporaneidade esse panorama mudou de forma significativa, dentro dos limites que a sociedade impõe.

Green, na obra *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)* (2006), trouxe a problemática da homossexualidade para o período do Brasil Império como propósito de pesquisa. O autor utiliza fontes como: contos eróticos, revistas, pequenos periódicos produzidos informalmente e que, segundo o próprio autor, muitas vezes não eram produzidos pelos homossexuais.

O autor reflete sobre o conceito de sodomita utilizado durante o Império bem como a ideia de uranista, até a introdução do termo atualmente utilizado homossexual. Todos com o objetivo de se referirem aos sujeitos masculinos que se relacionavam sexualmente e afetivamente com homens. Entre as fontes utilizadas pelo autor, os contos produzidos no Brasil são retratados. Um deles é o primeiro conto homoerótico brasileiro, intitulado *O menino do Gouveia*, escrito por um autor que utilizava o pseudônimo de *Capadócio Maluco*. De acordo com o autor, o conto foi editado novamente e publicado na Revista *Rio Nu* em 1914 (GREEN, 2006).

A obra de Green (2006) aponta muitos aspectos relevantes ao cotidiano dos homossexuais daquele período histórico, entre eles: as formas peculiares de fala, gírias, jeitos de se vestir e comportamento que eram considerados específicos daqueles grupos, o que hoje podemos chamar de estereótipos homossexuais. A ideia de cura homossexual, até hoje discutida, também é algo pontuado pelo autor, como exemplo a teoria endócrina, defendida por alguns médicos da época, que basicamente afirma que disfunções ou mau funcionamento endócrino seriam a causa da homossexualidade. Como era entendida por muitos como uma doença, conseqüentemente deveria haver uma cura. Green (2006) traz em seu texto uma citação do médico Leonídio Ribeiro, defensor da cura e patologia homossexual. De acordo

com o médico:

Provado que o Homossexualismo é, em grande número de casos, uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna, logo surgiu a possibilidade de seu tratamento. Era mais um problema social a ser resolvido pela medicina (GREEN, 2006, p. 90).

A perspectiva da cura homossexual é pontuada pelo autor em vários momentos de sua reflexão, dentro das análises médicas divulgadas na época. A utilização de fontes providas da imprensa também é algo relevante na pesquisa do autor, trazendo à tona além da análise dos contos, como citado acima, também revistas e pequenos panfletos produzidos.

Nossa sociedade naturalizou o amor e o sexo apenas entre homens e mulheres, não aceitando qualquer outro tipo de relacionamento amoroso que não esteja nesse molde. O que não se encaixa no padrão heterocêntrico está disposto ao preconceito, intolerância e, muitas vezes, à violência física.

Outro autor, Marco Aurélio Máximo Prado, na obra *Preconceito contra a homossexualidade – hierarquia da invisibilidade (2008)* aborda questões como: preconceito, vivências nos campos referentes ao público e o privado, discursos sobre a homossexualidade, teorias de gênero, *queer* e diversidade sexual, entre outras questões.

De acordo com o autor, a heterossexualidade compulsória e tida como única, provocou a invisibilidade de outras formas de sexualidade, bem como a não existência ou a falta de preocupação social e política referentes aos direitos civis e sociais das pessoas que não se enquadram no modelo heterossexual de prática afetiva, amorosa e sexual.

Desse modo, a lógica da superiorização e de inferiorização dos grupos sociais se traduz em conjunto de práticas sociais, capaz de inserir pública e socialmente determinadas categorias sociais de formas subalternas em nossa sociedade (PRADO, 2008, p. 11).

Essas práticas tidas como subalternas podem se caracterizar de formas diversificadas e uma delas é a homossexualidade ou a diversidade sexual, em que o sujeito heterossexual acredita que sua forma de amar e praticar a sexualidade é mais correta e a única possível. Assim acaba por desconsiderar ou achar inconcebível qualquer outro tipo de relacionamento que fuja à essas concepções.

Dessa forma, a prática de inferiorização dos sujeitos homossexuais é recorrente e, em muitos casos, até de invisibilidade desses sujeitos, que passam a se unirem em grupos, utilizando meios não *oficiais* de comunicação, interação e também de militância. De acordo com o autor:

Além disso, o lugar de subalternidade dos homossexuais foi construído a partir de um silenciamento, muitas vezes violento, das vozes contrárias, como já apontamos, o que em muito contribuiu para a invisibilidade dos padrões de comportamento não-heterossexuais. Por esta razão, fontes de informação democráticas e dinâmicas como a internet têm sido importantes para a reconstrução e registro desta história (PRADO, 2008, p. 89).

Estipulou-se ao longo dos tempos que existem dois sexos biológicos, homem e mulher, e apenas é aceitável que esses dois sujeitos dicotômicos se relacionem de forma amorosa e sexual. Logicamente *esta regra* foi construída socialmente ao longo dos tempos. É importante reafirmar que nesta pesquisa não trataremos nada como natural, ou inato ao homem. A proposta é compreender como construções sociais se dão, como atuam efetivamente na sociedade e como se fazem ao longo dos tempos.

As homossexualidades estiveram presentes no mundo de formas tão distintas quanto a própria organização cultural e moral na história das sociedades. Vários estudos que retomam os tempos históricos evidenciam o quanto as homossexualidades sempre foram práticas sociais e sexuais muito presentes na diversidade das experiências humanas (PRADO, 2008, p. 15).

Prado (2008) também nos ajuda a refletir sobre a perspectiva de que as vivências e práticas homossexuais não são novas, nem obra do século XX e XXI e que não é uma mera invenção do nosso tempo. Elas estiveram presentes em vários momentos da história da humanidade se manifestando de diferentes formas em variados tipos de organizações sociais.

1.2 HOMOSSEXUALIDADE À VENDA: UM NOVO PRODUTO PARA O MERCADO

No Brasil, *Queer as Folk* - Os Assumidos foi apresentada às sextas-feiras, à meia-noite, sem cortes, nem edições, o que pode justificar o horário, que para muitos pode ser

considerado problemático (sexta-feira geralmente jovens saem com os amigos). Mesmo com esse horário *Queer as Folk - Os Assumidos* foi uma série de grande audiência no Brasil e nos Estados Unidos. Durante três anos consecutivos, QAF foi a série com maior índice de audiência do canal *Showtime* (ZANFORLIN, 2004). Sobre a questão do horário e em relação aos possíveis cortes que a série poderia ter, percebemos também como um produto a ser vendido. Tendo obtido uma audiência considerável, logo um leque de produtos comercializáveis surgiu no mercado com a marca *Queer as Folk - Os Assumidos*. Podemos citar: caixas de DVD's, CD's com a trilha sonora das temporadas, camisetas, entre outros.

A série acaba por se tornar um produto a ser comercializado e dessa forma tem que ter público para assisti-la. A questão mercadológica não abrange somente o seriado em si, mas também produtos relacionados a ele como: revistas, DVD's, etc.

No que diz respeito a essa problemática, pode ser observada ao longo do século XX e adentrando o XXI a introdução de um mercado consumidor voltado para o público homossexual. São milhares de produtos, pacotes de turismo, cosméticos e beleza, cirurgias plásticas, entretenimento e mais uma infinidade de coisas. Sobre esse assunto encontramos informações importante com Irineu Ramos Ribeiro, na obra *A TV no armário: identidade gay nos programas e telejornais brasileiros (2010)*. Ribeiro é jornalista e possui pós-graduação em História, ambas pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), e mestre em comunicação. Ele se dedica aos estudos referentes à diversidade sexual.

Na obra citada o autor traz à tona questões referentes às formas de representação homossexual nos programas televisivos brasileiros. O autor pontua alguns casos específicos, como o programa humorístico da Rede Globo de televisão *Zorra Total*¹⁶, que vai ao ar sábados à noite, o também humorístico *Sob Nova direção*¹⁷, pela Rede Globo, a novela

¹⁶ Programa humorístico apresentado aos sábados à noite pela Rede Globo, formado por pequenos quadros aleatórios. Há quase 12 anos no ar. Para saber mais consultar http://pt.wikipedia.org/wiki/Zorra_Total. Acesso em 21-01-2013.

¹⁷ *Sob Nova Direção* foi uma série televisiva de humor exibida pela Rede Globo nas noites de domingo, após o programa Fantástico. Lançado em 28 de dezembro de 2003. A série é estrelada pelas atrizes Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães. Elas interpretam as personagens Belinha e Pit, donas do bar "Espaço Pit-Bela" e chefes de Moreno (Luis Miranda) e Franco (Luiz Carlos Tourinho), dois empregados para lá de atrapalhados. Também há o cômico personagem Horácio (Otávio Müller), que vive bebendo no bar e nunca paga. Para saber mais acessar http://pt.wikipedia.org/wiki/Sob_Nova_Dire%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 20-01-2013.

*América*¹⁸ e por último o *Beija Sapo*¹⁹, que foi apresentado pela MTV.

A análise de Ribeiro (2010) é pautada por meio das formas de representações e de como esses programas se remetem a esses grupos. O autor não deixa de fora os telejornais e a Parada Gay, analisando como cada telejornal aponta a notícia, reflete sobre questões de gênero, teoria *queer*, noções de identidade, cultura, bem como comenta o interesse do mercado capitalista nos grupos homossexuais a partir dos anos 80

O mercado capitalista, que até então havia deixado de lado gays e lésbicas como mercado potencial, vê nessa nova geração um campo de consumo inexplorado. Divulgam-se inúmeros objetos de consumo para gays e até uma espécie de estilo de vida gay: discos, livros, filmes, pornografia, moda e viagens (RIBEIRO, 2010, p. 57).

Os fatores citados pelo autor são facilmente encontrados em páginas virtuais e lojas. O que se pode considerar, por um lado, um avanço, também pode ser visto como um desserviço no que diz respeito à formação de lugares e coisas específicas para determinados grupos. Voltando-nos à ideia de *gueto*, bem como a estigmatização dessas pessoas.

Ribeiro (2010) ainda pontua que o mercado capitalista se apropria desse novo panorama, dando um ar de que não há preconceito. Mas, o preconceito passa a não existir quando está em jogo o *pink money*²⁰ ou, dinheiro rosa, que em termos gerais é aquele que os homossexuais gastam.

Sua aceitação social é mais tolerada quando os padrões de comportamento estão mais próximos do perfil hegemônico (branco, burguês, masculino). Os estereótipos (afeminados e travestis, por exemplo) são vistos com preconceito. Como diz Nunan (2003, p. 60), o preconceito é uma atitude que

¹⁸ *América* é uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida de 14 de março a 05 de novembro de 2005, às 21 horas. Foi escrita por Glória Perez e dirigida por Jayme Monjardim, Marcos Schechtman, Marcelo Travesso, Teresa Lampreia, Federico Bonani e Carlo Milani com direção-geral de Jayme Monjardim e Marcos Schechtman com direção de núcleo de Jayme, num total de 203 capítulos. acessar [http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_\(telenovela\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_(telenovela)). Acesso em 20-01-2013.

¹⁹ *Beija Sapo* foi um programa de televisão de entretenimento exibido pela MTV Brasil entre Março de 2005 até Dezembro de 2007 e era apresentado por Daniella Cicarelli. No programa, um participante denominado príncipe ou princesa tinha que escolher entre três participantes vestidos de sapos ou pererecas, um deles para dar um beijo na boca no final do programa. Para saber mais acessar http://pt.wikipedia.org/wiki/Beija_Sapo. Acesso em 20-01-2013.

²⁰ De acordo com Ribeiro (2010), Pink Money, em português dinheiro rosa, foi um termo cunhado na década de 70 nos Estados Unidos, quando grupos homossexuais não dispunham de dinheiro para suas ações, dessa forma causando protestos. Realizaram um protesto que todo dinheiro que passasse na mão de um homossexual deveria ser riscado com uma caneta rosa (pink). Bilhões de dólares apareceram coloridos de rosa (p. 58).

engloba três componentes: o afeto (sentimento ou emoções em relação a um grupo de indivíduos), a cognição (os estereótipos) e o comportamento (a discriminação) (RIBEIRO, 2010, p. 61).

O que o autor nos faz refletir é de que forma essa suposta aceitação social acontece e o porquê acontece. Nesses casos o interesse é meramente financeiro e não há nenhum outro propósito. Também traça um padrão burguês alcançado por poucos, e que poucos conseguem manter. Homossexuais de baixa renda, sem dinheiro, não entram nessa perspectiva adotada pelo mercado consumidor.

Davi e Rodrigues (2001/2002) abordam em um artigo intitulado *Os caminhos da homossexualidade: inserção ou exclusão?* a perspectiva do mercado consumidor homossexual em Uberlândia, em Minas Gerais, na tentativa de visualizar o que eles chamam de cultura homossexual na cidade, mapeando os estabelecimentos abertos para atender especificamente esse público. De acordo com os autores:

Surgiram revistas específicas, produtos e serviços especializados para gays e lésbicas, transformando esta parcela da população em filão para o mercado consumidor, o que representa uma mudança nas formas de se perceber o erotismo entre pessoas do mesmo sexo (DAVI, 2001/2002, p. 36).

O avanço desses serviços são pontuados e trazidos para discussão pelos autores, sendo citados bares com temática homossexual, boates, salões de beleza, saunas, clínica de depilação, entre outros. Os autores abordam uma noção dicotômica que é a heterossexual e a homossexual, salientando que nesses lugares, vistos como reduto homossexual, também há essa predominância entre o homo e o hétero. Nesse contexto são ressaltadas as diferenciações e delimitações marcadas pelos homossexuais em relação aos afeminados, travestis, etc. (DAVI, 2001/2002).

Queer as Folk - Os Assumidos pode entrar nessa problemática do mercado. Além dos produtos que levaram seu nome, em relação à exibição em canais por assinatura, em que somente aqueles que têm condições financeiras para ter em casa uma quantidade enorme de canais, podem acompanhar o seriado enquanto era produzido. Ou seja, por algum tempo a série ficou “presa” a uma classe social mais abastada. Hoje, é possível analisar por outras perspectivas, devido ao maior acesso à internet. Mas, na época de produção do seriado, não era possível essa afirmação.

Lembrando que a série é um produto, é algo que está se vendendo para um público, caso não obtivesse retorno na audiência seria prontamente retirado do ar. Assim sendo, é importante salientar que os produtores, diretores e roteiristas estavam realizando um produto a ser vendido. Isso nos permite pensar em algo para agradar, ao mesmo tempo que se fala em chocar o público, sumariamente deveria agradar, caso contrário não teria cinco temporadas.

Muitos telespectadores acompanharam o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* por meio da internet, fazendo downloads das temporadas e assistindo no próprio computador ou gravando em DVD's caseiros. Dessa forma a popularização da série foi aumentando gradativamente. Portanto, além da internet possibilitar o acesso gratuito ao seriado, ela também se colocou como uma via de comunicação e publicização do programa.

1.3 TV, INTERNET E MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS

De 2000, quando o seriado teve início, até 2005, quando é finalizado, a internet encontrava-se em um período de democratização. Ou seja, milhões de novos usuários adentravam na rede mundial de computadores todos os dias e esse processo é de suma importância para esta pesquisa, visto que o aporte virtual vai gerar uma nova forma de ver TV.

Nas redes sociais, como Orkut e Facebook²¹, visualizamos essa dinâmica como uma prática recorrente, quando os internautas que já viram ou acompanharam o seriado criam comunidades virtuais, blogs ou páginas para comentar suas impressões pessoais sobre *Queer as Folk - Os Assumidos*, para debater e compartilhar com os demais o seriado. Dessa forma, consciente ou não, fazem uma publicidade. Aqueles que não conheciam a série procuraram os links para fazer downloads, se tornando novos telespectadores.

Percebe-se que após o crescente uso do campo virtual, a quantidade de telespectadores aumentou consideravelmente. Como notamos isso? Por meio das comunidades virtuais existentes no site de relacionamento Orkut, através das datas dos comentários postados pelos internautas desde os anos de 2007/2008/2009 até a atualidade. Entendemos que esses telespectadores acompanharam as temporadas de *Queer as Folk - Os Assumidos* extemporaneamente, ou seja, anos após o seu término oficial.

Pedro Eurico Rodrigues (2012), em sua Dissertação de Mestrado pela Universidade do

²¹ Discutiremos de forma mais abrangente do Capítulo 2.

Estado de Santa Catarina (UDESC), intitulada *Do on line para o off line: Sociabilidades e cultura escrita proporcionadas pela internet no Brasil do século XXI (2001- 2010)*, aborda a temática da sociabilidade via internet até meados dos anos 90, bem como o processo de democratização dos meios virtuais que estavam caminhando devagar devido à internet no Brasil estar atrelada a grande empresas e corporações. Mas, esse cenário irá mudar:

Este formato se estende até o ano de 2004, quando a Internet passa a se modificar devido à criação da Web 2.0. Desde então o internauta deixa de ser um mero “leitor” e “espectador” passivo e passa a construir os seus próprios conteúdos, além de comentar, interagir muito mais rapidamente com os outros internautas, colunistas, jornais, revistas, companhias de televisão (RODRIGUES, 2012, p. 32).

Esse processo é percebido nas comunidades virtuais em que os telespectadores de *Queer as Folk* - Os Assumidos passam a fazer usos e novas apropriações do espaço virtual. Percebendo essa dinâmica e as riquezas dos debates provindos do campo virtual, a internet passa a ser um grande aporte do no que diz respeito às fontes dessa pesquisa.

A ascensão da Internet ou web 2.0, como comentado nos parágrafos acima, fez crescer consideravelmente o número de usuários e, principalmente, de membros que irão ser parte das redes sociais. Acompanhando o gráfico abaixo, podemos perceber claramente o crescimento ao longo dos anos. Esse estudo foi realizado em 2012 pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa)²² e divulgado pelo site UOL no dia 01 de novembro de 2012²³.

²² Ver mais em <http://www.ibope.com.br>. Acesso em 23-11-2012.

²³ Para ler matéria completa acessar

<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/01/ibope-internet-no-brasil-chega-a-709-milhoes-de-pessoas-em-casa-e-no-trabalho-em-setembro.htm>. Acesso em 22-11-2012.

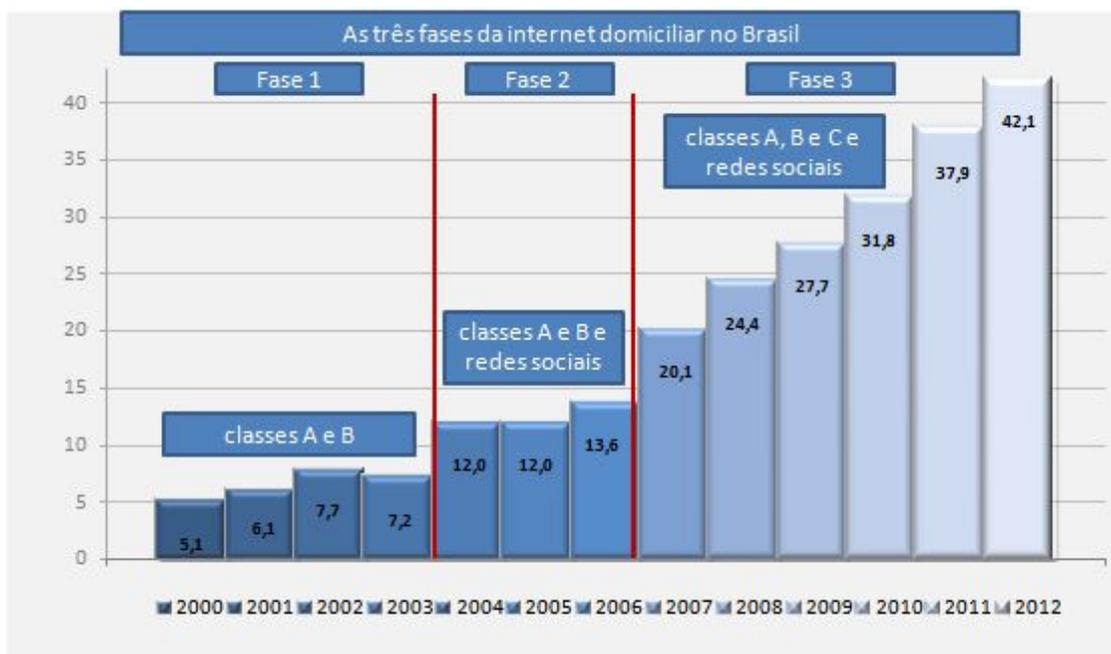


FIGURA 7. Gráfico representando o aumento do uso da internet no Brasil.

Fonte: Site Uol.

O IBOPE também responsabiliza o crescimento do uso dos meios virtuais, bem como a quantidade de aparelhos de computadores conectados à rede mundial de computadores, ao aumento da renda mensal do brasileiro nas últimas décadas, e a possibilidade de adquirir um computador para uso no conforto do lar.

Percebe-se que há uma divisão econômica na pesquisa e no gráfico, apontando as classes A e B como dominantes naquilo que eles chamam de primeira fase, e na segunda fase como aquela que tem o aparecimento das classes A, B e as redes sociais, e por fim a terceira fase, que inclui a classe C. Essa matéria ainda traz a questões dos telefones celulares (*Smartphones*) e microcomputadores (*tablets*) com conexão direta à internet. Essa nova fase pode ser vista como uma quarta fase, de acordo com o autor.

Ainda não podemos considerar esse processo de democratização digital como completo. As desigualdades virtuais podem ser visualizadas facilmente e percebemos que a internet ainda é, na grande maioria, espaço das classes mais abastadas, pelo menos no que diz respeito ao acesso em casa.

Paula Sibila, pesquisadora das áreas de comunicação e cultura, em sua obra *O show do eu: intimidade como espetáculo* (2008), aponta algumas reflexões sobre a temática da Web

2.0 e da problemática dos acessos:

(...) Assim, no contrapelo das comemorações pela “democratização da mídia”, os números sugerem que as brechas entre as regiões mais ricas e mais pobres do mundo não estão diminuindo. Ao contrário, talvez paradoxalmente, pelo menos em termos regionais e geopolíticos, essas desigualdades parecem aumentar junto com as fantásticas possibilidades inauguradas pelas redes interativas (...) (SIBILA, 2008, p. 24).

O que a autora nos provoca a refletir é a concepção de internet democrática. Sibila (2008) ressalta a perspectiva geográfica em relação às regiões. Especificamente no Brasil há um panorama semelhante onde as regiões Sul e Sudeste se destacam em relação ao Norte e Nordeste na quantidade de computadores conectados. Mesmo com esses dados não é possível negar a importância e o aumento de computadores conectados.

Os escritos nas páginas virtuais permitiram maior compreensão não apenas da série, mas também das vivências, experiências, dificuldades que os grupos homossexuais se deparam no cotidiano. Importante salientar que a série foi pensada para o público homossexual, mas não foi vista apenas por eles. Muitos heterossexuais também assistiram ao seriado e é possível perceber essa questão nos escritos no campo virtual.

Em geral, as mulheres afirmam com mais frequência que viram e gostaram do seriado. Os homens heterossexuais não fazem questão de participarem de tais comunidades e nem de expor suas opiniões. Podemos levantar a hipótese de que isso acontece por conta do medo de serem considerados homossexuais por aqueles que os rodeiam. A internet, além de ter se caracterizado como um campo de discussão e debates dos telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos*, permitindo que publicizassem suas opiniões com os demais telespectadores, também permitiu que o seriado obtivesse um número maior de pessoas que o acompanharam, ou seja, aqueles que não puderam assistir ou até mesmo nem o conheciam. Com a internet disponibilizando downloads, mais pessoas puderam assisti-la.

Outra possibilidade de acesso à série foi o DVD²⁴ gravado, que contém todas ou algumas temporadas para assistir na TV, como um filme que está disponível nas locadoras. No Brasil os DVD's não foram comercializados. Assim, quem queria adquirir a série, teria que

²⁴ DVD (abreviatura de *Digital Versatile Disc*, em português, *Disco Digital Versátil*). Contém dados no formato digital, tendo uma maior capacidade de armazenamento que o CD, devido a uma tecnologia óptica superior, além de padrões melhorados de compressão de dados. O DVD foi criado em 1995. Pesquisado em <http://pt.wikipedia.org/wiki/DVD>, acesso em 20-01-2013.

comprar um produto importado que no início não tinha legendas em português. Após algum tempo foram produzidos os DVD's com legendas em português, mas estes também não são de fabricação nacional.

Trabalhar com uma série de TV exige um pouco de entendimento sobre os formatos que os seriados podem ter. Segundo Arlindo Machado (2003) há três tipos de serialização. O primeiro caso é aquele que é típico das telenovelas, tendo uma única narrativa, contínua, se tornando linear ao longo dos capítulos. No segundo modelo, o episódio tem início, meio e fim em um único capítulo, uma história completa. Neste tipo de serialização um episódio não interfere no outro, são independentes. O último tipo é aquele em que a única coisa que se mantém é a temática da série, em que até mesmo os personagens e atores podem ser modificados ao longo dos episódios.

Queer as Folk - Os Assumidos pode ser encaixado no segundo modelo apontado por Machado (2003), mas não totalmente, pois muitas vezes há continuidades entre um episódio e outro. Considero importante o telespectador acompanhar a trama de forma linear e contínua, assim conhecendo os personagens, as problemáticas propostas pela série, tendo uma maior compreensão daquilo que é proposto por *Queer as Folk - Os Assumidos*.

Naturalmente, os três tipos de narrativas podem às vezes se confundir. As telenovelas brasileiras pertencem, sem dúvida, à primeira modalidade, ou seja, a(s) história(s) iniciada (s) no primeiro capítulo se desenrola(m) teleologicamente ao longo de toda a série, até o desfecho final nos últimos capítulos, mas pode(m) arrastar-se indefinidamente, repetindo *ad infinitum* as mesmas situações ou criando situações novas, enquanto houver altos índices de audiência (MACHADO, 2003, p. 85).

O enredo de *Queer as Folk - Os Assumidos* de certa forma é contínuo, mas, ao mesmo tempo, os temas se encerram num único episódio, como apontou Machado na citação acima. As narrativas passam a se misturar, vão adentrando o campo uma das outras.

As mudanças das representações homossexuais na TV também foram possíveis devido à quebra de valores e noções socialmente estipuladas de seus produtores, roteiristas e também aqueles que apostaram que uma série polêmica poderia fazer um grande sucesso. Passamos a problematizar a formação do movimento nos Estados Unidos, em que reivindicaram um movimento mais politizado e combativo em relação aqueles que não tinham como fio condutor essas questões.

No início de 2000, quando a série tem seu ponto de partida, é um ano importante no que diz respeito aos movimentos homossexuais pelo fato de que nos anos 90 eles tiveram um *reflorescimento* (FACCHINI, 2002), renasceram por conta das cisões e rupturas do movimento ocorridas na década de 80, que reduziu bastante o número de integrantes, enfraquecendo-os. Também não podemos esquecer do vírus HIV, que se tornou uma epidemia na década de 80, se alastrando e fazendo muitas vítimas. Sobre esse assunto:

Antes da primeira metade dos anos 80, houve uma drástica redução na quantidade de grupos presentes no movimento. Isto pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da epidemia da aids, então chamada “peste gay”, e seu poder de desmobilização das propostas de liberação sexual, e ainda pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a aids, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia (FACCHINI, 2002, p. 73).

Nesse momento o panorama é outro. A aids não é mais vista como “peste gay”, nem mesmo a noção de grupos de risco é utilizada e os movimentos voltam a se reorganizar. Essa perspectiva permite que novas abordagens também sejam exploradas, assim como se propôs *Queer as Folk - Os Assumidos*, que queria trazer o cotidiano como nunca antes havia sido representado. A própria Parada do Orgulho Gay, que ocorre todos os anos nas maiores capitais do país, atualmente se espalhando pelo interior do Brasil, também vem para reforçar a concepção de tornar pública a homossexualidade, de mostrar-se e não se esconder.

De fato, essa caminhada, festa, parada, marcha ou qualquer outro nome que queiram dar, reforçou bastante a visualização no espaço público dos grupos homossexuais e dessa forma também contribui para um seriado que tenha como seu tema central as relações entre amigos homossexuais também seja possível na TV brasileira, hoje em canais fechados, quem sabe um dia nas emissoras abertas. Compreende-se que as lutas políticas e sociais também passam a refletir nos meios midiáticos possibilitando novas representações no campo da TV em relação aos homossexuais.

O movimento homossexual passa a ser citado, por conta da importância e relevância que passa a ocupar, conquistando gradualmente seu espaço na sociedade, bem como exigindo respeito, dignidade e acima de tudo os direitos que lhes são caros. A série *Queer as Folk - Os Assumidos* representa relacionamentos homoafetivos, sexo, filhos, beijos, festas e outros fatores que ainda podem ser considerados um tabu nas programações realizadas pelas

televisões abertas. No caso da versão estadunidense, essa maior liberdade em relação ao sexo e aos relacionamentos homossexuais é possível pelo fato da série ser apresentada por canais fechados, ou seja, por assinatura e não da TV aberta, como era o caso da versão inglesa.

O movimento homossexual estadunidense pode ser datado após o conflito entre homossexuais e policiais em um bar chamado *Stonewall*. Embora vários grupos anteriores a essa data já se organizassem em prol das causas homossexuais, o fato que marcou as lutas LGBT's ficou conhecido como *Stonewall*, que acabou por influenciar muitos outros movimentos posteriores no mundo todo.

Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como “gueto” homossexual de Nova York. O que era pra ser simplesmente uma ação policial rotineira suscitou uma reação inédita. Os frequentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro. Gritava-se palavras de ordem como “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes” etc (FRY, 1983, p. 96/97).

Historicamente, essa data não pode ser passada sem levantar o debate dos conflitos e da efervescência do Maio de 1968, em que greves operárias e estudantis aconteciam ao redor do mundo, reivindicando por transformações sociais urgentes. O Brasil, após a ditadura e a chamada abertura política, foi marcado por uma crescente onda em que surgiram vários grupos e movimentos sociais organizados, dentre eles o homossexual.

O movimento homossexual no Brasil, no final dos anos 70, definindo seu projeto de politização da questão da homossexualidade em contrastes às alternativas presentes no “gueto” e em algumas associações existentes no período anterior ao seu surgimento. Essas associações, apesar de reunirem homossexuais, possuíam uma atuação qualificada pelos militantes como “não politizada”, por estarem exclusivamente voltadas para a “sociabilidade” (FACCHINI, 2002, p. 61).

Nesse contexto, o Brasil passa a contar com vários grupos, instituições, ONGs entre outros, movimentos buscando a legitimidade, o respeito, os direitos de grupos homossexuais. A problemática perpassava a concepção do que seria “politizado” e do que não seria. As discussões no interior desses grupos pairavam nessas premissas.

De acordo com Ribeiro (2010), o movimento homossexual estadunidense também enfrentou esse tipo de conflito. Anteriormente se tinha a sensação que o movimento nos EUA era formado apenas por homossexuais homens, brancos, bonitos e de classe média. Parecia que todos eram iguais, que não havia características ou identidades diferenciadas nesse meio, deixando de lado os afeminados, as *drags queens*²⁵, transsexuais entre outros.

É importante pontuar que esses homens homossexuais, ricos e brancos eram vistos como pouco politizados, que não estavam preocupados em lutar pelos direitos ou pelo respeito aos homossexuais. Para muitos essas problemáticas não eram o foco central. Eles queriam festas, bares, namorar e para muitos esse comportamento individualista, que era visto como fútil, foi motivo de incômodo, tendo em vista que a ideia era, além de tudo, serem combativos, encarando a sociedade de frente na busca de reconhecimento, respeito, dignidade, direitos civis. Se consideravam ou ainda se caracterizam como um ponto centrais das lutas relacionadas a minorias sexuais.

Entendemos que as lutas e avanços dos movimentos homossexuais ao longo dos últimos anos também, de forma indireta, são responsáveis pelo fato de que no início do século XXI pudesse ser feita e transmitida um seriado tendo com sua temática central a homossexualidade, assim como foi *Queer as Folk - Os Assumidos*, pois se em meados da década de 70 a repressão psicológica era enorme e grande parte dos homossexuais era obrigada a viver em “guetos” ou sob a “escuridão”, sem poder assumir-se, atualmente também se convive com a intolerância, violência e o preconceito, mas não podemos negar os avanços ocorridos. *Queer as Folk - Os Assumidos* ser apresentado no Brasil também pode ser um ponto decorrente dessas mudanças sociais em relação aos homossexuais.

Queer as Folk - Os Assumidos incitou alguns debates que chegaram a ser discutidos nacionalmente, chegando a interferir na política nacional. Enquanto rodavam as filmagens da série o prefeito de São Francisco (EUA) passou a abordar a questão do casamento homossexual, e logo se tornou um debate nacional. Na série essa questão estava sendo debatida há algum tempo, visto que as mulheres já haviam se casado e os personagens Michael e Ben se casariam no Canadá devido ao fato de lá o casamento homossexual ser legal.

O debate sobre o casamento homossexual é um dos que a série trouxe que

²⁵ *Drag Queen*: artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico. Ser *Drag Queen* não é indicativo de se ser homossexual, bissexual ou heterossexual.

extrapolaram a televisão, saíram para o espaço público. No Brasil essa questão foi intensamente discutida pela política nacional, pelos meios de comunicação mais “alternativos”, pela academia, etc.

Rosie O'Donnell, que interpreta a personagem Loretta Pye em três capítulos da série, em sua fala no documentário de despedida *Saying Goodbye*²⁶ traz à tona as discussões voltadas para a família. A pergunta inicial era se a América estava preparada para *Queer as Folk*? De acordo com Rosie, os EUA estão mudando. Como se define uma família atualmente? De acordo com ela, temos que aceitar e abraçar as famílias como elas são.

O especial *Saying Goodbye*²⁷ foi ao ar no dia em que *Queer as Folk - Os Assumidos* teve seu último episódio apresentado no canal *Showtime*. Esse especial foi feito com o objetivo dos atores se despedirem do público e colocarem suas impressões da série, bem como os produtores também falaram sobre os processos de produção do seriado.

Esse programa de despedida conta com um narrador onipresente, que pontua algumas características do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, frisando que a produção tratou sobre questões de extrema relevância para a comunidade homossexual; não representou apenas sexo, embora o sexo fosse uma parte muito importante para a série. Mas, o fato é que debates polêmicos como o casamento homossexual, que perpassa por parâmetros políticos e sociais, foram retratados pelos personagens da série. De acordo com Cowen, um dos produtores do seriado: “As minorias têm lutado por seus direitos. As mulheres do século XIX com a virada do século, saíram as ruas e lutaram pelo direito ao voto. Um problema maduro”.

A noção de família é pautada pela série de várias formas, entre elas a adoção de filhos por casais homossexuais. A “gravidez” homossexual, em que um dos dois é pai/mãe biológico da criança e também aborda as dificuldades que essas “novas” famílias enfrentam, devido a uma sociedade que ainda não está adaptada às famílias homoafetivas, ou pior, que não considera essas uniões como famílias.

A primeira família homoafetiva a ser debatida pelo seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* é a formada por Lindsay e Melanie, que como citado anteriormente, formam um casal. Ao longo dos episódios as duas se casam, tem dois filhos. O primeiro bebê, chamado Gus, tem como mãe biológica Lindsay. Depois uma filha menina é gerada por Melanie. As

²⁶ Esse vídeo pode ser encontrado na íntegra no site do Youtube no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=G8mnvzW-N8c>.

²⁷ Esse vídeo pode ser encontrado na íntegra no site do Youtube no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=G8mnvzW-N8c>.

duas têm um relacionamento estável de muitos anos e durante essa trajetória o sonho de ter um filho se concretiza.

Neste especial, Cowen e Lipman, os principais produtores do seriado, comentam sobre as dificuldades de iniciar um projeto novo, com características que segundo eles não haviam ainda sido explorados pela TV. Lipman até comenta no vídeo, em tom de comédia, “*que seria um projeto suicida*”.

Os autores trazem à tona os problemas enfrentados durante a seleção de atores para os personagens e declaram que os mais difíceis de encontrar foram Brian e Justin, pois poucos atores estavam dispostos a interpretar gays. Declaram que atrasaram por vários meses o início das gravações, pois as agências de atores não lhes mandavam ninguém para os testes.

É importante lembrar que estamos no começo dos anos 2000 e que personagens homossexuais não eram tão comuns na TV, ainda mais em um seriado especialmente dedicado a esses grupos. Lipman fala sobre as críticas recebidas de dentro das comunidades homossexuais estadunidenses. De acordo com ele: “*Muita gente da comunidade gay não queria ver essa imagem de si mesmos. Se não gosta do reflexo não culpe o espelho. Queer as Folk, foi uma celebração da vida gay, com todos os problemas incluídos*”.

Já Cowen pontua sobre a problemática dos estereótipos. De acordo com ele: “*Se não gosta dos personagens estereotipados, se gosta dos personagens como modelos artísticos, então...(risos) só não me diga que essa gente não existe. Conheci esses personagens durante toda a minha vida*”. Ele percebe a necessidade de trazer a história e os personagens para o real, para a vida cotidiana. *Queer as Folk* - Os Assumidos pode receber críticas positivas e negativas, mas não há como fingir que essas problemáticas não acontecem fora da tela da TV.

A ideia de clichê ou daquilo que pode ser considerado como tal é discutida por Eloá Muniz, no artigo *Telenovela: sedutora pelo clichê e o mito (2005)*, em que a autora aborda perspectivas relacionadas às tramas de novelas e comenta que as representações construídas pela televisão perpassam por dois quesitos básicos em relação à comunicação, a fim de trazer à tona uma realidade que pretende transmitir: o clichê e os signos. Dessa forma, para a autora o telespectador se entrega, sente as tristezas, as alegrias dos personagens televisivos. A linguagem do clichê se mescla com as vivências daquele que acompanha uma trama. Segundo a autora, o que diferencia da realidade é o aspecto de clichê, que faz com que o telespectador, ao ver as imagens na TV, relembre, busque em seu inconsciente memórias pessoais e que essas lembranças possam ser relacionadas com as histórias provindas de um programa de TV.

Ao mesmo tempo em que a série *Queer as Folk - Os Assumidos* se caracteriza como diferente, ela não está totalmente livre de todos os clichês e do senso comum. Muitas vezes são abordados e inseridos nos episódios e nos próprios personagens alguns clichês, como o culto à beleza, o ideal de belos corpos, a busca da “eterna” juventude, etc.

Mas é inegável que algumas diferenças em relação a outros personagens, como aqueles inseridos na televisão aberta em telenovelas, seriados, minisséries e demais programas são claras e pontuais. Já no que diz respeito à noção de estereótipos, Stuart Hall (2004) salienta que ela contribuiu para a exclusão do outro bem como mantém aquilo que é tido como normal ou aceitável.

Estereótipos, em outras palavras, é parte de uma manutenção da ordem simbólica. Demarca uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “desviante”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que pertence e o que não, “nós” e “eles”. O estereótipo tende a ocorrer onde há desigualdade de poder. Classifica pessoas de acordo com uma norma e constrói a exclusão do outro (HALL, 2004, p. 258).

Conhecer os personagens é crucial para a compreensão das dinâmicas e debates entre os telespectadores nas redes sociais. Descrevemos a seguir o triângulo formado por Brian, Justin e Michael, por entendermos que eles compõem um grupo do qual podemos destacar os ideais de clichês.

1.4 ENTRE BRIAN'S, MICHAEL'S E JUSTIN'S

Sobre os personagens Michael Novotny, Brian Kinney e Justin Taylor, o motivo de construirmos um tópico especial para debatermos esses três personagens em especial é a via de mão dupla que pode considerar *Queer as Folk - Os Assumidos* como uma ruptura ou um programa totalmente diferente daquilo que já foi feito e visto. Os três personagens centrais, porém, podem ser identificados como comuns, observáveis em outras produções.

Brian, Justin e Michael formam o triângulo central da série, embora podemos considerar o seriado organizado de uma forma em que todos os personagens, em um dado momento, aparecem como protagonistas, alterando a ordem de importância de cada um. Os

três, em especial, estão inclusos em quase todas as temáticas direta ou indiretamente. Mas, o que chama atenção é o fato deles construírem um núcleo dotado de algumas características que podem ser consideradas mais comuns, ou até mesmo consideradas como estereótipos.

Justin, de um modo geral, é o jovem revelando-se, em momento de assumir-se publicamente. Já Brian é maduro, experiente, promíscuo, jovem, o estereótipo homossexual, que só pensa em sexo e pauta todas as suas relações no sexo. Por último, Michael é um homem considerado pelos demais afetivo e educado, resguardado quanto sua homossexualidade, prefere deixar essa questão clara apenas com seus amigos também homossexuais, pois prefere não se expor muito. Faz a linha moço correto e, ao longo do seriado terá alguns relacionamentos. Acabará em uma relação monogâmica, com filhos, uma constituição semelhante à família tradicional heterossexual.

Essa construção dos personagens, acompanhado da forma em que foram retratados, que muito se assemelha com modelos já conhecidos, chamou atenção devido ao fato da série se colocar como algo diferenciado, uma novidade e para muitos um marco divisor no que diz respeito às representações homossexuais. Os telespectadores, muitas vezes, também irão se remeter à *Queer as Folk* - Os Assumidos como uma série que trouxe uma abordagem nova.

1.4.1 “Acabei de ver o rosto de Deus e o nome dele é Brian Kinney” - Justin Taylor.

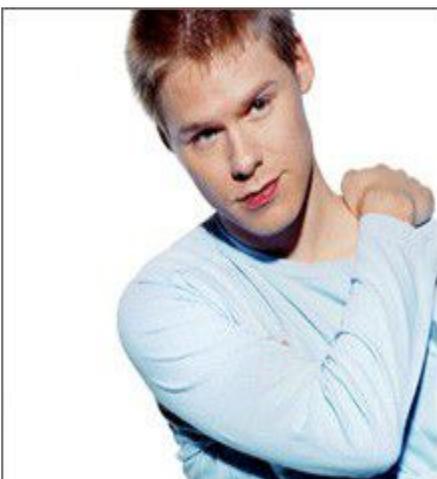


FIGURA 8. Justin Taylor – 1º temporada – último episódio.

Fonte: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html>

Justin Taylor (Randy Harrison)²⁸: aparece no primeiro episódio como um adolescente perdido em meio à multidão da *Liberty Avenue* e acaba se transformando em um dos grandes elos centralizadores da trama de *Queer as Folk - Os Assumidos*. Justin inicia sua trajetória na série como um jovem de 17 anos, que toma a decisão de assumir sua identidade homossexual publicamente. As características marcantes da personalidade dele, nessa primeira etapa da série, podem ser visualizadas da seguinte forma: jovem, inexperiente, imaturo, apaixonando, romântico, sensível, bom amigo, ingênuo.

Importante pontuar que a personalidade desse personagem mudou conforme o passar da trama, assim como aconteceu com demais personagens. Zanforlin (2005) reflete sobre a primeira aparição de Justin na série:

A personagem Justin é apresentada no primeiro capítulo do seriado, quando conhece Brian e tem sua primeira relação sexual. Justin é um rapaz de 17 anos, estudante de um tradicional colégio de elite. O *Saint James Academy*. Pretende fazer a escola de artes ao concluir o ensino médio (ZANFORLIN, 2005, p. 69).

Queer as Folk - Os Assumidos aborda logo no primeiro episódio a problemática que envolve esse jovem e a postura sincera com ele mesmo e com outros de não esconder sua homossexualidade. Podemos perceber a concepção do assumir-se, a narrativa da revelação presente nessa primeira fase da série.

A diferença é que aqui ela está inserida no começo do seriado e não no final da história, como muitas telenovelas e demais programas insistem em abordar a temática da revelação, trazendo-a para o final como uma revelação surpreendente para o público. No caso de *Queer as Folk - Os Assumidos*, Justin abre a série deixando claro sua orientação homossexual que irá acompanhá-lo durante as temporadas da série.

A trajetória de Justin é muito marcante²⁹. As tensões vividas pelo rapaz durante a difícil missão de ser quem ele é, encarando os preconceitos familiares e sociais, muitas vezes sendo tratado com violência por seu próprio pai. Embora enfrente adversidades, Justin crê que sua felicidade está relacionada com a aceitação de sua orientação sexual por parte de sua família e amigos.

²⁸ Fonte da imagem: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html> Acesso em 05-11-2012.

²⁹ No Capítulo 2 desse trabalho observaremos o grande número de telespectadores e internautas que se identificam com as histórias, preocupações e alegrias vividas por Justin Taylor.

Juntamente com Brian Kinney e Michael Novotny o adolescente constrói uma teia de problemáticas e significados durante a série e também acaba por criar significados por aqueles que os assistem. Esses significados perpassam a ideia de juventude, inexperiência e as difíceis relações que são estabelecidas pelo núcleo familiar do personagem. O jovem de classe média alta sai de casa, praticamente expulso pelo pai, e vai viver uma vida totalmente diferente daquela que estava acostumado, sem as regalias que tinha na casa dos pais.

Primeiramente, é importante pontuar as mudanças e transformações desse personagem ao longo dos cinco anos do seriado. Constatamos que Justin Taylor, no primeiro episódio, quer buscar sua liberdade. Para efetivar essa questão, nada mais interessante para um jovem que procura não esconder sua orientação sexual que a tumultuada Liberty Avenue³⁰. É nesse contexto que ele conhece os demais personagens e é nesse primeiro episódio introdutório que Justin também conhece Brian Kinney e se apaixona por ele.

Depois desse primeiro encontro com Michael, Ted, Emmet e Brian, a trajetória do jovem muda radicalmente devido aos conflitos familiares, as brigas com o pai, discussões com mãe, a tentativa frustrada de levá-lo a um psicólogo, pois primeiramente, para os pais de Justin, ele apenas está confuso. Situação de incompreensão familiar que pode ser visualizada por muitos jovens homossexuais. Justin sai de casa e passa a morar com Debbie, a zelosa mãe de Michael, para desespero inicial de Michael e indiferença de Brian Kinney.

Justin acaba conquistando um espaço crucial no seriado, pois várias temáticas são discutidas pelo intermédio do personagem. Uma teia de relações centrais que o personagem vai tecendo, construindo aços fortíssimos com outros personagens, como é o caso da relação com Debbie. Esta lhe dá o carinhoso apelido de *Sunshine* (Raio de Sol, conforme as legendas em português).

O garoto passa a morar com Debbie, e após deixar a casa dos pais consegue seu primeiro emprego na lanchonete da qual ela é a dona. Ele se torna um grande amigo do casal Melanie e Lindsay, enfim, se relaciona de forma mais estreita com esses personagens, mas mantém um bom relacionamento de amizade com os demais.

Apaixonado por Brian, insiste no seu primeiro amor por muito tempo até que por volta da terceira temporada ele se muda para o *loft*. A partir desse momento, embora seu companheiro Brian não admita, eles passam a viver como um casal. Justin amadurece muito

³⁰ Liberty Avenue: se trata de uma avenida existente em Pittsburgh onde pode encontrar muitos bares e boates. Disponível em http://articles.chicagotribune.com/2002-06-30/travel/0206300337_1_gay-bars-bars-and-clubs-pegasus. Acesso 05-11-2012.

com o tempo. A princípio cedia aos caprichos do companheiro, sofria com a indiferença, então ele muda esse comportamento até que na terceira temporada arruma um novo amor, um amante.

Justin conhece um jovem violinista na rua e passa a se relacionar amorosamente com ele. Parece que novamente ele se apaixona, mas dessa vez por um rapaz tão jovem quanto ele, que a princípio deseja ter um relacionamento estável, monogâmico. Justin, totalmente envolvido pelo romantismo de seu novo amor, se deixa levar, encontrando-se às escondidas.

Esse jovem é exatamente o contrário de seu “namorado” Brian Kinney. O violinista é pobre, vive apenas o momento presente, mora num pequeno apartamento que mal consegue manter, toca nas ruas para ganhar algum trocado, diferentemente de Brian, maduro, rico, seguro de si. Justin cresce com o seriado. O personagem parece amadurecer ao longo das temporadas, junto com a trama e, porque não, com os telespectadores.

De menino ingênuo, bobo e apaixonado, se torna um homem com uma personalidade bastante forte, com opiniões bastante expressivas. Isso é tão visível na quarta temporada. Devido aos altos índices de violência contra grupos LGBT's, ele cria um grupo chamado Grupo Rosa, uma espécie de milícia urbana com o objetivo de proteger e defender os homossexuais nas noites de Pittsburgh.

Essas relações constituídas por Justin com os demais personagens são importantes no que diz respeito ao contexto total do seriado, bem como nos permite perceber algumas peculiaridades e alterações decorridos durante as cinco temporadas.

1.4.2 "*A menos que eu esteja transando com você, isso não é da sua conta.*"- Brian Kinney.



FIGURA 9. Brian Kinney.

Fonte: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html>

Brian Kinney (Gale Harrold)³¹: tem quase 30 anos quando inicia o seriado. Trabalha com publicidade e propaganda em uma empresa renomada. É muito bem-sucedido em sua carreira profissional. Independente, rico, bonito, seguro de si, conquistador. Brian compõem esse tripé dos personagens como aquele o qual a série se constitui. Um personagem interessante no que diz respeito à sua personalidade forte e atitudes controversas.

Logo nos primeiros episódios, ele se torna pai. O nascimento do bebê acontece logo no primeiro capítulo, em meio a uma tumultuada noite de festa, a mesma na qual conhece Justin. Brian se torna pai devido à sua doação de material genético para que o casal de lésbicas Lindsay e Melanie possam realizar o sonho de ter uma família. Mas por que a escolha de Brian para ser o pai da criança?

Ele é amigo de Lindsay há muito tempo, passaram o período de adolescência juntos. Isso poderá ser identificado ao longo da trama por meio das falas e conversas dos dois. O fato de serem amigos de longa data é um forte indício da escolha, mas pelo contrário, ele não tem um comportamento que todos os personagens aprovam, inclusive Melanie, a companheira de Lindsay.

Assim como Justin pode ser caracterizado como personagens que representam a juventude, Brian pode ser considerado o promíscuo, que gosta de festas. O homossexual que tem inúmeros relacionamentos, está sempre disposto a uma nova relação, desde que esse envolvimento não passe de uma noite de sexo. Representa de forma mais geral, o promíscuo, que só quer se divertir, sem relacionamentos estáveis, namoros sérios, apenas o sexo pelo prazer.

No que diz respeito aos relacionamentos, Brian age de forma egoísta e um tanto narcisista e várias vezes assume uma postura arrogante com seus amigos e colegas. Não são poucas vezes que podemos observar ao longo dos episódios os demais personagens o chamando de egoísta, que só pensa em si mesmo.

Brian é muito seguro no que diz respeito à sua sexualidade e, principalmente, sua homossexualidade. Deixa muito claro para quem queira saber a sua orientação sexual, não faz a mínima questão de ter amigos heterossexuais, prefere ficar em seu meio. A independência financeira e afetiva que o personagem cultiva pode ser um forte indício de sua postura mais despreocupada em relação à homossexualidade, fato que não veremos em Michael Novotny, seu melhor amigo. Ao se remeter ao primeiro encontro amoroso de Brian e Justin, Zanforlin

³¹ Fonte da imagem: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html>. Acesso em 05-11-2012.

aponta:

(...) Brian, um homem experiente, autoconfiante, dita as regras ao inexperiente e inseguro Justin, deixando claro certas marcas que irão prosseguir ao longo de toda a primeira temporada do seriado. O tom narcisista, autoritário e superficial de Brian, o caráter impessoal de suas relações, marcadas apenas pela satisfação do prazer sexual (ZANFORLIN, 2005, p. 74).

Brian passa a se relacionar com Justin de uma forma não monogâmica, o que para ele é excelente, pois assim pode ter vários parceiros, além de seu companheiro. Percebe-se que a personalidade dele muda muito. É uma questão que os telespectadores percebem e comentam nas comunidades virtuais, mais isso é assunto para o próximo capítulo.

Ele transforma sua postura arrogante e individualista para um homem mais preocupado com seus amigos. Não podemos afirmar de fato que ele era um personagem que só se preocupava consigo mesmo, mas o que queremos apontar é que ele não fazia nenhuma questão de demonstrar seus sentimentos pelos demais, fazendo transparecer que aqueles que estavam ao seu redor não faziam a mínima diferença para ele, tanto é que sempre que fazia algo para ajudar seus amigos, deixava obscuro, para que poucas pessoas ou ninguém tomasse conhecimento.

Essa postura do personagem também vai gradualmente se alterando e Brian acaba por se tornar mais emocional a ponto de querer estar mais perto do filho, de demonstrar uma preocupação maior pelos amigos, de estar mais disposto a ajudar os demais e na quinta e última temporada pedir Justin em casamento. O personagem tem sua personalidade modificada ao longo da história, se transforma, enfrenta conflitos, amadurece e cresce *com os problemas passados*.

Assim, como pontuamos no caso do Justin, Brian também adotou posturas diferenciadas. É importante trazer à tona que a série dura aproximadamente cinco anos e seria estranho se os personagens continuassem iguais desde o primeiro episódio. É de fundamental importância discutirmos essas mudanças de personalidades.

Brian, homem bem-sucedido em seus negócios financeiros, enfrenta um problema sério relacionado a dinheiro. Durante um tempo fica sem emprego e dessa forma não tem como manter o padrão que levava e então passa a vender os móveis de seu *loft*. Essa experiência faz o personagem se sentir solitário, um momento realmente difícil. Mas, esse período negativo passa e o personagem retorna com seus negócios bem-sucedidos.

Ele não se encaixa no estereótipo homossexual afeminado, com trejeitos e características de gênero entendidas como femininas, muito pelo contrário. Outras características que podemos considerar ou pertencentes aquilo que compreendemos como estereótipo podem ser visualizadas, como: a visão do homossexual promíscuo e que só pensa em sexo e nele próprio, o fato dele relacionar-se apenas com outros homossexuais. Essa percepção se faz de total importância para compreensão do objetivo que esta pesquisa traçou, que é o perfil de três personagens nucleares do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*.

1.4.3 “Este sou eu: Michael Novotny, o cara quase bonito ao seu lado” - Michael Novotny.

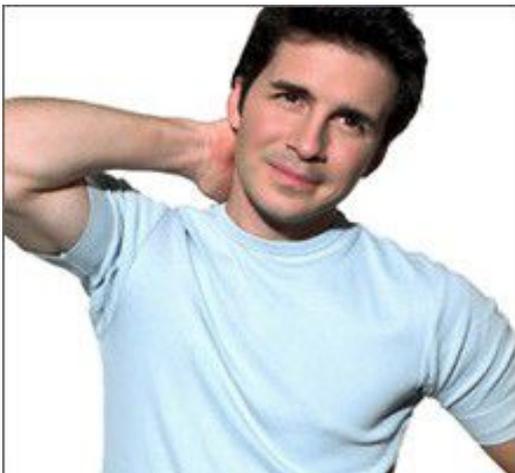


FIGURA 10. Michael Novotny.

Fonte: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html>

*Michael Novotny (Hall Sparks)*³²: o narrador onipresente, pois aparece apenas no primeiro capítulo e no último. Michael tem 30 anos quando o seriado inicia. Um personagem tido pelos demais como atencioso, carinhoso, bom amigo, tranquilo e querido por todos. Mora com a mãe Debbie e com seu tio Vic, mas este quadro se altera quando ele conhece e inicia um relacionamento afetivo com Ben Bruker, começam a namorar e Michael vai morar com ele.

Michael pode ser entendido como o homossexual certinho, que se encaixa no perfil que socialmente é tolerado, ou seja, aquele homossexual não afeminado, sem trejeitos, não

³² Fonte da imagem: <http://queerasfolk-online.blogspot.com.br/p/personagens.html>. Acesso em 05-11-2012.

tem uma voz fina semelhante aos timbres femininos e possui relacionamentos estáveis. De uma forma geral é quieto, não aparenta ser homossexual, mas isso não torna sua vida mais fácil. Na primeira temporada ele trabalha em uma loja de departamentos chamada *Big Q*, em que na primeira temporada ele assume a função de chefe de setor. Ninguém em seu trabalho sabe de sua orientação sexual e ele não faz nenhuma questão de publicizar isso.

Em um dado momento ele até finge ser heterossexual para sair com uma colega de trabalho, a fim de que os demais não descubram sua identidade homossexual. Durante a noite com os colegas heterossexuais do trabalho, ouve muitas piadas sobre gays e se sente acuado perante aquela situação. Logicamente a estratégia não tem sucesso e ele acaba descoberto e tendo que confessar a verdade.

Michael também demonstra alteração nessa postura amedrontada dos primeiros episódios e irá a assumir publicamente sua orientação sexual, frente a todos e não apenas ao seu grupo de conhecidos e amigos. Sempre está ao lado de Brian, mesmo quando é maltratado e ignorado pelo amigo, um amor incondicional que o telespectador percebe logo nos primeiros momentos.

O amor que este alimenta por Brian nos primeiros episódios da série, dá a conhecer ao telespectador que se trata de um amor romântico, mas com o desenrolar da história percebe-se que se trata mais de uma afetividade provinda de uma amizade que se estende desde a infância. Michael assume um relacionamento sério com o professor universitário Ben e com ele permanecerá até o final do seriado.

Ele enfrentará a mãe para seguir em frente com seu relacionamento amoroso com Ben. A mãe superprotetora Debby se colocará contra o namoro do filho, por conta do parceiro dele ser HIV positivo. Aqui podemos apontar um certo preconceito por parte da mãe. Notamos que Debby é uma mãe orgulhosa do filho e luta para que os direitos dele enquanto homossexual sejam respeitados. Ela é integrante do grupo *P-FLAGS*³³, uma organização sem fins lucrativos criada nos Estados Unidos para garantir o respeito e os direitos de homossexuais.

A questão é que Debby convive diariamente com o irmão Vic, HIV positivo, e sabe os problemas, cuidados e as dificuldades enfrentadas por aqueles que convivem com pessoas portadores da síndrome. Dessa forma ela quer precaver e impedir que o filho sofra com esse relacionamento no futuro. Há também o medo do contágio, por parte da mãe, a insegurança

³³ Organização estadunidense de pais, familiares e amigos de lésbicas e gays – Para saber mais acessar <http://community.pflag.org/Page.aspx?pid=194&srcid=-2>. Acesso em 24-01-2013.

que ela sente, que também será superada no decorrer da história.

Michael muda sua história profissional, sai do emprego na loja de departamentos e compra uma loja de revistas em quadrinhos, sua paixão desde pequenino. Inicia um período em que ele e Justin, este último com seu talento para as artes, especialmente o desenho, criam um quadrinho com um personagem homossexual, um herói, nomeado por eles de Super Rage³⁴. O personagem é uma alusão direta a Brian, no sentido da fisionomia do super-herói ser parecida ou pelo menos lembrar o personagem.

Não podemos esquecer que Michael e Justin têm relações afetivas muito estreitas com Brian, de um lado o namorado jovem, completamente apaixonado, de outro, o amigo de infância fiel, companheiro. O que une os dois afetivamente em relação a Brian é o fato de ambos muitas vezes se sentirem magoados por ele, mas, mesmo assim, continuarem nutrindo um amor incondicional.

Esses três personagens formam um triângulo interessante no seriado, ligados entre si por sentimentos de amizade e amor. Eles compõem grande parte das problemáticas discutidas no enredo de *Queer as Folk - Os Assumidos*. E aqui focamos neles, pelo fato de muitos telespectadores e internautas declararem se identificar com eles. Assim compreendemos que os três personagens e suas características peculiares podem ser encontrados em maior número fora do campo da TV e da Internet, sendo assim visualizados no campo social mais frequentemente.

³⁴ *Rage* em português pode ser entendido como raiva, super-herói “*Super Raiva*”.



FIGURA 11. Super Rage – História em quadrinhos criada por Michael e Justin.

Fonte: http://www.sodahead.com/living/the-green-lantern-is-gay-cute-or-controversial/question-2696457/?page=38&postId=85701081#post_85701081&link=ibaf&q=&imgurl=http://24.media.tumblr.com/tumblr_lofyiq6K2c1qm3zxtol_1280.jpg

O super-herói homossexual ganha maiores proporções, chegando até a ser indicado para um possível filme, mas a proposta acaba não se realizando. Michael continua com sua loja de quadrinhos. Ele se torna o pai biológico da filha de Melanie, pois o casal de lésbicas decide ter mais um filho e dessa vez escolhem Michael para ser o doador do material genético. Logo que o bebê nasce, uma menina, o casal Lindsay e Melanie se separa e passa a ocorrer uma briga judicial entre os três, para decidir com quem ficaria a guarda da criança. É um momento tenso na história dos personagens.

Michael e Ben, após essa experiência com a filha, que termina ficando com Melanie e Lindsay novamente como casal, entram num processo de adoção de Hunter, um garoto de 16 anos que eles encontram se prostituindo nas imediações. O jovem passa a morar com o casal e posteriormente eles tentam a guarda do menino e conseguem. A noção de família é discutida no seriado inúmeras vezes. Uma delas é essa, representada por Michael e Ben, primeiro com o caso da filha recém-nascida de Melanie e depois no caso de adoção de adolescente Hunter.

CAPÍTULO 2: ABREM-SE AS PORTAS DO “ARMÁRIO VIRTUAL” - O ASSUMIR-SE VIA INTERNET

O seriado trouxe para discussão questões que se relacionam diretamente com a perspectiva de revelar publicamente a orientação sexual, abrindo novas possibilidades para que o indivíduo possa se assumir no espaço público. Usar o campo da internet para esse tipo de confissão se tornou uma prática que muitos internautas adotaram.

Portanto, utilizamos o jargão “sair do armário”³⁵, juntando com a perspectiva do campo virtual, ou seja, assumir-se via internet, levando em consideração que essa prática de se apropriar do espaço da web para fazer revelações é algo que tem pouco tempo e se encontra num processo de assimilação.

A internet, no fim do século XX e início do XXI vem se tornando um meio de comunicação, diversão, trabalho e entretenimento cada vez mais utilizado. Dentro dessa perspectiva, a inserção da internet como uma fonte foi de crucial importância, devido ao fato de perceber que nas redes sociais havia muitas discussões e debates sobre o seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos. Com o aporte dessas conversas temos uma visão mais ampliada sobre as concepções e entendimentos sobre o seriado que os telespectadores tiveram ao longo das temporadas.

O conteúdo das conversas *on line*, no espaço das comunidades virtuais, são dos mais variados: desde comentários sobre os episódios, personagens, músicas, atores e, por fim, histórias de vida, vivências individuais que são expostas para que os demais possam ver, comentar e até mesmo opinar.

Para compreendermos os significados das dinâmicas em relação ao conceito de comunidade apresentada pelo seriado, é necessário levar em consideração o termo e os significados dessa palavra dentro de um contexto sociológico.

Nesta pesquisa, usamos bastante o termo comunidade para se referir às páginas virtuais no Orkut³⁶ e no Facebook³⁷, que são conhecidas como “comunidades” pelos membros das redes sociais³⁸. Pontuamos que a noção de comunidade virtual se torna muito importante devido ao fato de utilizá-las como aporte, mas não podemos esquecer e muito menos negligenciar a percepção de comunidade enquanto conceito científico, vital para que possamos compreender melhor a sociedade e meio que vivemos.

³⁵ Geralmente é utilizado para se remeter aqueles e aquelas que assumiram publicamente a homossexualidade.

³⁶ *Orkut*: se caracteriza como uma rede social na Internet, criada em 2004 por Orkut Büyükkökten, engenheiro Google, com a finalidade de sociabilidade, de socializar pessoas, manter os amigos e fazer novas amizades.

³⁷ *Facebook*: também é uma rede social, criado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade, que assim como o Orkut tem o objetivo central de manter as pessoas em uma rede de sociabilidade, embora o Facebook tenha algumas dinâmicas diferentes do Orkut.

³⁸ “Rede Social: Aplicação da metáfora da rede para os grupos sociais. Atores constituem os nós e os laços sociais, as conexões” (RECUERO, 2008, p. 178).

Muito discutido pela Sociologia, o termo comunidade é preocupação do autor Zygmunt Bauman (2003) que ressalta que comunidade geralmente é vista como algo positivo. A própria palavra já nos remete a pensar nessa interpretação boa. Caracteriza-se geralmente por ser um lugar confortável, que nos deixa seguros das obscuridades do mundo “lá fora”.

O autor ressalta que podemos confiar uns nos outros quando estamos inseridos num contexto de comunidade, afinal dificilmente ficamos desconcertados. É um lugar de segurança total onde sempre poderemos contar com apoio dos demais membros. Assim sendo, “*o tipo de entendimento que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida para toda união*” (BAUMAN, 2003, p. 15).

Queer as Folk - Os Assumidos pode refletir a ideia de comunidade defendida por Bauman, visto que juntos, unidos, os personagens sentem-se mais seguros e confiantes uns com outros e mais fortes para encarar as adversidades da sociedade. Um grupo de homossexuais – que convivem entre si, que têm relações de amizades e romances, que estão vulneráveis a todo tipo de preconceito e agressões por conta de sua orientação sexual, se considera mais forte quando reunido em comunidade.

Utilizamos nesta pesquisa, principalmente, o Orkut, o Facebook e o site Yahoo³⁹. As redes sociais são espaços virtuais que permitem que o internauta interaja com amigos, familiares, etc. O fenômeno das redes sociais cresce a cada dia. O acesso à internet via celulares, *tablets*, entre outros, permite que possamos estar conectados praticamente em todos os lugares, enviando fotos recém-tiradas, postando o que estamos vendo, vivendo ou pensando naquele exato momento. Dessa forma, compartilhamos momentos do nosso dia a dia com os demais amigos anexados em nossa rede social.

O Orkut foi bastante utilizado no Brasil até aproximadamente o ano de 2010. Após essa data houve uma queda considerável de usuários, que foram migrando para o Facebook. Inicialmente, foi no Orkut que encontramos um grande número de comunidades relacionadas à série *Queer as Folk* - Os Assumidos. De acordo com Couto e Rocha (2010) que dedicaram o livro *A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais* para debater e problematizar a internet, bem como as redes sociais, o Orkut pode ser entendido da seguinte forma:

³⁹ O *Yahoo* é um portal da internet que engloba variadas temáticas: música, entretenimento, fofocas de celebridades, salas de bate-papo, e-mail, notícias, entre outros.

O *Orkut* é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar amizades e manter as existentes. Atualmente, em dados de julho de 2009, é a rede social com maior participação de brasileiros, são 35 milhões, de acordo com o Google, o que representa 57% dos usuários do site. Atrás desse número vem a Índia, com 41% (COUTO; ROCHA, 2010, p. 22).

Importante ressaltar que o livro é de 2010. Atualmente, em esses dados já se alteraram um pouco, mas a citação acima aponta questões relevantes, pois demonstra que o Brasil por um período considerável utilizou a rede social Orkut em números elevados. Esses dados nos ajudam a compreender o porquê da utilização e apropriação dessa rede social pelos telespectadores do seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos. Tendo pessoas do Brasil inteiro como membros do Orkut, a possibilidade de agregar muitos fãs e telespectadores numa comunidade virtual era bastante possível.

No Orkut é possível adicionar fotos, comentários, preferências pessoais, livros preferidos, filmes e também criar grupos de discussões, cujas dinâmicas abrangem os gostos pessoais de cada um na intenção de agregar pessoas que tenham algo em comum. No caso do seriado, o que os une naquele mesmo espaço virtual é o fato da grande maioria gostar e se identificar com os personagens e com a trama. Em linhas gerais essas são as principais funções da comunidade, que podem ser inseridas pelo usuário em perfil* por exemplo: a comunidade intitulada “Eu amo filmes” é direcionada para quem gostadas produções cinematográficas e deseja discuti-las com pessoas que tenham a mesma preferência ou apenas adicionar em seu perfil como uma forma de identificar-se, ou seja, adicionar comunidades que possam representar o que o usuário daquele perfil é.

É possível adicionar comunidades que representem aquilo que o usuário não gosta, por exemplo: “Eu odeio música sertaneja”. Essa comunidade é direcionada para aqueles que não gostam do estilo que queira debater essa questão com outras pessoas. Para entender melhor o Orkut, acompanhe a reflexão:

Para compreender a dinâmica do Orkut, faz-se necessário entender como funciona o *software*. O usuário tem uma página pessoal (*profile*), um perfil de quem é o *software*. Este *profile* apresenta o usuário para os outros participantes do Orkut. Desse modo, o participante do *software* social escolhe o que disponibilizar na página: nome, idade, cidade onde mora, estado civil, opção sexual, até detalhe de gosto pessoal: músicas, livros, culinária, amores, profissão e características físicas. Para ilustrar o perfil, o

usuário é identificado através de foto ou imagem (muitos usuários não colocam uma foto sua, mas sim uma imagem, desenho de personagens de história, games, filmes, etc). Esta imagem, presente no perfil do usuário, o identifica em todos os espaços do Orkut sempre que ele interagir com envio de informações, recados: *scrapbooks*, fóruns, comunidades. Além da imagem do perfil, o participante possui um espaço para disponibilizar álbuns digitais de fotografias, que podem ser acessados por outros usuários da sua rede ou, à sua escolha, por todos os participantes do *software* (COUTO; ROCHA, 2010, p. 238).

Os autores apontam que tipo de ferramentas o Orkut disponibiliza para seus usuários e como elas funcionam, e também as várias maneiras de interagir com os demais membros via *scrapbooks* (recados) e também através das comunidades. E é sobre a utilização, apropriação e a recepção que os telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* fazem das comunidades no Orkut e posteriormente do Facebook que focamos as discussões.

Os pequenos textos que não passam de uma ou duas frases que são postados nas comunidades e em outros espaços virtuais na internet compõem um cenário o qual os registros dos internautas ainda não são considerados algo importante. Geralmente esses escritos ganham caráter de entretenimento. É importante salientar o quanto um pequeno trecho pode dizer sobre uma pessoa e também que tipos de significados que escrever em uma página virtual pode ter para aquele que resolve registrar via internet acontecimentos pessoais, sentimentos nunca antes revelados, etc.

A partir dos relatos inseridos nas comunidades, que são espaços específicos para discussão do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, aquelas feitas para o seriado, que tem como objetivo reunir os fãs e telespectadores da série, pode-se notar os diversos usos e apropriações do campo virtual, que perpassam o viés de fazer amigos, de debater questões pontuadas pelo seriado. São também lugares em que são possíveis desabafos pessoais e compartilhar com os demais internautas problemáticas que afligem o cotidiano de cada um.

Investigamos algumas comunidades, escolhidas pela quantidade de membros e também aquelas que tinham discussões mais recorrentes, dentre elas: *Queer as Folk Brasil*, *Queer as Folk Fans*, *Queer as Folk media share* e posteriormente a inserção do grupo existente no Facebook também intitulado *Queer as Folk Brasil*, por se tratar de uma extensão da comunidade homônima do Orkut.

Trazer para discussão o Facebook foi necessário uma vez que o Orkut tem caído gradativamente em desuso pelos membros da rede social, que estão migrando para o

Facebook. Isso nos coloca a problemática da volatilidade da internet, a característica provinda de um mundo pós-moderno, onde as coisas aparecem e somem com rapidez. Sobre a internet, Rodrigues (2012) reflete que as páginas virtuais muitas vezes não têm arquivos, de forma que todo conteúdo novo inserido pode apagar o antigo, mas que há meios de “recuperar” esses dados perdidos, acessando o site www.archive.org⁴⁰.

Os debates decorrentes do site Yahoo⁴¹, que se colocam em forma de perguntas e respostas, também apontam importantes problemáticas. A peculiaridade é que as respostas podem ter um caráter de seriedade no intuito de ajudar o outro, ou de brincadeira com a intenção de tirar sarro por achar que a pergunta foi idiota ou apenas para a diversão.

Esses espaços foram criados por telespectadores a fim de utilizarem a internet e as redes sociais como um lugar de debate e também de encontro virtual de fãs do seriado. Esses espaços passaram a ter um sentido ampliado para aqueles que decidem escrever ali questões pessoais, subjetivas e de caráter individual. Escrever suas impressões individuais passa a ter um significado importante e conforme o membro da comunidade vai ganhando confiança em relação ao grupo e à própria comunidade, os relatos se tornam mais profundos, pessoais e “sigilosos”.

Certamente, os relatos inseridos nas páginas da internet se relacionam com os episódios do seriado, abrindo um leque de possibilidades para que os telespectadores percebam a trama como catalisador, a fim de compartilhar suas inquietudes pessoais com os demais membros das comunidades. Mas, o que nos instiga é por que algumas confissões de caráter pessoal aparecem em comunidades do Orkut e Facebook?

Muitos dos relatos e dos debates são decorrentes de histórias de vida, experiências pessoais, entre outras questões. O que nos chamou atenção é que alguns destes depoimentos têm características de “assumir-se”, ou seja, da revelação pública de ser homossexual e muitas das discussões giram em torno dessa temática. Por conta dessas revelações é pertinente abordarmos problemáticas relacionadas à escrita e a o objetivo de deixar algo. Quem escreve para alguém, mesmo que esse alguém seja o próprio autor.

Escrever um relato pessoal, um desabafo, uma experiência não se encontra fora do

⁴⁰ Uma página estadunidense que se propõem a arquivar objetos virtuais. Possibilidade de verificar as formas de escritas e leituras de sites brasileiros, bem como suas alterações a longo do tempo (RODRIGUES, 2012).

⁴¹ Estão inseridos no Yahoo perguntas, um espaço em que o telespectador pode fazer qualquer pergunta sobre o tema que desejar e obterá respostas dos demais internautas. Não são respostas especializadas, nem há uma equipe responsável pelas pesquisas e respostas que estão naquele espaço, mas são os próprios internautas que respondem as dúvidas de seus colegas da rede.

contexto do seriado fez com que as pessoas passassem a fazer parte da comunidade virtual. Os escritos se encontram em concordância e contextualizados pelas dinâmicas da série *Queer as Folk - Os Assumidos*: o seriado traz à tona as problemáticas e os internautas compartilham e criam novas possibilidades de discussões no contexto das comunidades virtuais, introduzindo uma escrita muito voltada para o *eu*, ou seja, para si mesmos.

Em relação às questões que permeiam a prática da escrita, Yonissa Marmitt Wadi realizou uma pesquisa em torno das cartas deixadas por suicidas na Comarca de Toledo, no Paraná, apresentando as questões em um texto intitulado *A escrita além da vida e da morte: mensagens de adeus de suicidas na Comarca de Toledo/PR (1980/1993)* (WADI, 2008). Nesse trabalho a autora traz o discurso das cartas deixadas por pessoas que atentaram contra a própria vida e cometeram suicídio. Essa temática, que relaciona a análise investigativa das cartas, ainda é pouco explorada pelos pesquisadores quando se remete a pessoas ditas comuns, ou seja, ao trabalhador, à dona de casa, ao estudante, etc.

Do contrário, quando se trata de pessoas públicas que cometeram suicídio, os documentos deixados por elas são amplamente investigados e publicizados, inclusive se há uma carta de adeus. O exemplo citado no trabalho e que ficou muito conhecido é a carta testamento do ex-presidente brasileiro Getúlio Vargas. Este documento pode ser encontrado em vários livros de História e foi amplamente analisado por diversos pesquisadores sob vários olhares diferentes.

De acordo com Wadi (2008), a proposta é discutir e interpretar os conteúdos das cartas deixadas por pessoas comuns, na tentativa de compreender o significado dessas escritas e como esses pequenos textos autobiográficos constroem os sujeitos. Pontuamos a importância da leitura e discussão desse texto para esta pesquisa no que diz respeito à ideia de escrita, de escrever algo, das intenções, dos objetivos e também do caráter subjetivo desses pequenos textos para aquele que escreve.

Quando indivíduo escreve algo, abstrai pensamentos e sentimentos transformando-os em palavras que geralmente têm um objetivo, uma intenção. Escrever não é banal. Quando se escreve algo, é para alguém ler, para que um outro indivíduo tome conhecimento de algo que aquele que escreve julga ser importante. De acordo com Wadi (2008):

Cartas e bilhetes são escritos com objetivos variados. Às vezes, simplesmente para trocar informações, compartilhar afetos, sentimentos ou

sensações, enviar notícias variadas, demonstrar lembranças. Outras vezes com objetivos mais ambiciosos, como expressar opiniões políticas, buscar legitimidade frente a um grupo, construir uma memória para posteridade (WADI, 2008, p. 122).

Os escritos podem ser lidos nas comunidades virtuais. Uma troca diária de comentários e informações que os internautas postam sobre temas variados, dentre eles: a discussão sobre os episódios da série, seus problemas pessoais, revelações, troca de informações sobre onde é possível fazer *download* do seriado, etc. Os escritos feitos pelos internautas podem ser analisados de várias formas, com intenções diferenciadas e por motivos que também são diversos, uma vez que eles resolvem deixar suas impressões, depoimentos, falas no espaço virtual e ali ganham escopo e legitimidade dos demais.

Os relatos escritos também contribuem para a formação dos sujeitos ou para a autoafirmação de uma identidade que para muitas pessoas de seu convívio ainda é um fato muito novo. Os depoimentos nas redes sociais e demais páginas da internet só existem dentro de um contexto possível se forem relacionados aos episódios e temporadas de *Queer as Folk - Os Assumidos*.

É fato que o internauta poderia escrever suas questões em qualquer outra página ou até mesmo criar um espaço específico para ele, pontuando suas problemáticas e as premissas que mais lhe afligem, mas esses internautas se utilizam de um espaço dedicado a um seriado televisivo. Isso pode ser um forte indicador de que grande parte das pessoas que lá registraram suas vivências assistiu a série *Queer as Folk - Os Assumidos* e também que em algum momento se identificaram com os temas abordados ou com os personagens, caso contrário não faria muito sentido postar as impressões pessoais naquelas comunidades.

Relatar naquelas comunidades tem um sentido para aquele que escreve, não é apenas redigir um pequeno texto, é escrever algo sobre si mesmo em um lugar em que as discussões envolvem um programa de TV ficcional. Mas que para o telespectador e internauta têm um sentido muito maior, que vai desde a sensação de liberdade até a confiança de trazer a público suas inquietações, contar aos demais alguns segredos escondidos há muito tempo a partir de questões que são apresentadas via TV.

A escrita de si não é uma prática nova, o que mudou ao longo dos tempos foram as formas de escrever e os lugares de escrita. A necessidade de escrever algo, anotar o cotidiano, bem como deixar registrado os segredos individuais, pode ser notada de inúmeras formas e

hoje a internet e as redes sociais ganharam essa característica.

Um exemplo de escrita de si são os diários pessoais, geralmente relacionados às mulheres. Esses diários nada mais eram que cadernos em que a dona registrava seu cotidiano, um espaço de liberdade em que poderia ser escrito tudo o que ela quisesse, sentisse ou desejasse naquele momento. A peculiaridade é que eles não eram públicos, muito pelo contrário, eram guardados a sete chaves e alguns continham, de fato, um cadeado com chave.

Sobre os diários pessoais e suas funções, a escritora Paula Sibila, no livro *O Show do eu: a intimidade como espetáculo* (2008), comenta sobre a utilização da escrita pelas mulheres, abordando o exemplo da escritora Virginia Wolf. Mas, com certeza, ela não foi a única; aliás, devem ter sido inúmeras as donzelas que encontraram na escrita do diário íntimo “um meio de desabafo” (SIBILA, 2008, p. 67).

Esses desabafos apontados pela autora, podem ser hoje visualizados no contexto da internet, visto que as comunidades virtuais que se relacionam ao seriado reúnem um número considerável de pessoas. Grande maioria de membros das comunidades parece ser homossexual, não é uma regra.

O autoconhecimento, por meio da escrita ou ideia de autoafirmação, mudaram e com essas alterações tecnológicas e comportamentais, a prática do escrever também mudou. Os indivíduos que escrevem diários *on line* não são apenas mulheres, mas homens também passaram a aderir os diários pessoais mas via internet.

É grande a tentação de compreender essas novas modalidades de expressão centradas no eu como um ressurgimento da antiga prática introspectiva da exploração e conhecimento de si, porém adaptadas ao contexto contemporâneo e aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias oferecem. Como se sabe, a internet permite que qualquer usuário possa publicar o que quiser, com pouco esforço e baixo custo, para uma audiência potencial de milhões de pessoas do mundo inteiro. Isso concede aos “diários íntimos” contemporâneos uma projeção que seus ancestrais pré-digitais nunca teriam podido conseguir, ou sequer imaginar (SIBILA, 2008, p. 70).

A autora reflete o processo de utilização da internet nos últimos anos, pontuando o uso do meio virtual como uma forma contemporânea de expressão e também de escrever diários. Estes passam a ser públicos, ainda num patamar de individualidade, mudando o caráter de diários íntimos não mais *cadeados com chave*. Compartilhar as experiências, angústias e

tristezas com várias pessoas não era em hipótese alguma concebível para aqueles que em outra época escreviam cotidianamente em diários, caderninhos, etc. Embora quando escrevemos, registramos um fato ou um sentimento inconscientemente é para alguém ler, mesmo que essa pessoa seja nós mesmos.

Essa nova configuração do falar de si em público, poder receber críticas, comentários, opiniões, sugestões é o que ocorre via redes sociais, pois se aquele que escreve permitir, todos os integrantes da rede podem visualizar suas postagens. Postagem é uma palavra utilizada no campo da internet para designar o que o autor, dono de um blog, site ou rede social inclui em sua página. Um *post*⁴² ou uma postagem é aquilo que se insere em uma página ou que se envia ao demais. Pode também ser relacionado com as postagens feitas pelo Correio. Enfim, o ato de postar define-se como enviar algo para alguém.

Esse jeito informal de escrever e conseqüentemente de falar no campo da internet ganhou um nome: “internetês”. De acordo com Bisognin e Finatto (2010), é um “português da internet” que é usado por jovens durante as conversas *on line*⁴³.

Essas expressões também foram identificadas nas escritas das comunidades virtuais que analisei. Visualizando esse tipo de linguagem, considerei importante trazer à tona esta perspectiva. Devido ao fato de utilizar os escritos dos internautas da forma que estão inseridas nas páginas sem nenhuma alteração gramatical.

Assim, a escrita de diários não se perdeu no tempo. Ela é reavivada na contemporaneidade, mas com características que lhe são peculiares, práticas reelaboradas e mudadas, se encaixando no contexto da Internet.

Até o presente momento nunca notamos nenhum tipo de desrespeito ou até mesmo características homofóbicas nas comunidades. Pode ser que esse crivo do “dono da comunidade” tenha relação com esse fato, pois para ser aceito nas comunidades é preciso que o criador, chamado de moderador, aceite o solicitante. Pois essa pessoa do sexo masculino se coloca como homossexual e coordena os links, pessoas e demais coisas postadas na comunidade.

Em certo momento entramos em contato com o “dono” da comunidade *Queer as Folk*

⁴² *Post* na linguagem utilizada na internet significa artigos ou um fórum anexado em uma página virtual.

⁴³ Para os autores, essa forma de escrever é uma recriação gráfica das línguas faladas já existentes, dotada de simbologias e representações, exemplo que podemos facilmente encontrar: *T+* (até mais); *aKi* (aqui); *neh* (né); *nunk* (nunca); *VC* (você); e também onomatopeias para designar risos e choro: *hahahhhahahaha*, *hehehhehehe*, *kkkkkkkkkkkkkkkkkk*, *huihuihsuihsuihsuih*, entre outras.

- Os Assumidos, que se apresenta com o pseudônimo de *Justin*, (o nome de um dos personagens da série)⁴⁴. A intenção ao pedir o contato de *Justin* era saber por que alguns tópicos estavam sumindo da página, inclusive um dos que mais me instigava: o *Confesso que*. *Justin* explicou que não sabia desse fato e que não havia apagado nada da comunidade.

Mas, ao perguntar sobre o tópico *Confesso que*, ele revelou que aquele lá “*dava muito barraco*”. Compreendo que algumas discussões já haviam ocorrido por lá entre os próprios membros e assim imaginei que *Justin* poderia, sim, ter excluído esse tópico para não acontecer outras desavenças.

Com o passar do tempo, muitos outros tópicos foram sumindo, assim como os membros já não participavam como antes. Pode-se perceber que outro fenômeno estava causando isso: a maior aceitação do Facebook e o gradual desuso do Orkut. Entendemos que, talvez, *Justin* falou verdade e que as pessoas foram saindo do Orkut, apagando seus perfis e com isso o espaço foi sendo deixado de lado, predominando apenas os links para fazer *download* do seriado.

Esta comunidade era a mais frequentada do Orkut entre as existentes sobre o seriado, com mais de 20 mil membros, como se pode observar abaixo:

⁴⁴ Nosso contato se deu via telefone, após tê-lo adicionado no perfil pessoal do Orkut e pedido para ter uma conversa com ele, assim ele preferiu o contato via celular.

The screenshot shows the Orkut website interface. At the top, there's a navigation bar with links like '+Você', 'Pesquisar', 'Mapas', 'Play', 'YouTube', 'Notícias', 'Gmail', 'Disco', and 'Mais'. The user's name 'caroline_stefany88@hotmail.com' and options for 'configurações' and 'sair' are visible. The main content area is for the community 'Queer as Folk - Os Assumidos', which has 20,148 members. The community description mentions a focus on the TV show 'Queer as Folk' and related topics. There are sections for 'Download Queer as Folk', a forum with topics like 'Como assistir online?' and 'Você é atv ou pass?', and a list of similar communities such as 'Ele curte? Está afim de mim?' and 'Bubu Lounge'.

FIGURA 12. Primeira página da comunidade do Orkut.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=69511>

Não há restrição de orientação sexual são aceitos homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, bissexuais etc. Neste espaço é que ocorria grande parte dos debates, discussões e confissões.

No Facebook o grupo agora intitulado *Queer as Folk - Brasil*, originário dos dissidentes da comunidade no Orkut *Queer as Folk - Os Assumidos*, tendo novamente *Justin* como moderador ou dono do grupo, há alguns escritos que denotam saudade dos internautas da página do Orkut:

Pedro: sdds comunidade do orkut, e dos barracos que rolavam todos os dias. :~~

Lili: "na época do orkut"... eu nem sabia da existência de queer as folk rs eu era só uma criança kk

Rafa: E põe barraco, kkk O Confessionário pegava fogo!!!⁴⁵

⁴⁵ Pode ser acessado em: https://www.facebook.com/groups/116715805079272/?bookmark_t=group-. Acesso em 20/11/2012.

Percebe-se uma a grande relação afetiva com um momento passados recente. Em tom nostálgico, os internautas apontam que a relação estabelecida pelo espaço, agora caracterizado como grupo, não tem as mesmas características daquelas que eles detinham nas comunidades do Orkut. O grupo *Queer as Folk - Brasil*, na atualidade é classificado como fechado⁴⁶, ou seja, a pessoa que cuida do grupo pode aceitar ou não novos membros, apagar comentários e fotos postadas pelo demais. Assim, todos os membros veem as atualizações, os novos *posts*, as fotos que vão sendo inseridas.

Sempre que há algo novo no grupo, os membros são notificados em seu perfil particular. Dessa forma há a possibilidade de maior interatividade, de acompanhar na íntegra os debates do grupo.



FIGURA 13. Página inicial do grupo do *Facebook*.

Fonte: https://www.facebook.com/groups/116715805079272/?bookmark_t=group

⁴⁶ Definição do Facebook sobre a denominação *Grupo Fechado*: Qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele. Somente membros podem ver as publicações. Para saber mais <https://www.facebook.com/groups/116715805079272/>-. Acesso em 20-01-2013.

Na página disponibilizada pelo site Yahoo encontramos um espaço intitulado *Yahoo respostas*, onde os internautas podem escrever suas dúvidas, vai desde perguntas relacionadas a coisas do cotidiano até conhecimentos científicos. Não há regras específicas para as questões que podem ser feitas naquele espaço. As respostas são dadas pelos internautas e essas podem ser votadas como boas respostas, sendo essas colocadas em primeiro lugar.

Na própria página do site, que tem por objetivo explicar a função do *Yahoo perguntas*, os autores salientam que qualquer questão sobre qualquer tema pode ser feita e respondida por pessoas “reais”. Podemos observar a perspectiva de compartilhamento de saberes com os demais usuários.

As perguntas relacionadas ao seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* são diversas e vão desde: “Onde baixar a série, se um homem 100% heterossexual assistiria a série “Queer as Folk” - Os assumidos”; ou algo como: “sempre fui heterossexual agora aos 16 anos estou com medo e dúvidas?” ; “Você acha que o Brian Kinney entende de amor em Queer as Folk ou o acha um idiota?”; “menino que assiste Queer as Folk é gay?”⁴⁷, entre muitas outras dúvidas. Não se pode negar que as questões apontadas pelos internautas são bastante instigantes.

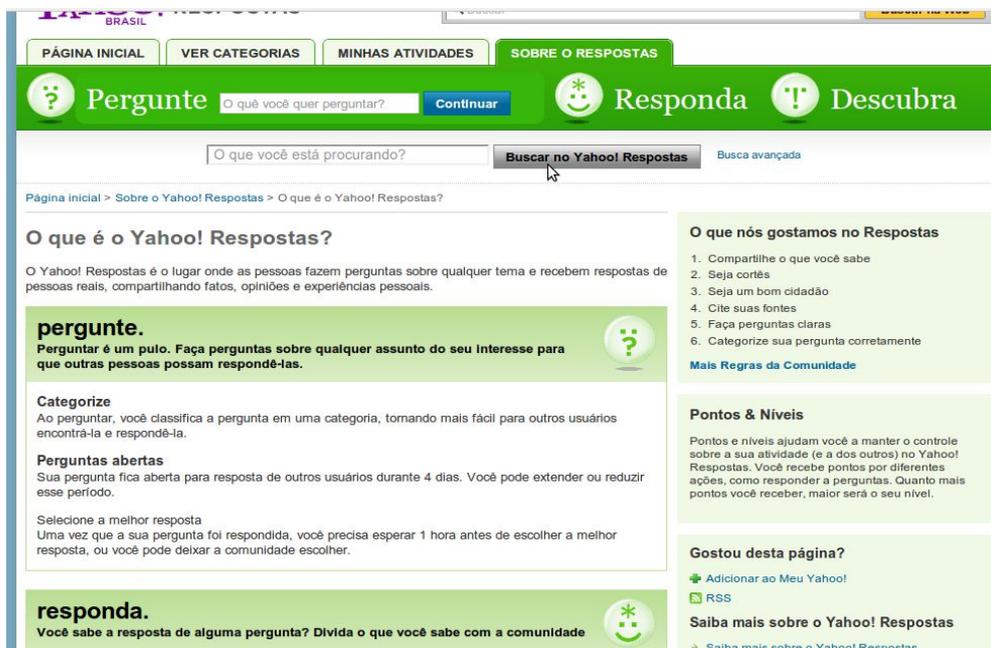


FIGURA 14. Página do *Yahoo Respostas* que explica sua função para os usuários.

Fonte: http://br.answers.yahoo.com/info/product_tour;_ylt=A13RQdqo35dJBUGxWHbsfYHHwIIQ;_ylv=3

⁴⁷ Questões retiradas do site. Para saber mais acessar http://br.answers.Yahoo.Com/search/search_result;_ylt=Av9a2oUsaoKDr_Ichs0k6mXx6gt;_ylv=3?=&Queer+as+folk&orderby=rank&page=6

Ao digitar *Queer as Folk* - Os Assumidos na página de perguntas do site, muitos escritos apareceram, entre dúvidas e reflexões, sobre a série e relacionadas à sexualidade. Assim sendo, algumas narrativas utilizadas foram extraídas do site de perguntas e respostas.

A rede mundial de computadores, portanto, passou a ser uma forma de aglutinar os grupos homossexuais mais diversificados. Na obra de Edith Modesto *Vidas em Arco-Íris: depoimentos sobre a homossexualidade* (2011), a autora faz uma reflexão sobre a importância da intermediação feita por computador para os homossexuais. Importante salientar que nessa obra, Modesto trata de narrativas e depoimentos de homossexuais abordando muitas temáticas, dentre elas: relacionamentos familiares, o assumir-se publicamente, amizades, namoros, sexo, mídias, religião, doenças, etc. Todos esses fatores são abordados com base em depoimentos individuais, feitos por meio de questionamentos. Uma pergunta relevante que a autora faz é sobre o que a internet representa, qual a importância dela para os homossexuais.

a) Os homossexuais descobrem que há outras pessoas como eles.

Mario - “Eu acho que a Internet deu um salto muito grande na qualidade de vida dos homossexuais. Eu vejo adolescentes, com 14 anos, homossexuais, já bem definidos, mas devido a essa informação generalizada que hoje em dia se tem. Antes da Internet não tinha... Não se sabia onde procurar informações, onde encontrar pessoas semelhantes.” (MODESTO, 2011, p. 203).

Na narrativa que o entrevistado fez para a autora percebe-se que ele ressaltada a maior facilidade que a contemporaneidade traz para que o homossexual possa se assumir publicamente. A internet cria a possibilidade de encontrar pessoas que também estejam no processo de publicização da orientação sexual bem como de (des)informação que o campo virtual proporciona.

Bruno - “É muita a importância da Internet para o homossexual. Acho que, se quando adolescente, eu tivesse a Internet, eu não passaria pela metade do que eu passei de solidão, de falta de um modelo... A única frase que a pessoa precisa e quer ouvir é “Você é gay? Tudo bem!”. E a internet te dá muita coisa... Mas o importante é ter amigos, porque a solidão é o que mata.” (MODESTO, 2011, p. 204).

Bruno confessa para Modesto um ponto que, com base nos relatos e algumas

narrativas encontradas nas comunidades virtuais relacionadas com a série, pode ser também percebido no campo virtual. Traz à tona sua experiência de solidão durante a juventude, pelo fato das pessoas não o entenderem sua orientação sexual.

Nas discussões realizadas durante as entrevistas propostas por Modesto (2011) sobre as mídias, há um tópico sobre televisão em que a pergunta é: Como os programas de televisão brasileiros tratam o homossexual? (MODESTO, 2011, p. 199). A maioria das respostas dadas pelos entrevistados é depreciativa. Os entrevistados ressaltam os estereótipos e as generalizações. No que diz respeito às representações de homossexuais, eles reclamam do tratamento dado aos personagens da televisão, principalmente telenovelas e seriados, pois criam um senso comum e muitas vezes reforçam o preconceito de forma indireta, fazendo piadas e chacotas com gays da TV.

Muitos trazem exemplos de programas estadunidenses que também se propõem a representar as dinâmicas da homossexualidade e entre eles é citado *Queer as Folk - Os Assumidos*.

Fernando - “Os Assumidos [Queer as Folk] mostra o casal de lésbicas juntas há anos e com dois filhos de inseminação artificial, um de cada uma... E não tem locais para as lésbicas transarem, agora para os gays tem muito local de sexo... O seriado mostrava...” (MODESTO, 2011, p. 199).

Na citação acima, o entrevistado pontua o casal de mulheres. É perceptível que ele está se referindo aos relacionamentos sexuais dos personagens, pois na visão dele, não há lugares para encontros amorosos para as mulheres, diferente dos homossexuais masculinos, que de acordo com a interpretação dele, têm inúmeras possibilidades de pontos de encontros amorosos e sexuais. Vale lembrar que no seriado as mulheres têm um relacionamento monogâmico, com filhos, mas não têm as mesmas dinâmicas que os homens representados que, de modo geral, estão em constante busca por amores casuais.

2.1 DUAS MÃES E UM BEBÊ: A COMUNIDADE GANHOU UM NOVO MEMBRO

Importante pontuarmos a noção de comunidade presente nas páginas virtuais, bem

como nos episódios do seriado. Nas primeiras cenas do primeiro episódio, uma criança nasce: é o filho das personagens Lindsay e Melanie, gerado por Lindsay através de inseminação artificial. O pai biológico e doador do material genético para fertilização é Brian. A criança nasce e é um menino que terá o nome de Gus.

O nascimento da criança levava a pensar que havia algum significado especial e muito importante ao longo do seriado. A princípio, a compreensão sobre o nascimento desta criança era de que ela seria um meio que os produtores e roteiristas encontraram para abordar determinadas questões, ou seja, um viés para problematizar diversos temas, entre eles: famílias monoparentais, a constituição das famílias “alternativas”, preconceito, entre outros.

Essas questões são abordadas pelo seriado e o pequeno Gus influencia diretamente as discussões relacionadas às famílias e formações familiares. Mas, não é apenas isso, pois ele é inserido em *Queer as Folk - Os Assumidos* para dar um sentido ainda maior à série. Esse significado pode ser entendido como o fortalecimento do grupo de homossexuais que ali se constitui.

Para a comunidade homossexual representada em *Queer as Folk - Os Assumidos*, ele se configura como o núcleo articulador das dinâmicas relacionadas aos demais personagens. Talvez não diretamente, como o telespectador poderá observar ao longo dos episódios e das temporadas. O bebê tem uma função agregadora do grupo, mas não apenas isso. Ele passa a articular muitas discussões que irão se alongar até o fim da série.

Quando o menino nasce, os laços entre o casal ficam mais estreitos e fortalecidos. O sentimento de segurança aumenta e isso pode ser explicado por conta da nova família poder contar com os amigos. Mas, ao mesmo tempo, medem-se pelo fato de que uma criança, filha de mães homossexuais, pode ser vítima de preconceito e incompreensão daqueles que não percebem as famílias homoafetivas como sendo dignas de respeito. Mas, o fato deles estarem inclusos em uma comunidade lhes dá maior confiança e sentimento de proteção, pois se algo ruim acontecer o casal pode contar com o apoio dos demais membros.

A mãe biológica de Gus é Lindsay. O pai biológico, representado por Brian, e a outra mãe, Mel, formam um triângulo familiar interessante e para que este se forme, (posteriormente se transforme, devido ao nascimento de outro bebê do casal, dessa vez gerado por Mel e como pai biológico Michael) os pais da criança sentem necessidade de estarem inseridos em um grupo. Para que se sintam mais fortes e acolhidos, um grupo forte que

consiga se orientar de forma independente é de vital importância.

E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar em pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mal passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepende-se se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há nenhum contrato entre nós que obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros, e assim, temos simplesmente o direito de esperar obter a ajuda que precisamos (BAUMAN, 2003, p. 08).

A noção de comunidade parece mais condizente com as problemáticas representadas na série em torno dos personagens e das dinâmicas propostas do que a ideia de sociedade, visto que podemos compreender um conflito entre grupos homossexuais e o contexto social que os permeiam. E nessa dicotomia cruel é interessante ficar ao lado daqueles que lhes parecem semelhantes.

Não afirmamos que a comunidade representada pelos personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* estejam alheias ao meio social, ideia que parece impossível. Muito pelo contrário, a interconexão com o campo social é o que faz com que eles se reúnam em um grupo bastante diferente entre si, mas que compartilham o fato de serem homossexuais. Isso os faz sentirem a necessidade de se relacionar com pessoas que os entendam e compreendam as dificuldades de ser um “assumido” na sociedade contemporânea.

No segundo capítulo da primeira temporada, o seriado abordou o batizado de Gus. Uma cerimônia aos moldes judaicos foi realizada, por conta de Mel ser adepta dessa religião. Assim, a prática do *bris* (a circuncisão) terá que ser realizada. Brian, ao saber por meio de seus amigos que estão na festa de batizado, organizada por Mel e Lin, impede que Gus seja circuncidado. Brian reivindica seus direitos de pai biológico, argumentando que elas teriam que deixar o bebê como ele nasceu, aceitar ele do jeito que ele é. Na visão dele, a criança mal nasceu e já querem transformá-la em outra coisa.

Os laços de comunidade dos personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* serão

mais fortes, embora discordem de muitas questões, como esse exemplo ocorrido nas cenas do batizado de Gus, e concordem com outras, tenham conflitos internos constantes, eles não deixam de se ajudar e se amparar uns aos outros.

Pode ser chamado de comunidade um grupo de pessoas não claramente definidas nem circunscritas, mas que concordem com algo que outras rejeitem e que, com base nessa crença, atestem alguma autoridade. Por mais que possamos tentar justificar ou explicar “estar junto”, o primeiro traço de sua caracterização é a unidade espiritual (BAUMAN, MAY, 2010, p 75).

Os autores também pontuam outros tipos de comunidades que podem ser formadas com intenções bem definidas. De acordo com Bauman e May (2010), algumas comunidades existem pelo simples fato de seus membros realizarem tarefas definidas, onde são controlados de diversas maneiras. Ele chama esses tipos de “grupos de finalidade ou organização”. Esse modelo tende a absorver o indivíduo apenas parcialmente, com a comunidade agrupada por possuírem algo em comum, um sentimento de pertencimento.

Essa caracterização das organizações não se encaixa, penso eu, no enquadramento que corresponde aos personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos*, pois lá não há regras limitadas para cada um, nem controle sobre as funções dos personagens. Eles se encontram num mesmo ciclo social, por outros motivos que envolvem afinidade, amizade, confiança, segurança e orientação sexual.

A utilização do termo comunidade nas páginas virtuais do Orkut e do Facebook são recorrentes, embora no campo virtual a noção comunitária é um pouco diferenciada naquela que se coloca no campo social. Nesses espaços virtuais as pessoas podem escolher as que mais se identificam. Essa decisão de participar ou não de grupo virtual se dá inicialmente por meio do título central e depois há um pequeno texto escrito pelo criador, explicando do que se trata aquele grupo, ou seja, o tipo de debates e discussões que serão feitos naquele espaço.

Nas relações mediadas por computadores, adentrar ou não em uma comunidade implica se comunicar com pessoas diferentes, de lugares longínquos e que talvez nunca terão contato físico e pessoal.

Uma comunidade virtual é constituída sobre as afinidades de interesses, de conhecimento, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de

troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127).

A dinâmica de reunir pessoas com interesses e afinidades semelhantes também se constitui no campo social, discutido anteriormente. No campo virtual o internauta julga possível falar o que pensa, contar problemas pessoais, sem medo de ser julgado ou atacado verbalmente pelos demais. É um lugar onde o indivíduo também encontra a sensação de segurança, pois em tese, ali ele está rodeado de “iguais” que provavelmente compartilharão de suas aflições e alegrias.

O internauta só adicionará ao seu perfil na rede social uma comunidade com a qual ele se identifica, caso contrário a lógica descrita acima não fará nenhum sentido. Para melhor compreensão, veja o exemplo: se uma pessoa que gosta de música sertaneja adiciona uma comunidade destinada às pessoas que gostam de *rock' n' roll* e passa a escrever comentários que são o oposto das opiniões da maioria. Entende-se que se pessoas que não gostam daquele estilo passam a tecer críticas negativas, provavelmente ela será hostilizada, possivelmente com a justificativa de que ali não é o lugar dela. Ela está fora do espaço que contempla seus semelhantes.

Para adicionar uma comunidade virtual deve-se sentir contemplado pela discussão lá disponibilizada e também ter um sentimento de pertencimento aquele grupo, se sentir seguro junto aos demais membros. Percebe-se que dessa forma se pode expor opiniões sentindo-se mais seguro.

De modo geral, as comunidades virtuais são definidas como espaços telemáticos em que a participação é impulsionada pela escolha. Para efetivamente tornar-se uma comunidade é preciso que seus participantes tenham o sentido de pertencimento, dividam interesses e objetivos comuns e promovam efetiva interação social entre si (COSTA, 2008, p. 92).

De acordo com Vera Teresa Costa (2008), muitas comunidades podem ser caracterizadas como de solidariedade, ou seja, construídas através do compartilhamento de narrativas sobre o cotidiano dos membros, que vão se tornando semelhantes, gerando assim uma ideia de identificação do grupo, de pertencimento. Essas características podem ser apreendidas nos espaços virtuais remetidas ao seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos, visto

que ali os internautas e telespectadores compartilham suas experiências individuais com os demais membros.

Para Costa (2008), outro tipo de comunidade pode ser identificado no campo virtual: as chamadas ciberativistas, geralmente utilizadas por movimentos sociais. O objetivo é organizar as demandas solicitadas pelos movimentos, como denúncias de preconceito, difusão de discursos contra o preconceito, etc. As comunidades direcionadas à *Queer as Folk - Os Assumidos* algumas vezes também aderem a esse tipo de função, mas é no Facebook que a questão do ciberativismo é percebida com mais frequência.

No Facebook o grupo ganhou o nome de *Queer as Folk Brasil*, tendo atualmente 66 membros. Funciona há mais de um ano e sua grande maioria de membros é de homens. Características essas que também eram percebidas no Orkut, só que lá o número de membros da comunidade principal tinha mais de 22 mil membros.

A dinâmica do Facebook é um pouco diferente. Esta rede social, atualmente, é a preferida entre os internautas, ocupando o lugar que antes era do Orkut. Neste grupo, podemos perceber a questão do ciberativismo com mais frequência, pois na página vários membros postam fotos de violência a homossexuais, textos contra homofobia, entre outras problemáticas.

Costa (2008), interpretando as noções de Tidwell (1999), pontua que os integrantes de uma comunidade podem ser classificados em quatro grupos. Em primeiro lugar os assíduos, que estão constantemente interagindo com as dinâmicas e as discussões propostas por outros membros da comunidade. Depois, aqueles que leem as mensagens postadas pelos outros, mas que esporadicamente interagem respondendo as perguntas ou provocando algum outro debate. Em terceiro, leitores/apagadores, que são aqueles que olham rapidamente o que outros escreveram e muitas vezes apagam as mensagens. Por último há os dissidentes, que são aqueles que abandonam as comunidades ou as listas de discussões rapidamente, entram e saem num espaço de tempo bastante curto.

Dessa forma os campos virtuais passam a ter uma volatilidade grande e significados diferenciados ou transformados ao longo do tempo, pois são “alimentadas” por seus membros que, como indivíduos sociais, também perpassam por um processo de mudança contínua de identidades, de gostos, de opiniões. Mas, o que os une num mesmo espaço virtual, no caso desta pesquisa, é a perspectiva da homossexualidade e a preferência por um mesmo seriado

televisivo, o *Queer as Folk - Os Assumidos*.

Pode-se dizer que o conceito de comunidade virtual é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço. Trata-se de uma forma de tentar entender a mudança da sociabilidade, caracterizada pela existência de um grupo social que interage, através de comunicação mediada por computador (RECUERO, 2008, p. 146).

A comunicação mediada por computador no espaço das comunidades virtuais tece vários tipos de relações sociais. A mais comentada é a amizade surgida entre os membros. Embora eles não se conheçam e geralmente não tenham nenhum contato físico e pessoal, a noção de amizade constantemente é trazida para a pauta dos internautas.

Atualmente o Orkut, como já comentado anteriormente, caiu no “ostracismo” sendo pouco utilizada. Em meados de 2009/2010, essa rede social era a mais utilizada pelos internautas. No Brasil contava com muitos adeptos, com o país chegando a ficar em segundo lugar no ranking de perfis do, ou seja, era o segundo país no mundo que mais tinha pessoas inseridas. Nos últimos dois ou três anos esse quadro se alterou e muitos daqueles que antes eram usuários diários, assíduos do Orkut, excluíram a página ficando apenas com uma delas, ou usando diariamente apenas o Facebook.

Essa problemática é relevante, pois os membros das comunidades que detínhamos nossa atenção não estavam mais utilizando o Orkut, que se encontrava “abandonado”. Após um tempo percebemos que alguns tópicos que haviam sido postados anteriormente tinham sido apagados ou excluídos. O que ainda restava por lá, em grande quantidade, eram links para *download* da série. No Facebook, a adesão começou tímida, com nenhuma ou pouca movimentação dos internautas. Aos poucos, o número de membros foi aumentando e as postagens se tornaram mais frequentes.

Agora, os debates que ocorriam anteriormente foram postos na nova rede social. Aos poucos parece que o grupo virtual destinado aos telespectadores e fãs do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* volta, aos poucos, a se estabilizar no Facebook. De acordo com uma internauta integrante do grupo *Queer as Folk- Brasil* no Facebook, “Isso aqui tá parado né!”⁴⁸, pois no princípio não havia muita interação, mas logo esse panorama mudou.

Segundo um homem integrante do grupo, era “*O retorno do grupo mais babadeiro do*

⁴⁸ Pode ser acessado em https://www.facebook.com/groups/116715805079272/?bookmark_t=group. Acesso em 24-06-2012.

emeesseene, agora no facebruike! #todasgrita”⁴⁹. Assim, aos poucos as problemáticas estão sendo retornados e o número de integrantes vai aumentando dia após dia.

Comunidade, quando atrelada aos meios virtuais, é tema bastante discutido entre os estudiosos. Segundo Rogério da Costa (2005), a definição de comunidade como entendida pelo autor Zygmunt Bauman não pode ser encaixada totalmente quando nos remetemos aos campos virtuais, pois neste há outros tipos de movimentos coletivos. Há de se ampliar a concepção do conceito. Sobre as comunidades Costa expõem:

Desde seu início, elas sempre foram criticadas pela ausência de contato físico entre seus participantes. O que raramente se perguntou foi sobre o próprio conceito de comunidade em jogo. Cobrar das comunidades virtuais aquilo que se entendia romanticamente por “comunidade”, tal como Bauman (2003) o faz, seria simplesmente se impedir de ver o que vem acontecendo nos movimentos coletivos de nossa época. Como afirma Pierre Lévy (2002), as comunidades virtuais são uma nova forma de fazer sociedade. Essa nova forma é rizomática, transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência e laços. E isso tudo só foi possível com o apoio de novas tecnologias de comunicação (COSTA, 2005, p. 246).

Essa nova forma de fazer sociedade explicitada pelo autor pode ser identificada nas comunidades virtuais, onde geralmente as pessoas que debatem as dinâmicas propostas não se conhecem, mas alimentam uma relação mediada apenas pelo computador. Não há contato físico e muitas vezes não se tem certeza que aquela pessoa, como ela se apresenta na internet, existe. É o que os internautas chamam de *fake*⁵⁰. Não nos preocupamos em saber se aquelas pessoas existem e vivem como descrevem nas comunidades, não é esta minha intenção. Mesmo sendo um *fake*, alguém está por trás da tela do computador inserindo aquelas informações, o que não deixa de ser uma interpretação do mundo e da realidade.

⁴⁹ Pode ser acessado em https://www.facebook.com/groups/116715805079272/?bookmark_t=group- Acesso em 15-06-2012.

⁵⁰ *Fake*: são aquelas pessoas que criam um perfil virtual falso, com um nome, características, fotos, experiências, tudo inventado. Um personagem que um internauta criou para poder realizar outros tipos de sociabilidade no campo da internet sem precisar dizer seu nome e dados pessoais.

2.2 A NECESSIDADE DO FALAR DE SI: DIÁRIOS VIRTUAIS

O primeiro relato que aponto neste capítulo é de um homem, idade não identificada, mas a qual podemos sugerir ser jovem. O depoimento tem características de confissão em que o autor expõe seus sentimentos mais profundos, aqueles que talvez estejam escondidos, obscuros e que pouco quer lembrar. Mas, o espaço virtual, especificamente de uma página em uma rede social dá confiança suficiente para o internauta colocar suas emoções em palavras⁵¹.

(Brandon): Isso nos faz refletir...

Peraí! Você é gay?!

Sim, sou gay.

Sou aquele que as pessoas dizem não ter vergonha.

Sim, sou gay.

Sou aquele que te faz sentir melhor por não ter os meus problemas.

Sim, sou gay.

Sou aquele que mente por não poder contar a verdade.

Sim, sou gay.

Sou aquele que leva desaforo pra casa e de casa calado.

Sim, sou gay.

Sou aquele amigo fiel pra todas as horas que mostra nos tempos difíceis que seus problemas têm solução e que são menores do que parecem.

Sim, sou gay.

Sou aquele que quando sofre ao invés de chorar escancarou um sorriso pra não ter de contar a causa pras pessoas.

Sim, sou gay.

Sou aquele que escuta de um amigo que gays são abominações e tenho que concordar por não poder reivindicar.

Sim, sou gay.

Sou aquele que foi condenado por profetas que nem me conheciam e se achavam no direito divino de me julgar por apenas uma das minhas características pessoais.

Sim, sou gay.

Sou aquele que se apaixona e não pode contar

Sim, sou gay.

Sou aquele que mesmo magoado ou com o coração aos pedaços não pode desabafar com ninguém além do travesseiro.

Sim, sou gay.

Sou aquele que vê os outros felizes aos pares e não posso fazer o mesmo.

Sim, sou gay.

Sou aquele que sofre muito mais por não poder ser eu mesmo para com os

⁵¹ Utilizamos apenas uma classificação de gênero, usando as dicotomias masculino e feminino, e um nome fictício para identificá-los, pois não considero conveniente usar os nomes próprios nem imagens dos internautas. Apenas utilizei as falas que copieei conforme estavam colocadas nas páginas virtuais. É importante lembrar que para ter acesso ao Orkut, é preciso ter um perfil na própria rede, assim se pode ter acesso a grande parte das informações que estão no modo “público”.

outros do que por não achar um alguém pra mim.

Sim, sou gay.

Sou aquele que ao me conhecer de verdade não consegui mudar, mesmo me esforçando para isso, mesmo não tendo gostado do que sou aprendi a aceitar, e a tentar fazer disso o menos doloroso possível.

Sim, sou gay.

Sou aquele que por pior que seja a situação continuo a sonhar com um futuro feliz, apesar de a situação tender ao contrário.

Sim, sou gay.

Sou aquele que torce para não ser odiado por meus próprios pais e amigos, quando souberem a verdade.

Sim, sou gay.

Sou aquele que torce pelo amor de Deus seja muito grande a ponto de não me condenar pelo que sinto.

Sim, sou gay.

Sou aquele que não pode escolher os genes do próprio DNA.

Sim, sou gay.

Sou aquele que não pode viver e teve que aprender a disfarçar pra poder sobreviver.

Sim, sou gay.

Sou aquele que não sabe esperar a hora certa. Mesmo sendo insuportavelmente doloroso decepcionar a todos, a hora certa de contar a verdade vai chegar, vou ter que de aguentar mais dor com apenas uma esperança.

Sim, sou gay.

Sou aquele que chora lendo esse texto.

Sim, sou gay.

Sou aquele que vê pessoas lerem esse texto as gargalhadas ou aos insultos.

Sim, sou gay.

Sim, gosto de garotos. Sim aprendi a gostar de mim como sou. Sim, Deus me ama tanto quanto ama você. Sim, vou ter de me libertar um dia. Posso até causar dor em algumas pessoas, mais, muito mais dor eu já senti calado por tanto tempo, e sempre consegui achar uma luz no fim do túnel. Se eu consegui então todos podem conseguir, basta se colocarem no meu lugar. Coisa que eu fiz, boa parte da minha vida, me colocar no lugar dos pais e amigos, sofrendo muito mais do que necessário, tendo de sofrer minha dor e a futura alheia. Tive de olhar pra dentro e me analisar. O que sinto é proposital? É um vício? Sou promíscuo? Não, não. Então se não tenho culpa do que sou não vou mais sofrer por que não se adequar a mim. Não, não te culparei se você deixar de gostar de mim como eu sou de verdade. Mas ficarei decepcionado de saber que se é assim que as coisas se desenrolaram então você nunca gostou de mim realmente. Não. Eu não posso te fazer acreditar em mim. Você pode achar que sou um pobre coitado que não sei o que digo mais isso você só terá certeza de fato se tivesse vivido minha vida, com todos os meus sentimentos e problemas, que pessoas como você não faz nem ideia de como devem ser. As dificuldades me fizeram forte. Você acha que iria suportar o peso da minha vida?

Sim, sou gay!⁵²

⁵² Pode ser acessado em www.orkut.com.br - Comunidade Queer as Folk - Os Assumidos. Acesso em 25-07-2011.

A escrita do internauta é bastante forte, sempre salientando a ideia de “sou gay”, em um misto de orgulho, autoafirmação. Também soa como um pedido de desculpas por ser o que é. Dentro das concepções aqui já discutidas, podemos compreender um pouco do significado que o seriado passa a ter na vida dos telespectadores, especialmente os de orientação homossexual. A série *Queer as Folk - Os Assumidos* vista como diferenciada e nova, por conta com uma representação ousada e nova, abriu um leque de possibilidades para que muitos jovens se assumissem publicamente.

Queer as Folk - Os Assumidos, se bem analisada e observada, não quebra todos os clichês e estereótipos remetidos aos homossexuais, e algumas vezes reforça alguns, como o caso dos personagens Brian, Michael e Justin. Mas, ela tem um papel importantíssimo por contar com a presença de representações inusitadas e mais identificáveis. Dessa forma, rompe com a permanência de personagens caricatos e cômicos. De certa forma, os personagens passam a ser mais presentes, não somente os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos*, mas também abrindo um leque de possibilidades para outras representações.

O assumir-se para a família e demais pessoas de convívio é um processo difícil para muitos. Nessa questão nos remetemos novamente aos diários íntimos e secretos, onde os segredos mais preciosos eram escritos e guardados, pois ali nesse espaço só seu, a paixão por uma pessoa do mesmo sexo poderia ser revelada, mas nunca exposta e descoberta.

Com as redes sociais e demais espaços da internet, muitas revelações são feitas publicamente, para que todos possam acompanhar, e muitos internautas usam as comunidades para tais revelações e dividem suas experiências de vida com os demais. Nota-se uma mudança do privado para o público. A homossexualidade sai do gueto, da escuridão para as páginas da internet. As revelações ganham o espaço das redes sociais, que antes era ocupado pelos diários íntimos.

É uma analogia possível, pois a clandestinidade das vivências e práticas homossexuais na atualidade é muito menor do que num passado recente. Sabemos que o ato de assumir-se também tem seu “preço”, visto que o preconceito, homofobia, violência e a intolerância são bastante presentes. Fazer tal afirmação é uma via de mão dupla, da qual podemos cometer o equívoco da generalização. As práticas homoafetivas são contempladas de diferentes formas em diferentes lugares. Um exemplo disso é essa prática realizada na dicotomia campo versus cidade. Em outras palavras, o homossexual pode ser mais bem-aceito nas grandes metrópoles

e cidades do que em pequenas cidadezinhas do interior do Brasil, mais arraigadas em uma cultura patriarcal e machista. Mas isso não significa que em pequenas cidades não se construam viveres homossexuais.

A temática das vivências homossexuais em pequenas cidades foi discutida por Robson Laverdi no texto *Viveres urbanos de jovens rapazes homossexuais no Oeste do Paraná (2009)*. Esta pesquisa nos auxiliou a refletir sobre essas vivências no campo virtual, já que o autor explorou por meio de entrevistas orais as memórias e as narrativas de jovens homossexuais masculinos em pequenas cidades do Oeste paranaense.

O que me impressionou na pesquisa foi a receptividade com que estes jovens aceitaram a gravação e/ou colaboraram nas aproximações. Com pouco tempo de trabalho, já havia mapeado um conjunto significativo de entrevistados de diferentes cidades. Apenas um dos contatados não permitiu a gravação, alegando não dispor de nada a dizer. O contrário também ocorreu; dois jovens, de diferentes cidades, sabendo da pesquisa por colegas, pediram para serem entrevistados (LAVERDI, 2009, p. 76-77).

O autor expõe um pouco de sua experiência de pesquisa no processo de realização de entrevistas. Percebe-se, por meio de sua fala, que um número relevante de jovens se dispôs a dar entrevista, a falar de si próprio para um desconhecido. Mesmo com a possibilidade da exposição lhes prejudicar, em algum ponto de suas vidas os jovens sentiram a necessidade contar suas histórias para o pesquisador. Na internet a dinâmica é parecida. Também é possível visualizar a necessidade de escrever, contar, falar, narrar suas vidas para alguém que os escute sem julgamentos morais e sociais.

A pesquisa de Laverdi (2009) com jovens homossexuais de pequenas cidades nos revelou outro ponto interessante: aqueles jovens entrevistados não tinham muito contato com o mundo virtual.

Dos três jovens mencionados, apenas Maicon demonstrou ter algum traquejo com o computador, utilizando-o para contatos via internet. Gilvan e Herculano, entretanto, assumiram não lidar com o ambiente virtual, demonstrando ainda pouquíssimo interesse em fazê-lo. Esta comunicação se faz pertinente, tendo em vista que a Internet tem se constituído, em toda a região, como uma das mais importantes ferramentas de aproximação de jovens homossexuais. Os meios virtuais de contato, especialmente as salas públicas de bate-papo para usuários das cidades de Cascavel, Toledo, Assis

Chateaubriand, são cotidianamente ocupados pelos usuários de diferentes grupos nas salas de chat específicas. Essas salas também são ocupadas por jovens da redondeza considerando que suas cidades não possuem salas específicas (LAVERDI, 2009, p. 79).

Os nomes dos entrevistados citados pelo autor são fictícios. Denotamos, conforme a citação, que em muitos lugares no interior do Brasil os jovens não estão inseridos digitalmente, ou apenas acessam esporadicamente. O que acontece é que muitos acessam uma vez por semana, uma vez por mês, em *lan houses*⁵³, ou seja, não possuem a conexão em casa.

Nas comunidades inseridas na internet, Brandon⁵⁴ exprime em texto de autoria própria e postado em uma comunidade do Orkut, a qual é destinada para os fãs de *Queer as Folk* - Os Assumidos, suas emoções e sentimentos em relação à sua orientação sexual. Importante salientarmos que o conteúdo do texto é bastante instigante, levando em consideração que em determinados momentos é carregada do sentimento de dor, da sensação de exclusão e por último é possível, de forma subjetiva perceber, que se trata de uma pessoa que se compreende enquanto homossexual e grande parte de sua vida é pautada por sua orientação sexual. É dessa forma que ele é visto pelas pessoas ao seu redor, apenas como um *gay* e nada além disso.

Embora escreva em uma página virtual, que tem como foco centralizador o seriado, o internauta escreve problemáticas relacionadas a ele mesmo, provindas de seu âmago mais profundo. A afirmativa *Sim Sou Gay*, em praticamente todos os inícios das frases, aponta uma relação com a ideia de autoafirmação, a perspectiva de deixar muito claro a todos quem ele é, porque está em tal comunidade e quais os sentimentos que incomodam.

Ser homossexual torna-se a questão central da fala de Brandon em quase todo o texto. A orientação sexual acaba por se tornar o grande ápice de sua fala queixosa e, muitas vezes, com tom de desabafo. É necessário apreender que nem todas essas problemáticas estão descritas de forma clara e objetiva. Em alguns momentos é preciso trazer à tona e praticar um exercício subjetivo de compreensão e entendimento.

Importante não esquecer de que se trata de um depoimento pessoal, de alguém que sentiu que naquele espaço poderia expor suas aflições e tristezas. Falar de si próprio é a

⁵³ *Lan house* é um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house.

⁵⁴ Nome é fictício, um pseudônimo para essa pessoa. Assim como as demais narrativas virtuais utilizadas nesta pesquisa, os nomes dos autores foram guardados em sigilo.

principal premissa que leva Brandon a escrever o texto, mas não o falar de si de forma egoísta, mas falar o que muitas vezes não foi possível dizer com seus familiares e amigos.

Logo no início ele escreve “*Sim, sou gay. Sou aquele que as pessoas dizem não ter vergonha*”. Em primeiro lugar a necessidade de deixar claro quem ele é e depois em tom de reclame e escrito às avessas ele faz a afirmação de que as pessoas não têm vergonha dele, mas que isso não passa de uma mentira, pois ele percebe que determinadas pessoas o evitam ou não aceitam sua orientação sexual, embora não consigam assumir na frente dele esse fato.

Falar de si e ao mesmo tempo trazer à tona uma parte considerada obscura por si próprio e pelos outros, como a orientação sexual, ganha proporções gigantescas no que diz respeito à identidade do sujeito, pelo menos desse sujeito. Levando em consideração que a orientação sexual ocupa todos os espaços de sua vida cotidiana, transformando um sujeito complexo e diversificado como é visto o homem moderno pautado pela descentralização, em um único o qual sua orientação sexual (neste caso ser homossexual) toma todas as atenções. De acordo com Wadi, a escrita se constitui como uma forma autobiográfica. Falar de si, contar a própria história, de um jeito muito particular e subjetivo.

Configuram-se assim como, “escritos de si”, ou seja, derradeiros escritos autorreferenciais ou autobiográficos. São escritos de escreventes que, como afirma Roland Barthes, escrevem sem nenhuma preocupação literária, objetivando apenas certos fins, como testemunhar, explicar, ensinar ou pedir. Mas também denunciar, agredir, acusar, como fazem alguns suicidas. A posição de escrevente, assumida pelos suicidas que deixam mensagens permite, por outro lado, que se rompa com qualquer “ilusão biográfica”, sobre a existência de um eu coerente e contínuo expresso em sua escritura (WADI, 2008, p. 122).

A problemática do eu, bem como a noção da publicização da orientação sexual, é trazida para o foco das discussões em vários momentos. Brandon é um exemplo dessa perspectiva. Fala de si próprio por intermédio de uma comunidade virtual, a qual tem por objetivo debater um seriado televisivo. Trazer à tona a solidão e a dor que ela causa é um ato de coragem. O seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* é o mote que centraliza as discussões e também dá a oportunidade para que depoimentos, como o citado acima, sejam escritos.

O seriado, na primeira temporada, aponta algumas questões as quais podemos relacionar diretamente com o depoimento do internauta, pois logo nos primeiros episódios,

quando ainda o telespectador está conhecendo os personagens, é apresentado ao público o personagem Justin Taylor (já citado no primeiro capítulo). Ele dá início à sua participação no seriado sustentando a história de um garoto jovem com apenas 16 anos, que decide se assumir homossexual publicamente e, a partir daí, passa a sofrer o preconceito de seu núcleo familiar e social.

Justin Taylor enfrenta o preconceito na escola por parte de seus colegas, mas mantém uma amizade muito forte com uma menina, Daphne, de sua idade, que frequenta a mesma escola que ele. A garota é heterossexual, uma dos poucos personagens do seriado que se caracteriza como tal. Ela é quem acompanha os problemas e dificuldades do amigo homossexual.

A frase escrita por Brandon na comunidade: “*Sim, sou gay. Sou aquele amigo fiel pra todas as horas que mostra nos tempos difíceis que seus problemas têm solução e que são menores do que parecem*”, reflete um pouco a relação de amizade entre Justin e Daphne, a garota é, sem dúvida, uma grande amiga de Justin ao ponto de decidir perder a virgindade com ele e depois acabou se apaixonando pelo melhor amigo.

Mas, é impossível negar que durante todas as temporadas, nas poucas vezes que a personagem Daphne apareceu na trama, foi sempre ao lado de Justin, apoiando-o, ajudando-o. O que gostaria de relacionar com essa questão do seriado é a fala do internauta Brandon, pois quando aponta que ele se considera um bom amigo, pois em comparação a qualquer outro problema que seus amigos venham a ter, o seu será maior, mais doloroso.

2.3 CONFISSÕES DE ADOLESCENTES E ADULTOS

Outra questão que gostaríamos de trazer para este debate se refere ao espaço da comunidade virtual, intitulado pelos internautas *Confesso que*. Neste espaço ocorre uma dinâmica entre os membros em que todas as frases iniciais do tópico comecem com as palavras: confesso que.

O depoimento abaixo é escrito por uma mulher, de faixa etária não identificada, mas que também podemos considerar jovem, que utiliza o espaço para explicitar questões que ela considera como aprendizados que obteve assistindo ao seriado *Queer as Folk* - Os

Assumidos. De certa forma, ela faz um movimento parecido que com o internauta Brandon, ou seja utiliza o campo virtual para falar de algumas de suas experiências pessoais. Neste caso, podemos notar que é uma confissão dolorosa, de uma mulher que revela ter sido violentada na infância.

Não podemos afirmar com exatidão se essa violência que ela relata é física, psicológica ou moral, pois tem-se apenas a informação do ato violento. Pamy inicia sua escrita com as sensações e sentimentos que o seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos causou nela: sorriu, chorou, aprendeu, etc.

Pamy - Confesso que... Com queer as folk eu sorri, chorei, aprendi, sofri, amei, sonhei, e amadureci [?]
 Confesso que não foi só você Jefe a ser violentado a maioria dos homossexuais se tornam gays com traumas causados na infância tudo se trata da violência não só sexual, como emocional, espiritual etc...
 Confesso que também fui abusada, não superei =(⁵⁵

Pamy se remete a uma resposta dada a outro membro da comunidade que contou um suposto abuso sexual sofrido na infância. Interessante que Pamy relaciona a orientação sexual com a violência, afirmando que ela pode ser um desencadeador da homossexualidade.

Ela entende dessa forma: é um meio que Pamy encontrou para tentar justificar um fato social. Em nenhum momento de sua fala se percebe ou ela deixa clara sua orientação sexual. Não fala sobre isso, embora tenha percebido que ela é uma integrante muito ativa na comunidade, ou seja, participa de muitas discussões, dá sua opinião em vários tópicos. Logo abaixo Jefe, o rapaz a quem ela estava se referindo, responde o comentário:

Jefe - Então Pamy, isso aconteceu há muito tempo...
 Mas não me tornei gay, eu nasci assim... a minha condição (agora não se diz mais orientação) sexual não foi por traumas, pois antes do abuso eu já me sentia gay,
 Mas eu superei, e esse dias atrás eu encontrei o idiota que abusou de mim. Depois de 19 anos e ele ainda pede pra gente “conversar”. Foi assim... hoje eu mudei de cidade, mas pra visitar amigos eu voltei aquela cidade, e estava andando nas ruas lembrando os muitos anos que vivi naquela cidade. Encontro com ele e ele me diz:
 - Oi quanto tempo que não te vejo por aqui. Quer ir pra algum lugar reservado conversar?

⁵⁵ Pode ser acessado em www.orkut.com.br - Comunidade *Queer as Folk* - Os Assumidos. Acesso em 26-07-2011.

- O menino de antes é diferente do de agora.
 - Hum e o que mudou?
 - Agora eu tenho escolhas e você nunca foi uma delas.
- E Pamme eu superei. Mas nada me tornou algo, que já nasci sendo.⁵⁶

A resposta de Jefe é direta, corrige a contestação feita pela mulher de que ele não se tornou homossexual, mas nasceu assim. A partir daí a fala de Jefe segue com o relato do abuso e do reencontro com quem o violentou. As memórias voltam à tona voltarão retornar à cidade que anteriormente ele morava, até o encontro e o pedido de conversar feito pelo indivíduo que o violentou no passado.

O seriado aborda a problemática referente ao abuso sexual de forma sutil. No seriado, Brian é acusado pelo próprio sobrinho de ter abusado sexualmente do garoto em uma noite em que o menino de 15 anos dorme na casa do tio. Na série, o que acontece é que o menino rouba da carteira de Brian dinheiro. Assim que descoberto o roubo, ele tira satisfação com o sobrinho que fica muito bravo e não assume o roubo. Ao chegar em casa ele conta para mãe, irmã de Brian, que o tio abusou sexualmente dele.

Após a denúncia, toda a família acredita no garoto pelo fato “do tipo de vida” que o tio Brian leva. Nessa perspectiva percebe-se que o seriado quer abordar e relacionar o fato de ser homossexual e o abuso sexual, como se a orientação sexual automaticamente te condenasse em um caso como esse. Um homem homossexual, uma criança afirmando ter sido abusada, torna Brian culpado ao olhar de sua família. Mas, ao final descobre-se a mentira do garoto

A confissão dos jovens, desabafando com outros membros de uma comunidade virtual uma experiência ruim de quando eram criança e que de acordo com ele já está superada, visto que ele consegue expor o fato de forma contundente, é interessante notar as questões que levaram esses internautas a expor suas problemáticas em uma rede virtual.

Jefe, como membro da comunidade do Orkut, telespectador do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, homossexual, utilizou o espaço para expor um drama pessoal, visto que o seriado em determinados episódios irá também abordar a violência em suas diversas faces, não só a sexual como a que ele expõe, mas outros tipos de atos e práticas que podem ser consideradas explicitamente preconceituosas e outras que passam, muitas vezes, despercebidas.

⁵⁶ Pode ser acessado em www.orkut.com.br - Comunidade *Queer as Folk - Os Assumidos*. Acesso em 25-07-2011.

fim do mês, que Deus me ajude a aguentar firme e aprender. Amém.⁵⁷

De acordo com Pamy, ela nunca superou o trauma de ser abusada. A vida sexual dela não existe, pois o abuso a tornou uma pessoa ressentida e recatada em relação ao sexo. Ela não deixa claro qual a orientação sexual, apenas afirma que não possui vida sexual e atribui isso à violação sexual sofrida na infância. Interessante que ela encerra a conversa falando do seu trabalho profissional, reclamando que é cansativo e que talvez ela possa nem sobreviver. Há desânimo com a vida, ou seja, ela encerra a fala nesse momento com um assunto onde ela também é o foco central, mas que não tem muito a ver com a conversa anterior, fecha sua participação nesse assunto com um tema bem mais “leve”.

A noção de violência é amplamente debatida em *Queer as folk* - os Assumidos. A personagem Debbie encontra um corpo em uma lata de lixo e a partir daí ela passa a procurar o assassino do jovem encontrado por ela. A violência é retratada na série por meio da representação de um assassinato, cuja vítima é um personagem desconhecido pelos telespectadores. A morte desse personagem é pautada juntamente com a abordagem relacionada ao descaso policial, quando percebem que o assassinato ocorreu em um local visto como “*uma rua gay*” e que o corpo encontrado também era de um homossexual.

Essa abordagem televisiva da violência pode ter encorajado muitos internautas a contarem suas próprias histórias, visto que a série parte de uma representação de uma linguagem, de um fator desencadeado no campo social. Dessa forma as narrativas são construídas não sobre como ocorreram, mas os indivíduos perceberam os fatos, como eles apreenderam as experiências. O que queremos deixar claro é que os internautas que postam suas impressões nas comunidades destinadas ao seriado poderiam ter escrito a mesma coisa, em qualquer outra comunidade, que se trata especificamente de suas preocupações individuais, mas escolheram o espaço das comunidades de *Queer as Folk* - Os Assumidos para demonstrar suas preocupações.

É interessante perceber esse movimento, pois se “garimparmos” pela web, encontramos sites de todos os tipos e destinados a todos os públicos. Não podemos esquecer que os internautas que ali postaram são também telespectadores e muitos deles fãs da série *Queer as Folk* - Os Assumidos e, portanto, encontram nessas comunidades algo que não

⁵⁷ Pode ser acessado em www.orkut.com.br - Comunidade *Queer as Folk* - Os Assumidos. Acesso em 26-07-2011.

conseguem perceber em outros espaços da internet.

Essa peculiaridade nos chama atenção. Os motivos e os significados de postar ali suas inquietações. O seriado dá o aporte para que as discussões sejam incentivadas, mas a partir de um tópico feito, um *post* comentado ou um desabafo os escritos ganham dimensões gigantescas, da qual aquele membro que iniciou a conversa jamais imaginava. Segundo Wadi (2008), quem escreve também se faz presente.

Uma carta, um bilhete ou uma fita de áudio, deixada para alguém ou para ninguém em especial, faz o “escrevente” presente, não apenas pelas informações que este fornece “acerca de sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios”, mas porque o torna “presente de uma espécie de presença imediata a quase física”. Como afirma Foucault, escrever é “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o próprio rosto junto ao outro”, ainda que pouco, fragmentariamente como fazem os suicidas (WADI, 2008, p. 122).

O contexto subjetivo de cada frase, de cada pequeno texto encontra-se carregado de um conteúdo o qual não podemos ler, mas para que haja compreensão é viável que o leitor adentre num contexto de subjetividade, na tentativa de visualizar os significados mais obscuros de cada letra escrita pelo internauta.

Não é fácil falar de si próprio, trazer à tona sentimentos diversos, os quais muitas vezes se tenta esquecer. Escrever no campo virtual também pode ser considerado um processo de avivamento da memória, de trazer à tona não apenas questões do cotidiano, do presente, mas também compartilhar fatos vividos de longa data, que ficaram guardados na memória.

Num outro caso, Fredy relata sua experiência no período de descoberta e de revelação para família e amigos de sua homossexualidade. Ele aponta as reações de amigos, pai, mãe e irmãos, bem como narra sua vivência sobre o olhar pessoal dele, deixando claro o que pensava, o que queria fazer e, posteriormente, o que aprendeu com isso.

Fredy - Eu fui muito imaturo nessa época. Só porque eu tinha resolvido aceitar que era gay, tudo que eu fizesse tinha que ser gay, comecei a andar com gays que mal conhecia, só ouvia músicas gays, bar e boate gay, etc. E arrumava qualquer desculpa pra dizer que era gay abertamente. Mas a reação da minha família, desses “amigos” que se afastaram e das outras pessoas me assustou muito! A frieza, hostilidade e incompreensão me fizeram decidir voltar ao armário (...).⁵⁸

⁵⁸ Citação pode ser encontrada na comunidade do Orkut - *Queer as Folk* - Os Assumidos - Acesso em 26/08/11.

Ele fala de si mesmo todo o tempo, de sua imaturidade representada em suas ações. Um exemplo disso é o momento que ele escreve “*que tudo o que fizesse tinha que ser gay*”. A concepção inicial de Fredy ser homossexual teria que estar necessariamente relacionado com as roupas utilizadas por ele, as músicas que escutaria e com o círculo social em que ele estaria envolvido.

Fala especificamente dele, das questões que implicam suas dores e visões de mundo. Fala sobre o outro, mas esse outro tem relação direta com o indivíduo em seu grau mais interiorizado. Dessa forma ele escreve sobre as diversas reações de familiares e amigos. Coloca em palavras as percepções mais subjetivas de um período difícil de sua vida pessoal, é uma narrativa de vida em que um olhar extemporâneo do próprio sujeito é descrita em palavras em uma página virtual. Não se trata de uma análise feita por uma terceira pessoa, mas do próprio vivente, sobre suas emoções e sentimentos decorridos num tempo passado e cujas perspectivas são ressignificadas e reavaliadas conforme o contexto do tempo presente, que é o responsável pelas interpretações atuais.

No seriado, a juventude de Justin novamente entra no rol das discussões pelo fato de ser um personagem jovem e que na primeira temporada da série encontra-se num período de descoberta e de revelações. Nesse sentido, esse último depoimento novamente se enquadra nas representações do personagem Justin Taylor. Nos primeiros episódios da primeira temporada, Justin parece confuso, perturbado em relação à sua sexualidade. Sai perdido, sem rumo em busca de novas experiências.

Ele passa a frequentar boates dirigidas para o público homossexual, um cenário o qual ele não está adaptado, mas que julga ser perfeito para sua nova identidade pública de homossexual. Após a da revelação de sua orientação sexual Justin se envolve com uma turma de homens bem mais velhos que ele (Michael, Ted, Emmet, Brian,) e passa a se relacionar amorosamente com um deles, Brian, o qual acaba se apaixonando profundamente.

As experiências descritas pelo telespectador e internauta, de certa forma são semelhantes ou lembram a trajetória do personagem Justin. Ao passar por conflitos familiares, uma crise pessoal a qual ele assume uma nova forma de viver completamente diferente daquela a qual ele estava habituado, em que supostamente é mais condizente com a identidade assumida que anteriormente estava “adormecida”.

Segundo o internauta, uma fase dolorosa se apresenta em sua vida após a revelação,

quando percebeu que as pessoas que mais ama aos poucos vão se afastando. É um momento bastante triste em sua vida, que de certa forma está representado em *Queer as Folk - Os Assumidos*. Na primeira temporada, Justin passa a ser agredido verbalmente e fisicamente pelo pai e enfrentar a incompreensão da mãe, embora essa, com tempo, passe a ser uma grande amiga do filho.

O internauta Fredy escreve um texto longo, contando de forma detalhada sua experiência no momento da descoberta e da revelação de sua orientação sexual. Fica nas entrelinhas a dor e o sofrimento de Fredy ao escrever sobre os momentos péssimos que passou em um período conturbado e confuso de sua vida e do drama de se perceber sozinho, sem apoio familiar e dos amigos se afastando.

A perspectiva dos pais em entender a homossexualidade do filho como confusão ou “coisas da idade de um menino mimado querendo chamar atenção” parece ser muito triste para Fredy. Afinal, no momento em que ele cria coragem para assumir quem ele realmente é, passa a ser ignorado.

Fredy - Finalmente, aos 21 anos, em Agosto de 2008, eu decidi assumir esse negócio. Foi nessa época que eu conheci *Queer as Folk* e outras séries e filmes de tema gay. Criei coragem e contei a minha família (pai, mãe, irmão, irmã). Eles disseram que era confusão ou que eu era o típico caçula querendo chamar atenção. Até hoje dizem isso. Conte também a meu amigo mais próximo, João, e ele foi muito legal comigo. Depois outros amigos souberam, uns me apoiaram, outros se afastaram - ou seja, não eram amigos.⁵⁹

Ele cita especificamente o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*. Em seu escrito, sugere que o seriado teve influência direta no ato de contar aos parentes e conhecidos sobre sua orientação sexual. Na série os personagens também enfrentam problemas de aceitação pessoal e social. Na primeira temporada, Emmet tem uma crise em relação à sua orientação sexual após se deparar com uma religião. Emmet interioriza a ideia de que precisa “curar” sua homossexualidade, confusão desencadeada após o encontro com um grupo religioso e suspeitar que é HIV positivo.

A situação não é a mesma que a do internauta, mas reflete também a ideia da

⁵⁹ Pode ser acessado em www.orkut.com.br - Comunidade *Queer as Folk - Os Assumidos*. Acesso em 25-08-2012.

insegurança que, algumas vezes, o fato de ser homossexual pode causar, principalmente em jovens em processo de aceitação e revelação. Fredy escreve sua história via comunidade e retrata como superou os problemas e atualmente, segundo ele, vive de forma tranquila, feliz e em paz no que diz respeito à sua orientação sexual.

As inseguranças são colocadas ao público para que os demais membros possam refletir, opinar, sugerir coisas, criticar, comentar ou apenas ler. Aquele que narra sua experiência se sente livre no que diz respeito a críticas relativas às concepções morais e julgamentos dos demais. Até o presente momento não consta nenhum tipo de agressão verbal entre os membros. Há divergências de opiniões, mas não sem manifestações agressivas e desrespeitosas. Há um círculo de confiança em que aquele que escreve espera que seja compreendido e dessa forma a necessidade de falar sobre si parece ser suprida.

As produções de si por meio da escrita atendem a necessidade de visibilizar-se no espaço público, estando dentro das práticas confessionais. Atendem à necessidade tanto de “fazer falar” quanto de “ser visto”. Entretanto, isso faz parte do processo de escrever e, ao mesmo tempo, de ser inscrito por aquilo que se escreve, pelo modo como escreve e, ainda, nos espaços internáuticos em que há trocas de mensagens, ser inscrito pelos comentários de outros sobre o que escrevemos anteriormente. Nesse processo, nos produzimos enquanto sujeitos de discursos específicos (GARBIN e COMOZZATO, 2010, p. 201)

Os autores salientam o que as fontes dessa pesquisa nos ajudam a refletir: o caráter da escrita, a necessidade de ser visto publicamente, de ser entendido, bem como de expor questões pessoais em uma página virtual. Focamos o falar sobre si, na percepção da revelação homossexual que permeia o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* e se deixam transparecer nas páginas virtuais.

Numa outra situação, o internauta traz à tona a sua relação individual com o seriado e os personagens, deixando claro seu grau de envolvimento emocional com um programa televisivo que, de acordo com ele, mudou sua vida de forma considerável. Percebe-se pela data da postagem que o telespectador acompanhou o seriado em 2011, o que aponta que ele teve contato com *Queer as Folk - Os Assumidos* muito tempo depois de seu término.

E mesmo quase sete anos após o fim do seriado ele ainda aparenta ser bastante atual para muitas pessoas, inclusive para quem escreve as palavras a seguir, pois de acordo com ele

a série contemplou variadas questões e problemáticas de sua vida.

André - Já tinha sabido desta série há um bom tempo mas somente agora tive a oportunidade de vê-la (outubro de 2011). Achei a série surpreendente e muito realista, mas este ponto ao meu ver positivo, acabou comigo!! Devorei as 5 temporadas em 15 dias...procurei na net tudo o que podia sobre os atores (ontem, dia 2 de Novembro foi niver do Randy Harrison) mas ae chegou o último episódio, e um final que não consegui aceitar...fiquei mal, tomei, remédio pra depressão, chorei 3 dias direto...consegui me ajudar com o apoio de um amigo que tinha assistido a série e tinha olhado pro final de uma forma diferente de mim!!! A série me despertou de uma forma única, não me tornou uma pessoa melhor no sentido de aceitar algumas coisas do mundo gay que vi retratada na série e que não concordo, mas me abriu os horizontes mesmo tendo perdido minhas referencias, descobrir que não acredito em tudo o que eu sabia e soube que sei muito pouco de tudo. Descobrir que tenho tanto orgulho de ser gay como eu sempre achei, pelo fato de eu sempre ter sido assumido, achei que o sexo pela forma como era abordado na série, apenas casual e avulso, não fazia parte de mim...era outro engano!! Aprendi mais com o personagem do Brian em 15 dias do que com a vida em 30 anos!⁶⁰

André pontua sua crise pessoal logo ao terminar de acompanhar as cinco temporadas de *Queer as Folk* - Os Assumidos. A tônica do eu, volta a ser diretamente pontuada nos escritos do internauta, que passa a explicitar as mudanças pessoais que a série causou em sua personalidade, assumindo não saber muitas coisas em relação à própria vida. Deixa claro que as mudanças não ocorreram no campo da aceitação de um novo estilo de vida ou novas concepções sobre a vivência homossexual, mas sim no parâmetro individual, no que diz respeito à sua compreensão sobre si mesmo.

Assumir-se homossexual e ter orgulho disso é uma problemática presente no seriado e na fala dos membros da comunidade. Para esse internauta o conflito de aceitação não fez parte de sua vida, visto que logo de início ele declara que *sempre* foi assumido. O *eu* desde o princípio do escrito de André, se mistura com o seriado, pois ele afirma que chorou muito com o fim do seriado e chegou a tomar remédios para suportar a “perda”.

De acordo com ele, antes do seriado ele não sabia absolutamente nada da vida. Após o contato com a série passou a ter uma melhor compreensão do mundo à sua volta e de si mesmo. Aprender com um personagem de TV pode ser algo não muito difícil de ser

⁶⁰ Pode ser acessado em www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=69511&tid=5532780036690795296&na=3&npr=3&nid=69511-5532780036690795296-567047527093650664 – Acesso em 02-03-2012.

encontrado, visto que as pessoas passam a construir identificações com os fictícios personagens de filmes, novelas, programas etc, mas André pontua que aprendeu mais com Brian do que nos seus 30 anos de vida.

A escrita permite que as palavras sejam recuperadas em tempos e espaços distintos daquele em que o pai-autor proferiu a fala viva. Se as marcas escritas apresentam essa dupla possibilidade- permitir, por um lado, o esquecimento e, por outro, propiciar a recuperação e a imortalidade do discurso - é porque detêm um poder que ultrapassa a fala viva e, na expressão de Derrida, são “sempre uma questão de vida e de morte” (LOTTERMANN, 2008, p. 130).

Lottermann (2008) pontua a ideia de recuperação das palavras por meio da prática da escrita, abrindo possibilidades para que a palavra seja quase atemporal em relação aquele que a proferiu ou escreveu. As falas na internet, de certa forma, também passam a se caracterizar como algo que passa seu tempo, que pode ser apagada do dia para noite, como também pode ganhar novos sentidos e contextos. A escrita de Brandon pode não ter uma datação específica, pode ter sido escrita há muitos anos sem nunca ser publicizada, pode ter sido redigida em um momento de tristeza e raiva por conta de um acontecimento infeliz em sua vida, pode ter sido um texto pensado e elaborado inúmeras vezes.

Não saberemos o contexto que permeou a escrita do texto, mas podemos investigar, tentando compreender os motivos que levaram esse indivíduo a deixar registrado em palavras via internet um “grito” de dor em forma de texto. Também podemos tentar compreender o espaço escolhido para a publicação da carta, no caso, uma comunidade n no Orkut, a *Queer as Folk* - Os Assumidos.

A comunidade, indiretamente, abre um espaço para que essas conversas de caráter mais pessoal sejam postadas sem nenhum problema. Não há nenhuma reclamação dos demais membros quanto a isso e de certa forma é até muito bem-vista. Aparentemente, a comunidade cria um círculo de confiança em que aqueles membros se sentem parte de algo, de um grupo do qual se consideram semelhantes. Esse fato fortalece os laços de confiabilidade e dá chances para que questões mais individuais sejam trazidas à tona.

O cotidiano não é apenas atravessado pelas narrativas: ele também as produz. Dos relatos de experiências no trato com o preconceito, a

inexistência de direitos prosaicos como a legitimação das uniões, a violência e os afetos conjugais brotam novas representações sociais da lesbianidade no ciberespaço. O ato de contar de si e do mundo as torna protagonistas da história de uma identidade coletiva onde se veem refletidas e que lhes socorre na elaboração das suas individualidades. Há nesse procedimento o que Motta (2004) denomina de intencionalidade provocando a aproximação entre o narrador e seu público para construção de um significado comum (COSTA, 2008, p. 113).

Para que esse compartilhamento de histórias e vivências seja possível espera-se que entre os membros haja uma segurança de que não haverá críticas que desqualificarão o próximo, não haverá julgamentos morais quanto à conduta de um ou de outro, mas apenas a discussão de temas variados, sejam eles diretamente relacionados ao seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* quanto a debates de nível individual.

CAPÍTULO 3: IDENTIFICAÇÕES, MÓVEIS, VARIANTES, PARECIDAS, SEMELHANTES

As produções anteriores ao seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, que contavam com personagens homossexuais, em geral não adquiriram muita identificação com o público homossexual, mas certamente essa problemática não pode ser generalizada. Citações escritas pelos telespectadores no campo da internet que pontuam o dito diferencial do seriado são constantes. São exemplos essas citações presentes na comunidade do Orkut *Queer as Folk - Os Assumidos*,

Lanio: (...) Mas é disso que trata *Queer as Folk* a realidade dos gays, acredito que nunca terá outra série igual a essa...perfeita é a melhor.

Had: Como nunca deixo de frisar *Queer as Folk* é bom por isso, porque mostra a realidade dos gays #fato#. A *Barbie*, o romântico, o afeminado, o de baixa autoestima, o promiscuo, que acham que podem construir uma relação legal, o normal e por ai vai, é o mundo (...).

Portanto, as noções que nos levam a fazer essa afirmativa são baseadas no recorte dessa pesquisa, ou seja, pelas críticas feitas pelos telespectadores a outros programas de televisão que contavam com personagens homossexuais.

No que diz respeito às comparações com esses outros programas, Irineu Ramos Ribeiro ressalta e exemplifica como e o que pode estar incomodando nas representatividades de muitos programas humorísticos.

A programação humorística da TV tem dificuldade de criar personagens com identidade de gênero sem desqualificá-los. Outros quadros de *Zorra Total* exploram a temática da orientação sexual de forma pejorativa. Partem para o escracho das identidades transviantes e, assim deixam de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre (RIBEIRO, 2010, p. 114).

Entendemos que o gosto dos telespectadores pelo seriado, bem como a identificação com os protagonistas da trama, se dá principalmente pelas formas de representação e

construção desses personagens.

Sobre esse assunto, Edith Modesto, em seu livro *Vidas em Arco Íris - Depoimentos sobre a homossexualidade (2006)*, traz conversas com muitos homossexuais sobre temáticas variadas, entre elas a representação gay na TV. Ela contou com 89 entrevistas no total e esses entrevistados foram localizados por ela através de um grupo de discussão na internet, que posteriormente compareceram em seu escritório para lhe conceder os depoimentos. Modesto é fundadora da ONG GPH - Grupo de Pais de Homossexuais⁶¹.

Com a pergunta “Como os programas de televisão brasileiros tratam o homossexual?” (MODESTO, 2006, p. 199) a autora tinha como objetivo compreender o que eles pensam da programação televisiva no que diz respeito aos personagens gays. As respostas dos entrevistados, geralmente, são negativas, como a própria autora pontua: “Quase todos os entrevistados criticam os programas da televisão brasileira” (MODESTO, 2006, p. 199). De acordo com Rubens, um dos depoentes de Modesto (2006):

Rubens: A televisão tem padrão perpetuando os estereótipos, aquela brincadeirainha com gay. Todo mundo acha que é inocente e fica perpetuando esses preconceitos, o rádio a mesma coisa, sempre tem uma bicha bem estereotipada e acham que os gays são assim, então eles afastam os gays de se mostrarem gays... Porque eles ficam com medo de serem comparados com aquilo, eles casam, têm filhos e guardam a coisa pra si, porque não querem ser ridicularizados assim... (MODESTO, 2006, p. 199).

O depoente fala sobre os estereótipos frequentemente utilizados nas representações homossexuais. Uma problemática que os telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* também percebem e discutem no espaço da internet enfaticamente. Rubens reflete que esse padrão contribui para que haja o preconceito e também para que se assumir homossexual seja um ato que cause medo e constrangimento.

Modesto também pergunta sobre as produções de novelas brasileiras, que nas últimas décadas têm voltado suas tramas cada vez mais para a construção de personagens homossexuais. Nesse ponto as respostas se diversificam:

⁶¹ Para saber mais sobre a autora e a obra acessar: http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=1463.

Fábio: Nas novelas, o assunto é abordado da forma que a população espera: uma forma sutil, camuflada, de acordo com o que a sagrada família espera... A relação é camuflada... O personagem como pessoa é colocado de uma forma horrível...

Caio - Muitos autores de novela são gays e acho que está tendo um processo de preparação do público para a aceitação. Porque a televisão manda nesse país ainda, não é? Comanda a massa. A partir daí, a gente vai ter um processo de aceitação maior porque começa a se tornar pouquinho mais cotidiano nas pessoas. E os autores sabem disso e tentam. A aí vem o Ibope e corta... É o preconceito da maioria” (MODESTO, 2006, p. 200).

Fábio diz a Modesto que não vê com bons olhos as representações, trazendo à tona a problemática que ele chama de camuflagem, ou seja, o homossexual da telenovela é retratado sem pares românticos, sem expor suas dinâmicas cotidianas. Isso para o entrevistado tem a ver com os ideais de família impostos pela nossa sociedade. *Queer as Folk* - Os Assumidos se coloca como um diferencial, por não se pautar por esses preceitos. Em grande parte da trama há uma visão mais clara e explícita, também por quase todos os personagens serem homossexuais.

Caio, outro entrevistado da autora, vê de forma um pouco diferente, embora pontue outras questões, como a da audiência, refletindo o que ele acredita que o público gosta e deseja ver na TV. Na concepção dele, não há personagens homossexuais que causem maior identificação por parte do público gay por conta do telespectador ainda não se adaptar a essa realidade. Possivelmente, quando ele se refere *ao telespectador*, está se remetendo aos heterossexuais. Mesmo entendendo as novelas como repetidoras de um padrão, o entrevistado pontua um lado positivo, ou seja: abordando tais questões pode-se abrir uma possibilidade de diminuir o preconceito e a intolerância.

Há entrevistados como Miguel, que na citação abaixo afirma categoricamente não ver novela. Pedro, em seguida, confessa que já ouviu falar sobre casais do mesmo sexo nas novelas, mas na interpretação dele a televisão não demonstra o que acontece no cotidiano.

Miguel - “Não assisto novelas...”

Pedro - “Já ouvi falar que aparece um casal na novela... Eu nunca vi... Já vi pedacinhos e já ouvi falar sobre, mas acho muito superficial, não é o que rola no dia a dia.” (MODESTO, 2011, p. 2006)

Os relatos dos entrevistados apontados pela autora refletem indiretamente as justificativas que tornaram a série *Queer as Folk - Os Assumidos* um grande sucesso. Entre esses motivos podemos pontuar: o protagonismo dos personagens homossexuais e a representação dos relacionamentos afetivos e sexuais de um jeito mais claro, entre outras questões.

Dessa forma, a identificação e a recepção caracterizam-se como processos de sentidos e de significados muito importantes para os telespectadores.

3.1 “O FOGO GAY” DISCUTIDO EM *QUEER AS FOLK - OS ASSUMIDOS*

Os significados que os fãs do seriado constroem individualmente e posteriormente comentam nas redes sociais são discutidos pelos próprios personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* durante o terceiro episódio da segunda temporada. Algo em especial nos chamou muito a atenção. Nesse episódio intitulado *Hypocrisy: Don't Do It* (em português algo como *Hipocrisia: Não faça isso*), as primeiras cenas não são os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* que aparecem.

No primeiro momento deste episódio, esses personagens desconhecidos abrem a cena. Sentados em uma mesa comemorando o décimo aniversário de casamento do juiz Bruce e do Dr. Bobby. Além do casal de personagens, há também mais três amigos na comemoração. Esta cena faz parte do seriado *Gay as Blazes - Fogo Gay*⁶², que nesse momento está sendo apresentado num canal de TV.

A cena segue e um dos amigos presentes no jantar pergunta: “*Onde está o Jaime?*”, alguém responde: “*Disse que tinha cirurgia*”. Bruce, com um ar de decepção e raiva responde: “*Deve estar operando algum garoto*”. Um dos amigos sentado à mesa retruca: “*Ou na Boate Sodoma*”, logo em seguida a pergunta: “*Aquele lugar horroroso? onde eles dançam, bebem, usam drogas e fazem sexo?*”.

O comentário sobre o colega é um tanto maldoso. Operar algum menino é uma ironia ao trabalho de Jaime, que possivelmente é médico, mas a fala é no sentido depreciativo, indicando que esse *operar* na verdade seja “transar”. A fala poderia ser entendida no contexto

⁶² Traduzido no seriado e analisado por nós como *Fogo Gay*.

total da cena, da seguinte forma: “Deve estar transando com algum garoto”. A Boate Sodoma é citada logo em seguida, pois para os amigos é uma possibilidade que o amigo esteja lá. De acordo com eles, é um lugar horrível, onde o sexo é liberado, homens nus desfilam pelo salão, há bebidas alcoólicas e uso de drogas.

Os personagens presentes no jantar estão criticando a forma de vida do amigo, baseada em festas e relacionamentos efêmeros, bem diferente da daquela que eles levam: jantares de casais, discutindo livros, etc. São viveres diferentes representados pelo seriado *Gay as Blazes - Fogo Gay*.

O juiz Bruce faz um apontamento interessante, ele se lamenta pelo amigo Jaime ter virado um estereótipo em vez de se tornar um exemplo para a comunidade gay. Logo depois dessa fala um dos amigos que participa da comemoração responde: “*Tomara que ele pense e faça algo mais produtivo, como entrar para o grupo gay de leitura*”. Todos concordam e a cena se finaliza naquele momento.

Esse seriado está sendo visto em um bar por Emmet, Ted, Michael, Brian, Lindsay, Melanie e Justin. Durante a apresentação eles estão discutindo os personagens e as histórias representadas na tela da TV, alguns se sentindo identificados e representados pelas histórias da trama, mas nem todos concordam com essa afirmativa. Podemos notar que Jaime, que é citado no jantar, tem características que lembram Brian no que diz respeito aos relacionamentos e também por estar preocupado com festas, baladas e diversão.

Brian é o único que fará críticas negativas ao seriado que os amigos tanto gostam. A personalidade dele pode nos auxiliar a compreender sua posição em relação à série que o grupo assiste. Ele é autossuficiente, arrogante, independente e em relação aos relacionamentos amorosos não compreende a monogamia como algo positivo, portanto tem inúmeros relacionamentos sexuais e não quer um namoro sério. Ele adota um estilo de vida promíscuo.

A par dessas questões, se entende porque ele tem uma opinião negativa sobre o seriado *Gay as Blazes - Fogo Gay* e porque ele não se vê identificado por ela como os demais amigos. No episódio que os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* assistem juntos no bar, a cena que eles acompanham é um momento caseiro, em que apenas há casais reunidos, num ambiente tranquilo, o qual os demais personagens criticam o modo de vida desregrado de um amigo.

De acordo com a maioria dos personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos*, *Gay as*

Blazes - Fogo Gay é muito verdadeiro no que diz respeito às representações televisivas dos homossexuais. A cena segue ainda no bar e Brian desliga a TV, recebendo a reprovação dos amigos presentes. Logo alguém religa a TV e todos ficam concentrados no programa.

Emmet contesta a atitude de Brian de desligar a TV e diz: “*É meu programa favorito. Os atores são um sonho*”. Emmet Honeycutt é um personagem peculiar em toda a trama, pois ele representa o homossexual afeminado, sensível. É amigo de todos os demais personagens. Emmet, a princípio, trabalha em uma loja de roupas e posteriormente vira um astro pornô em um site na internet. Não tem grandes êxitos em suas investidas amorosas. Até tenta um relacionamento amoroso com seu melhor amigo, Ted, mas sem sucesso. Emmet é muito companheiro, sempre tentando ajudar os demais.

Lindsay se caracteriza como uma mulher sensível, com um relacionamento estável com Mel. As duas acabam de ter um filho, ou seja, constituem uma família, com todas as responsabilidades que um lar com filhos exige. Ambas estão inseridas numa dinâmica diferente de Brian, por exemplo. Este último deseja apenas estar em muitas festas, transar com várias pessoas. Para ela o seriado que assistem é muito positivo, e enquanto mãe, mulher lésbica que deseja ser reconhecida e respeitada, o seriado *Gay as Blazes* - Fogo Gay contribui para que as pessoas a percebam enquanto ser humano.

Lindsay olha para Brian e diz: “*O TIMES*⁶³ *disse que é um retrato fiel de gays na TV*”. Brian prontamente a questiona: “*Então, onde o sexo oral e o resto?*”. Importante salientar que quando ela traz uma informação de uma revista conhecida, reconhecida e em tese respeitada, ela está tentando legitimar sua fala e garantir uma posição favorável ao programa.

Melanie é a companheira de Lindsay, uma advogada responsável que não suporta a presença de Brian, que para ela não passa de um sujeito egoísta e irresponsável. Ambos vivem trocando insultos. Ela é uma mulher mais inibida, brava, segura de si, independente. Na relação familiar se coloca como a mantedora econômica, pois quem é escolhida para ter o primeiro filho é Lindsay e quem irá ficar em casa para cuidar do bebê é mãe, enquanto Melanie trabalha para sustentar a família. Ela faz uma pergunta capciosa e irônica para Brian, a fim de questioná-lo sobre a questão que ele faz para Lindsay sobre a falta de cenas de sexo no seriado: “*Você já não tem o bastante em casa?*”.

Michael, que até o momento não havia aparecido nesta cena, comenta: “*A ideia de*

⁶³ Revista semanal de notícias produzida nos Estados Unidos.

Fogo Gay é não tratar apenas de sexo. Há mais coisas na vida gay que isso". Lembramos que Michael é considerado quieto, amoroso, amigo, sonha com um grande amor, em se casar e ter uma família.

Antes de seguir adiante nessa discussão, gostaríamos de pontuar o fato de Michael se pronunciar dessa forma, visando à noção de que sexo não é tudo na vida de uma pessoa, principalmente quando se fala do que ele chama de "vida gay". Durante o primeiro episódio é ele quem se coloca como narrador e as primeiras frases dele são: "*O que você precisa saber é: Tudo tem a haver com sexo. É verdade, um homem pensa em sexo a cada 28 segundos. Isso se ele for hetero, se for gay a cada 9 segundos*⁶⁴".

É fato que posteriormente, no especial *Saying Goodbye* (já citado algumas vezes neste texto), o ator Hall Sparks declara que se sentiu incomodado com a repercussão negativa que esta fala trouxe para o personagem e para a série. O ator se fez um tanto indignado com aqueles que, segundo ele, não entenderam o seriado, encarando-o apenas como sexo gratuito. Para ele, quem interpretou dessa forma perdeu grande parte da série.

O sexo é parte importante para o seriado. Não é possível negar o fator preponderante adquirido pelas cenas de sexo, como se tornam parte da história, mas mesmo entendendo isso, compreendemos que *Queer as Folk - Os Assumidos* não se resume a cenas de homens nus e sexo, como apontou o ator Hall Sparks.

As relações sexuais homoafetivas têm um espaço considerável. Logo nos primeiros episódios da primeira temporada percebe-se que o sexo compõe o enredo do seriado. Logicamente não se trata de sexo pornográfico, mas não há nada subentendido, havendo cenas de relações sexuais entre dois homens ou duas mulheres.

Uma das propostas do seriado era tornar os personagens parecidos ou semelhantes com as pessoas que assistiriam ao programa. Dessa forma não teria como negligenciar a questão relativa às relações sexuais. Creio que mostrar essas relações também pode ter sido um diferencial importante, pois diferentemente de outros programas, que contavam com personagens homossexuais, mas não havia cenas de beijo, abraços e muito menos sexo. Na internet também se percebe essa relação com o sexo e as cenas no seriado, a qual é comentada por alguns internautas.

⁶⁴ Esta fala se encontra no primeiro episódio da primeira temporada da versão estadunidense. Pode ser encontrado na página do youtube em https://www.youtube.com/watch?v=_nu6gjFePn4.

Lu - Pegação é importante sim, se não, não me atraia tanto. Mas o que me prende mesmo em QAF são as histórias e temas debatidos lá. São temas que eu vivo no meu dia a dia. É uma série que feita pra gente como eu⁶⁵.

Opiniões sobre a questão da *promiscuidade* do seriado podem ser visualizadas no Yahoo Perguntas. Alguns consideram *Queer as Folk - Os Assumidos* como promíscuo, pautado nas cenas de sexo, e outros defendem que o sexo é parte importante da série, não tratando os homossexuais como aqueles que não possuem relações sexuais e afetivas. Pelo contrário, nos posicionamentos expressos o seriado traz para tela da TV cenas de sexo, carinho e afetividade. Mas, não é apenas isso: o seriado representa muito mais ao abordar uma infinidade gigantesca de questões como trabalho, família, preconceito, violência, etc.

Muitos telespectadores fixaram seus olhares para a exploração das cenas de nudez e sexo e deixaram à margem as problemáticas pontuadas por *Queer as Folk - Os Assumidos*. Veja o comentário a seguir:

Will: Eu fiquei aterrorizado pelo que vi, mesmo sendo gay, é uma vida muito promiscua!⁶⁶

Douglas: Por usar de clichês, ou seja, homens bonitos se pegando, romance, intriga. Ai as "biii" gosta... eu não gosto⁶⁷

Para o telespectador Will, a série explora e abusa demais do sexo. Ele acrescenta que embora seja homossexual acha isso exagerado. Justifica sua opinião pelo fato de ser gay e na concepção dele a série deveria ser algo positivo para seu grupo, mas não é dessa forma que ele enxerga o programa. Ele olha pelo prisma da promiscuidade, com relacionamentos sexuais em demasia o que, segundo ele, pode prejudicar a imagem dos homossexuais no campo social.

O outro comentário pontua os clichês: o seriado passou a ser considerado livre de estereótipos utilizados em demasia nas representações homossexuais feitas por programas

⁶⁵ Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUJhSpvx6gt;_ylv=3?qid=20120623205846AA4YNXv. Acesso em 26/07/2012.

⁶⁶ Pode se acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AmeDAokhC28SweSSAJ9ernx6gt;_ylv=3?qid=20120623205846AA4YNXv. Acesso em 27/07/2012.

⁶⁷ Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUJhSpvx6gt;_ylv=3?qid=20120623205846AA4YNXv-. Acesso em 24/07/2012.

inseridos na TV aberta. Douglas, telespectador que faz o comentário, vê em *Queer as Folk - Os Assumidos* como também sendo construído com essas características, ou seja, para ele a série também se utiliza desses artifícios para construir sua trama.

A série, de acordo com Douglas, também exagera e parte do princípio que se utiliza de homens bonitos, atraentes como personagens, romances ao moldes das novelas heterossexuais, enfim questões que para esse telespectador não se diferenciam em nada de tudo o que já foi feito na TV.

Queer as Folk - Os Assumidos conta com personagens que possuem características e personalidades bastante distintas, o que pode nos ajudar a compreender um pouco essa heterogeneidade, as diferenças, pois cada um conta com suas peculiaridades. Visualmente são um pouco parecidos entre si, mas no decorrer da série se percebe as claras diferenças entre eles.

Em *Queer as Folk - Os Assumidos* as experiências sexuais dos personagens são retratadas de modo que causam polêmica. Menciono isso por conta das constantes discussões entre autores de novelas brasileiras sobre se haverá ou não *beijo gay* nas tramas. Basta um autor anunciar que a novela contará com personagens homossexuais que a mídia já parte para as perguntas relacionadas à questão do beijo.

Uma complicada relação que envolve as noções de conservadorismo, de família, religiosas, que partem geralmente dos princípios do que é certo e do que é errado, do que pode e o que não pode ser apresentado em TV aberta, e aquilo que deve ficar somente nas entrelinhas e não ser abordado de forma explícita. Ainda se trata esse tema como tabu, em que nada pode ser veiculado na TV, nada relacionado a relações homoafetivas, enquanto que o sexo heterossexual pode ser visto quase que cotidianamente em horário nobre da televisão brasileira.

Percebe-se que o sexo possui um significado importante para aqueles que concebem o seriado. Assim como na versão norte-americana, a inglesa também enfatizava as mesmas cenas. Porém, o que se questiona na investigação do seriado não é tanto o significado dessas cenas; tendo a acreditar, inclusive, que se trate realmente de um passo ousado na reformulação dos papéis representados pelos homossexuais nos produtos culturais massivos (ZANFORLIN, 2005, p. 63).

Zanforlin aponta essa importante questão que é a disposição dos personagens homossexuais em vários programas de TV, colocando o seriado como algo que pode ser considerado ousado. De fato, concordamos com essa posição, pois tende a deixar *Queer as Folk - Os Assumidos* diferente. Pode ser considerado um jeito de representação novo em relação a tudo o que já foi feito em torno das representações homossexuais na TV: é justamente a ousadia de inserir cenas românticas e cenas de sexo não heterossexual em um programa televisivo.

Durante as duas primeiras temporadas é notável que as cenas de sexo foram mais constantes e, a partir da terceira, percebemos que ele já não é tão presente. Não estamos afirmando que não há, mas que são menos frequentes e a duração das cenas também é menor.

Essa questão pode ser explicada pelo fato das discussões problematizadas pelo seriado ganharem debates sobre política, homofobia e violência. Assim as cenas de sexo passaram a ter uma disposição menos central durante os episódios. Por último, a noção de “chocar” o público nas primeiras temporadas, conquistar os telespectadores na tentativa de demonstrar que aquele era realmente um programa diferente, que viria para marcar e constituir rupturas.

Essa tentativa de rompimento com os padrões socialmente construídos e tidos como regras, que vários programas que contam com personagens gays fazem, pode ser observada em *Queer as Folk - Os Assumidos*. Dessa forma, abriu portas para que outros programas que contam com homossexuais em suas tramas os representem de um modo menos caricato e um exemplo disso é a série *The L. Word*⁶⁸.

Voltemos ao episódio já citado da segunda temporada, ou seja, o grupo assistindo *Gay as Blazes - Fogo Gay*. Ted, que até aquele momento estava sentado quieto apenas acompanhando a conversa, dá sua opinião sobre os personagens e o seriado em discussão: “*Esses personagens têm princípios. Quando se tem princípios não se precisa de orgasmos*”. Brian, num tom sarcástico, responde: “*Tem-se princípios quando não se pode ter orgasmos*”.

Ted é um sujeito quieto, trabalha em um escritório de contabilidade como contador, é comportado e sem muitos relacionamentos amorosos. Declara muitas vezes que tem dificuldades em se relacionar afetivamente, pois se acha feio, sem graça, e de acordo com ele, não chama muito a atenção dos homens. Em dado momento se deixa levar pela depressão e envolve-se com drogas. Passa por um período difícil, internado em uma clínica de

⁶⁸ Série já citada no primeiro capítulo deste trabalho.

recuperação e ao fim do seriado volta a trabalhar como contador, mas dessa vez na empresa de Brian.

A cena continua e Lindsay completa seu pensamento sobre o seriado *Gay as Blazes - Fogo Gay*: “*Congratulo os roteiristas e os produtores, por nos tratarem maduros e responsáveis*”. Melanie completa a fala da companheira: “*E não promíscuos e narcisistas*”. Em resposta a essa fala de Lindsay e Melanie, Brian diz: “*Bem-vindos à Ilha da Fantasia*”.

Ted também dá sua opinião: “*Admita, é importante que os heteros vejam nossa realidade*”. Brian encerra sua participação na cena com a seguinte fala: “*Chama aquilo de realista? E quem se importa com o que os heteros pensam?*”. Esta fala é dirigida à afirmação de Ted e Brian se contrapõe totalmente à noção de que o seriado reflete a realidade que os demais personagens afirmam. Ele também desconstrói a necessidade de uma opinião ou uma visão hetero sobre os homossexuais. Emmett, com um ar nostálgico e triste, encerra a cena do bar: “*Eu queria que esse seriado voltasse*”. Liga a TV novamente, pede silêncio aos demais e abre um grande sorriso e todos voltam suas atenções para o seriado novamente, menos Brian, que vai embora.

A discussão entre os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* nessa cena também é pautada em torno da necessidade de ter uma série exclusivamente gay na TV. Os personagens Lindsay, Ted e Michael elaboram motivos para que um programa televisivo exiba apenas personagens gays. As principais justificativas são: é importante que os *outros* (os heterossexuais) vejam como *nós* vivemos, para que saibam que também amamos, constituímos família, trabalhamos, temos relacionamentos monogâmicos e duradouros. Além da necessidade vista pelos personagens de contar com um programa de TV essencialmente gay, o que se pauta nas entrelinhas são as formas de representação.

O seriado ressalta as personalidades dos personagens, agora representadas por outra série. As opiniões favoráveis ou não à identificação com o programa podem ser relacionadas com os estilos de vida, personalidades, visões de mundo que os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* possuem.

Essa reflexão também nos permite compreender o que os telespectadores e internautas que publicaram suas contribuições achavam e pensavam sobre o seriado. Também eles não tinham concepções unânimes sobre a trama. Teceram suas impressões de acordo com o meio em que viviam, com as percepções individuais e também a partir do lugar social que cada um

desses indivíduos ocupava

Veja o depoimento de um internauta no Yahoo respostas. Power insere seu comentário em um tópico em que a questão é a seguinte: “Peguei meu neto vendo *“Queer as Folk”* no meu computador, dei uma surra nele?”. Após essa afirmação que termina estranhamente com um ponto de interrogação, essa mesma pessoa comenta sua atitude: “Peguei ele vendo essa série pornô, sentei o porrete nele, dei uma surra que até os cachorros da rua teve dó...fiz o certo ou não fiz?”⁶⁹.

Esse tópico gera um número relevante de respostas. Os comentários chegam num determinado ponto que já não tem relação nenhuma com a questão inicial. Nesse processo uma das últimas respostas se destacou

Power: Eu vi. Mas para mim não significou muita coisa. Não consegui me identificar com nenhum dos caras, nem com o meio onde eles vivem, nem com o estilo de vida. Sou um rapaz “normal” que leva uma vida “normal”. Não vou para baladas gays, sou super resolvido com minha sexualidade, sou assumido, namoro há 6 anos, não tenho muitos amigos gays, prefiro sair para lugares heteros, praticar esportes, não gosto de música eletrônica, nem de “divas”, enfim...aquele seriado pra mim não foi cativante. Tem quem adora, que curtiu tudo. Eu me identifiquei muito mais com o Jack McPhee do seriado Dawson's Creek, porque assim como ele, eu também vivia numa família com pais separados, com uma irmã problemática. Ele estava num ambiente onde as pessoas achavam sempre que ele era hétero, e depois começou a sofrer pressões normais do que é ser adolescente e gay...enfim, um único personagem me pareceu muito mais real do que todos os outros de *Queer as Folk*⁷⁰.

Fica claro na narrativa acima que o telespectador não se vê representado pelos personagens de *Queer as Folk* - Os Assumidos. Para ele a série não teve nenhum significado especial, embora ele saiba que para muitas pessoas teve uma importância singular, com podemos perceber nas falas dos internautas ao longo deste texto. Por exemplo, na seguinte frase: “*Tem quem adora, que curtiu tudo*”. Para ele o seriado ainda está muito longe de sua realidade. Esse mesmo telespectador faz outra declaração interessante

⁶⁹ Fonte: http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUJhSpvx6gt;_ylv=37qid=20080801125056AAUqLyj.

⁷⁰ Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUJhSpvx6gt;_ylv=3qid=2008091125056AAUqLyj. Acesso em 16/07/2012.

O internauta não se vê inserido num meio exclusivamente homossexual, não possui vários relacionamentos, pois afirma namorar há seis anos. Para ele *Queer as Folk* - Os Assumidos está em outra dinâmica que não é a dele. Assim, ele aponta outros seriados que fizeram mais sentido de acordo com as vivências e as experiências pessoais, como Dawson's Creek⁷¹.

Abaixo ele novamente narra suas preferências no que diz respeito à música, lugares que gosta de frequentar e sua escolha por ter amigos heterossexuais e se relacionar mais com eles do que com outros homossexuais. Interessante que ele pontua que foi seu pai quem se referiu ao seriado para que *aprendesse* sobre o *mundo* homossexual. Não deixa claro na fala se o pai também é homossexual ou apenas indicou um seriado de TV ao filho homossexual com a intenção de ajudá-lo em algumas circunstâncias ou dificuldades que possivelmente viria a enfrentar por conta da orientação sexual.

Power: Meu pai gostava de ver. Ele falava que assim aprenderia mais sobre o mundo gay onde eu vivia. Só que eu não gostava deste seriado, porque nunca vivi no mundo gay, e não me identificava com nenhum daqueles caras ali. Eu gosto de lugares heteros, só tenho amigo heteros e não curto música eletrônica e drogas. Gosto de rock, pratico esportes...enfim aquele seriado nunca relatou algo que eu identificasse enquanto gay⁷².

A noção de *mundo gay e mundo hetero*, em geral, pode significar um olhar reduzido e até mesmo estigmatizado das vivências homossexuais, pois, nos remete a pensar sobre coisas, lugares e práticas exclusivamente homossexuais ou heterossexuais. Sabemos que há todo um aparato mercadológico voltado aos grupos homossexuais como cruzeiros turísticos, moda, boates, entre outros milhões de coisas. Mas não há uma regra ou qualquer tipo de limitação para frequentarem determinados ambientes. Tudo é uma questão de escolha pessoal.

Ao desenrolar desse episódio, percebe-se um tom cômico pois embora a maioria dos personagens fique maravilhada com a série *Gay as Blazes* - Fogo Gay e concordem com as abordagens feitas, o episódio vai pontuar ações práticas cotidianas contrárias àquelas elogiadas quando representadas na TV pelo seriado *Gay as Blazes* - Fogo Gay.

⁷¹ *Dawson's Creek* foi uma série de televisão norte-americana de drama exibida originalmente entre 20 de janeiro de 1998 e 14 de maio de 2003. Acessar http://pt.wikipedia.org/wiki/Dawson's_Creek.

⁷² Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUjhSpvx6gt;_ylv=3?qid=20080805053958AAaHXfp. Acesso em 26/07/2012.

Neste mesmo episódio o personagem Emmet vai trabalhar na casa de um casal de homens homossexuais, que vivem junto há 11 anos. Esse casal tem uma relação estável e prega a monogamia. Por coincidência ou não, o casal é muito parecido fisicamente com o Dr. Bobby e o juiz Bruce do seriado televisivo. Mas ambos se insinuam para Emmet e têm relações sexuais com ele.

Este fato desconstrói todo o discurso proferido pelos personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos*, no momento em que eles constroem seus elogios à *Gay as Blazes - Fogo Gay*, no que diz respeito à ideia de monogamia, casamento homoafetivo e criticando duramente a noção de promiscuidade.

Isso nos leva a compreender que mesmo que grande parte dos telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* considere a série fabulosa e concorde com ela em muitos aspectos, se sinta representada pelos personagens, eleja o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* como aquele que mais a identifica, no cotidiano social as vivências podem se revelar muito diferentes.

Uma forma irônica dos produtores da série abordarem os vários sentidos e opiniões que o programa proporcionou para os telespectadores, trazendo à tona a legitimidade e a importância de um seriado de TV, também pontuar questões relevantes como sexo, afetividade e as formas de representatividade homossexual. O elenco assistindo a um programa de TV também pode ser considerado uma estratégia para ressaltar as diversas personalidades dos personagens e que causam reflexos nas comunidades virtuais enaltecendo características individuais dos telespectadores.

O nome *Gay as Blazes - Fogo Gay* é um tanto peculiar, pois a palavra “fogo” nos leva a cair no estereótipo da promiscuidade homossexual, o que também é debatido pelo seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* em quase todas as temporadas e como já percebemos anteriormente, é uma problemática avaliada pelos internautas. Já a versão em português do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* foi intitulado *Os Assumidos*. Embora esteja longe da versão original, ela apreendeu bem a série e não houve grandes críticas relacionadas ao nome. Após alguns anos, percebemos que *Os Assumidos* caiu perfeitamente, visto tantas revelações, confissões, a publicização da homossexualidade. No depoimento abaixo, que estava inserido na maior comunidade do Orkut direcionada ao seriado, um internauta faz uma narrativa de confissão, contando como encontrou o programa de TV e como sentiu a necessidade de

compartilhar sua opinião:

Felipe: Olá pessoal, Criei este perfil somente para vir aqui nesta comunidade do Queer as Folk e dizer tudo o que eu penso sobre esta LINDA série. Eu sou homossexual, não assumido para maioria das pessoas. A primeira vez que fiquei sabendo sobre o Queer as Folk, foi pelo canal HBO plus e Cinemax. Estava assistindo televisão, quando passou a propaganda da série. Eu era novo tinha uns 15 anos (tenho 19 atualmente), fiquei curioso pela série. Mas não acompanhei a série na hbo plus ou cinemax, porque a série passava muito tarde. Somente um dia, consegui assistir um capítulo. Não entendi muita coisa que se passava no capítulo. Só percebi que era o casamento de dois homens e parecia que tinha uma terceira pessoa envolvida nisso. (quando comecei a acompanhar a série, percebi que esse capítulo que tinha assistido era o penúltimo episódio da quinta temporada! EHEHEH). No início do ano de 2010, um amigo meu começou a baixar séries na Internet. Aderi a ideia dele, mas não sabia qual série baixar. Foi ai que lembrei daquela série que tinha me intrigado a alguns anos atrás. Nem sabia qual era o nome em inglês, só sabia que chamada Os Assumidos. Decidi procurar na internet e baixei o primeiro episódio (...) ⁷³.

O internauta Felipe conta sua trajetória em relação a *Queer as Folk – Os Assumidos*. Ele escreve que na época tinha 15 anos e hoje tem 19, que ainda não teve coragem de se assumir publicamente, pois ele confessa nas primeiras linhas que criou um perfil falso para escrever. Podemos considerar que ele se aproxima, de certa forma, do personagem Justin. Ele nos deixa a par que embora tivesse visto o comercial da série quando ela ainda estava sendo produzida, ele assistiu depois de muito tempo, quando resolveu fazer *download* da internet.

A discussão entre os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* na cena do bar também se pauta em torno da necessidade de ter uma série exclusivamente gay na TV. Os personagens Lindsay, Ted e Michael apontam os motivos para que a TV exiba um programa com apenas personagens gays. Suas principais justificativas, a partir das próprias falas dos personagens, seriam: é importante que os *outros* (os heterossexuais) saibam como *nós* (os *homossexuais*) vivemos, para que saibam que também amamos, constituímos família, trabalhamos, temos relacionamentos monogâmicos e duradouros.

Assim como os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* discutem outro seriado (*Gay as Blazes - Fogo Gay*), também os telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* se expressam e fazem sua defesa em torno da série. De certa forma, são questões semelhantes

⁷³ Pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11158669>. Acesso em 28/11/2012.

àquelas que são levantadas e que legitimam o seriado *Gay as Blazes* - Fogo Gay, e a importância de trazer personagens que possam gerar mais identificação entre os homossexuais.

Qual o sentido desse episódio dentro do seriado? Provavelmente, ele expressa as discussões que se fizeram nos grupos homossexuais sobre as questões levantadas, fazendo com que houvesse um posicionamento a esse respeito. No Brasil, os posicionamentos puderam ser expressos em redes sociais.

Mas não são todos os personagens de *Queer as Folk* - Os Assumidos que concordam com a ideia de verossimilhança do seriado *Gay as Blazes* - Fogo Gay. Brian faz a seguinte questão para Ted: “*Você chama aquilo de realista?*”. Para Brian os homossexuais são diferentes dos heterossexuais, não vivem da mesma forma e não têm as mesmas percepções sobre a vida e a melhor forma de vivê-la. Sendo assim, ninguém teria o dever de convencer os demais que merece ser respeitado, ou que merece ter direitos iguais.

A concepção de diferença e igualdade é pontuada por Antônio Flávio Pierucci no artigo *Ciladas da Diferença* (1990) e também entra em pauta nesse momento da discussão pelo fato do autor debater um conceito, hoje tão falado. Pierucci (1990) ressalta que a noção provinda do ideal de respeito às diferenças termina por legitimar a desigualdade, inibindo a perspectiva de igualdade. Assim sendo, a ideia de ser diferente, segundo o autor, no seu princípio é pautada por uma direita política e hoje é uma bandeira levantada pelos partidos de esquerda. Quando adentramos nas problemáticas discutidas no campo social que envolve grupos homossexuais também movimentamos o discurso da diferença enquanto tal.

Quando pontuamos esse conceito no interior dos grupos homossexuais, visualizadas nas mensagens postadas nas comunidades virtuais, vislumbramos identidades, personalidades e estilos de vida que são representados no seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos e outras que podem se caracterizar como completamente distintas. Identidades representadas num programa televisivo, mais especificamente um seriado de TV, que podem ou não se apresentarem como verossimilhantes ao cotidiano de muitas pessoas.

Para Brian, *Gay as Blazes* - Fogo Gay não tem nada a ver com a realidade homossexual. Segundo ele, é justamente o contrário, visto que na concepção dele, gays não querem se casar e não procuram namorados. Pelo contrário, estão em busca de sexo e de diversão. As representações tidas como positivas pelos demais personagens não o são para

Brian. Percebe-se a diversidade de opiniões e concepções quanto aos estilos de vida.

Essa discussão nos aponta problemáticas sobre a dicotomia entre *nós* e *os outros*. Dessa forma, podemos afirmar que os telespectadores de *Queer as Folk - Os Assumidos* esperam que uma série de TV possa diminuir os estranhamentos sociais em relação aos homossexuais, ou, de outra forma, que aqueles que não pertencem ao grupo homoafetivo percebam que estes são pessoas “normais” como qualquer outra.

Os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* comentam e fazem suas críticas à série *Gay as Blazes - Fogo Gay*, assim como os membros das comunidades virtuais no Orkut fazem suas críticas e elogios ao seriado. O fato de não ser mais produzido é lamentado principalmente por Emmet – e podemos afirmar que os telespectadores lamentam até hoje o fim da série e sentem falta das peripécias dos intrépidos personagens de Pittsburgh.

Os telespectadores utilizam as páginas virtuais para descrever como o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* foi importante em suas vidas, no que ele se caracterizou como diferente dos demais programas já existentes e, principalmente, que tipo de desdobramentos sociais ele pode ter causado.

Neste início de episódio parece que os roteiristas e produtores de *Queer as Folk - Os Assumidos* quiseram salientar o sucesso que o seriado fez e destacar o surgimento de opiniões diversas, como as que afirmam que o seriado retrata de forma contundente a realidade, ou as que se posicionam de forma contrária. É um jeito até mesmo de questionar a legitimidade do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos* por meio dos próprios personagens, levando em consideração as diversas formas de se praticar a homossexualidade, jamais a tratando como algo que se dá de forma igual para todos.

3.2 IDENTIFICAÇÕES

As identificações que os personagens de *Queer as Folk - Os Assumidos* veem no seriado *Gay as Blazes - Fogo Gay*, que tenta reproduzir um grupo supostamente semelhante ao deles, pode ser observada no espaço cibernético, onde os telespectadores expõem suas opiniões sobre os personagens e acontecimentos do seriado.

Nas comunidades virtuais visualiza-se, por meio dos escritos, depoimentos e relatos,

com quais os personagens os internautas mais se identificaram, mas também o oposto: com quais eles não se identificam. Em um dos tópicos postados na comunidade do Orkut, classificado como enquete, a pergunta era: *Com qual dos personagens você mais se identifica?*

Podemos discutir essa questão, pontuada pelos membros das comunidades, por outro viés: por que deles se identificam mais com tal personagem, o que os faz terem o entendimento que determinado personagem o representa, ou por que acreditam ser em alguns/muitos aspectos parecidos com um personagem fictício? As respostas podem ser justificadas por aqueles que votaram, mas nem todos os votantes optam por justificar a resposta. O mais cotado nessa enquete foi o personagem Michael Novotny.

A identificação dos telespectadores com Michael nos chamou atenção, pois era de se supor que o mais votado seria Brian Kinney, por esse personagem ser atraente e bem-sucedido. As justificativas daqueles que escolheram Michael podem não ser muito contundentes, mas uma das respostas mais instigantes foi: *MICHAEL - Apesar de bem resolvido, sou mais quieto e prefiro curtir os amigos em detrimento a pegação (sic)*⁷⁴.

Michael Novotny, como já citado no primeiro capítulo, é um homem de meia-idade, que fisicamente não se encaixa nos padrões de beleza definidos socialmente: não é forte, nem alto, não tem o corpo de um modelo. Pelo contrário, é baixinho e magrinho. Na trama é um bom amigo, conselheiro, compreensivo e querido por todos. Talvez sejam essas as características do personagem que conquistaram mais o público, em oposição à beleza estonteante do personagem Brian Kinney.

As características apontadas acima são uma hipótese dos motivos da escolha de tal personagem como aquele que os telespectadores mais se identificam. Michael é um sujeito que pode ser compreendido como *comum*. Ele é um personagem no qual as pessoas podem se enxergar. O segundo personagem mais cotado, no que diz respeito às identificações do público, é Justin Taylor, interpretado pelo ator Randy Harrison, que vive um jovem de 17 anos, sensível, apaixonado e sonhador. Justin terá problemas com sua família no que diz respeito à aceitação e compreensão de sua orientação sexual. Sairá de casa e logo irá morar com o namorado Brian Kinney. Arrumará um emprego na Lanchonete de Debbie e assim leva sua vida, não negando o que ele é para ser aceito por sua família, encarando toda a rejeição e

⁷⁴ Pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#CommPoll?cmm=69511&pid=1052022228&pct=1293812629&fsr=1&na=1&npr=1&nid=>. Acesso em 30/05/2012.

violência do pai. Justin é um personagem que cresce no seriado, se torna mais maduro durante o decorrer das temporadas, pois de um menino inexperiente ele se torna um homem forte que luta e vai atrás de seus sonhos.

Entendemos que a escolha pode ser compreendida pelo fato do personagem se caracterizar como um jovem, bonito, inteligente, e que por se assumir gay publicamente enfrentará problemas familiares, na escola, com os amigos, etc. Esses fatores podem ser facilmente identificados nas trajetórias de vida de muitos telespectadores homossexuais. Não é raro encontrar depoimentos nas comunidades virtuais em que o internauta relata as dificuldades cotidianas, o preconceito e a falta de compreensão familiar por conta de sua orientação sexual.

Em relação à identificação com Brian, a ideia de ter vários relacionamentos amorosos, não se apegar a um relacionamento monogâmico, não se relacionar com pessoas heterossexuais e ir a várias festas também podem ser fatores identificatórios, como este internauta diz ao ressaltar sua preferência por Brian:

“Dudu: Amei o Brian, me identifico com sua forma de ver os sentimentos: amor e sexo, podem andar separados, assim como sua ganância. Só não suportei seu lado usuário inveterado de psicotrópicos”⁷⁵

Já no caso de Michael a identificação pode ser pontuada pelo fato do personagem ter o sonho de se casar, ser sensível e ter a personalidade um pouco mais contida que Justin e Michael. Mas essas características não podem ser generalizadas, pois é aí que se cometem grandes erros. Aqui abordamos algumas características principais dos personagens e colocamos algumas hipóteses que podem ter levado os telespectadores a se identificarem com um ou com outro, tudo isso com base nas análises dos escritos que aparecem nas comunidades.

Como exemplo citamos um internauta, membro da comunidade do Orkut *Queer as Folk* - Os Assumidos, que criou um tópico intitulado *Curiosidade – descoberta – aceitação – liberdade*. Com esse tópico ele propõe que os demais membros da comunidade relatem um pouco de sua história em relação à sexualidade com o objetivo de que o debate possa servir de

⁷⁵ Pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#CommPoll?cmm=69511&pid=1052022228&pct=1293812629&fsr=1&na=1&npr=1&nid=>. Acesso em 30-05-2012.

auxílio ou ajuda para aqueles homossexuais que ainda não se assumiram publicamente e que sofrem por isso. Ele é o primeiro e único (até este momento) a escrever e contar um pouco de sua história pessoal.

Brunó - (...) Durante os anos que se passaram, fingi ser hétero, namorei umas garotas, mas não tive atração por nenhuma delas, eu tava lá porque tinha que estar. Aos 16 anos, falei da minha homossexualidade com a terapeuta, foi muito difícil falar pela 1º vez chorei bastante durante a consulta. Mas ficou muito mais fácil falar depois da 1º vez. Com o tempo, na terapia e nas pesquisas sobre sexualidade que fiz, aprendi que ser gay não é nada de anormal, que ninguém escolhe ser gay, que o problema tá nas pessoas dizendo o que podemos e não podemos fazer, não em nós, etc. Mesmo assim, foi difícil sair do armário, porque minha família pseudocatólica que só vai a Igreja 1 vez por ano tem uma mente muito fechada, especialmente meu pai (...)⁷⁶

O internauta relata um pouco das dificuldades enfrentadas por ele durante o período de aceitação de si mesmo e também dos familiares. Ele foi o único a postar suas experiências no tópico e dessa forma podemos compreender que havia uma necessidade individual de contar ou expor sua experiência em um lugar em que ele não corria o risco de ser julgado, discriminado ou desrespeitado.

O personagem Brian Kinney, interpretado pelo ator Gale Harold, é um homem bem-sucedido, bonito, inteligente, arrogante, promíscuo e autossuficiente, sendo o terceiro mais cotado na comunidade. Sobre ele os telespectadores justificam a identificação com o personagem com as seguintes falas: *BRIAN - Brian, com certeza. Promiscuo, divertido, fascinante e bem resolvido!; BRIAN ainda estou na fase do Brian, mas acho q a tendência vai ser chegar ao Michael*⁷⁷.

Percebe-se que as ideias sobre relacionamentos estão embutidas na escolha do personagem Brian. O que o internauta e telespectador quer apontar é que ainda está num momento de sua vida em que seus relacionamentos são efêmeros, sem grande importância, apenas diversão, mas ao ressaltar que ainda chegará ao Michael, se refere a ter uma relação estável e duradoura, bem como ser mais responsável por suas atitudes.

⁷⁶ Pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=69511&tid=5637333082748226213>. Acesso em 26/11/2011.

⁷⁷ Pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#CommPoll?cmm=69511&pid=1052022228&pct=1293812629&fsr=1&na=1&npr=1&nid=>. Acesso em 30/05/2012.

A perspectiva da passagem de fases na vida de um jovem. Primeiramente os deleites da juventude e da beleza colocados em primeiro lugar junto com a vontade de aproveitar a vida, antes de ter um relacionamento afetivo sério e de assumir as responsabilidades da vida adulta.

O personagem Brian tem muitos relacionamentos amorosos e sexuais e ter um único parceiro ou ter um relacionamento estável e monogâmico não faz parte de seu projeto. Para o personagem esse tipo de relação não se encaixa aos homossexuais, isso é uma questão que para ele: *“é coisa de heterossexual e gay não pretende se casar, ter família e filhos”*. Essa é uma ideia defendida por Brian durante grande parte das temporadas. Brian quer se divertir, transar, aproveitar a juventude e tirar proveito de sua beleza e bom status social.

Mas, é uma visão pontuada pelo personagem e trazida de forma indireta pelos telespectadores que concordam ou não com esse pensamento. Não partimos do pressuposto generalizante que todos os homossexuais pensam ou devem pensar dessa ou daquela forma, apenas ressaltamos que alguns se identificam com Brian por essa forma de compreensão da realidade social.

As questões que dizem respeito à identificação dos telespectadores com os personagens são fatores interessantes, visto que nos ajudam a compreender as diferenças existentes dentro de um mesmo grupo, muitas vezes visto socialmente e representados (no caso da programação televisiva) como iguais. Isso não passa de uma inverdade, daí a importância de abordar a visão que os telespectadores têm não só do seriado como um todo mas também dos personagens. Para isso é preciso compreender esse processo identificatório. As identificações do público são diferentes em relação aos personagens e às experiências vividas.

Nesse contexto percebemos que as principais identificações dos telespectadores, tendo em vista a escolha de Michael, Justin e Brian, trazem novamente os personagens discutidos profundamente no primeiro capítulo dessa pesquisa. Os personagens que por conta de algumas características e também pela análise feita ao longo de toda a série podem ser percebidos enquanto clichês, aqui entendidos como aqueles que podem ser identificáveis facilmente, que suas histórias passam a se misturar com as experiências vividas pelos telespectadores.

A noção de identidade e identificações nos abre um leque de possibilidades das quais é necessário compreender as dinâmicas que esses conceitos apontam. Pelo fato de trazermos à tona alguns aspectos que interagem com tais problemáticas, procuramos problematizar essas duas noções.

De acordo com Stuart Hall (2000), o sujeito ao longo do tempo tem passado por um processo de descentralização ou de fragmentação e para compor o quadro atual das identidades, elas hoje são compreendidas como múltiplas e variáveis. O autor se utiliza de três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito Sociológico e o sujeito Pós-Moderno.

Segundo Hall (2000), o sujeito do Iluminismo era centrado, único, dotado de razão, com um núcleo interior que surgia no nascimento do sujeito e passava por um processo de desenvolvimento ao longo da vida, e dessa forma ele permanecia o mesmo, essencialmente igual; dessa forma o centro era a identidade do indivíduo. Segundo o autor essa visão Iluminista se caracterizava como uma forma “individualista” da identidade e do próprio sujeito.

O sujeito Sociológico perpassava pelas transformações da modernidade. A compreensão agora era de que esse sujeito não se apresentava enquanto autônomo e sim formado pelas relações com outras pessoas, que acabavam por interpelar as relações com a cultura, valores e sentidos. Hall (2000) aponta que esse modelo sociológico se deu de acordo com a relação entre sujeito e sociedade, não perdendo seu núcleo central, sua essência interior, mas foi modificado por meio do diálogo constante com o mundo exterior.

E por último o autor traz à tona o sujeito Pós-Moderno, agora descentralizado, mudado. Aquele sujeito anterior centralizado e uno passou a ser entendido como tendo várias identidades fragmentadas, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. A cultura como algo objetivo entra em colapso devido às mudanças estruturais, sociais e culturais da sociedade Pós-Moderna. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2000, p. 12).

A Pós-Modernidade, dessa forma, transformou o sujeito naquele que não possui uma identidade fixa, essencial e mesmo permanente. Agora ela é caracterizada como modificável, formada, transformada, construída, desconstruída e assim sucessivamente. Não a vemos como

algo biológico, essencial, mas sim constituída historicamente. Somos influenciados e construímos nossas identidades interpelados pelos fatores culturais que estão ao nosso redor.

Essa noção de descentralização das identidades pode ser compreendida através das transformações sociais decorridas nas últimas décadas. Um ponto importante que Hall (2000) traz para pensarmos é a globalização, que também é responsável pelo “aceleramento” do mundo atual, em que as estruturas e instituições são transformadas o tempo todo. O sujeito moderno ou pós-moderno vive uma vida de mudanças cotidianas, rápida, as quais tem que acompanhar.

As sociedades vistas como tradicionais estão perdendo espaço, pois com as alterações constantes poucas coisas sobrevivem ao tempo, ou seja, dificilmente passam de geração para geração. Desse processo de mudanças sociais, individuais e estruturais derivam as sociedades modernas, em que nada dura por longos períodos, sejam relacionamentos amorosos, afetivos a produtos de consumo adquiridos pelos sujeitos durante a vida.

Essas questões vêm influenciando a noção de identidade, que hoje vemos como plural, sendo preferível usar o termo *identidades*. Esse tipo de caracterização dos sujeitos em três classificações, como já apontamos, pode ser considerada uma simplificação, que pode ser debatida com uma complexidade muito maior, mas como ponto de apoio para o entendimento das identidades são de grande valia (HALL, 2000).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2000, p. 13).

As questões levantadas Stuart Hall apontam caminhos para a discussão deste trabalho. Em alguns momentos os telespectadores se sentem mais próximos de um determinado personagem e depois de outro, bem diferente do primeiro. Isso mostra as várias facetas que esse processo permite perceber, muito mais como um caleidoscópio do que como um bloco único formado pelos personagens “escolhidos” como modelos identificatórios pelos telespectadores.

Nesse sentido, para Hall (2000), o que hoje muitos chamam de “crise de identidade” é um processo muito longo que está descentralizando o sujeito e as estruturas que anteriormente eram consideradas sólidas, o que causa a ruína das referências que os indivíduos tinham como estáveis no campo social.

Essa perspectiva da descentralização do sujeito pode ser “visualizada” nesse processo, visto que os internautas/telespectadores se identificam com vários personagens por motivos bastante diferentes. Algumas vezes a identificação é com um, dois ou até três personagens. As justificativas são compostas com diversos argumentos. Por exemplo:

Fer - “Não tinha como escolher dois, às vezes me acho parecido com o Mike e em outras situações sou Justin até o último fio de cabelo”⁷⁸

Marc - “A promiscuidade do Brian, e a imaginação do Ted”

Os dois internautas acima são integrantes da comunidade *Queer as Folk - Os Assumidos*, do Orkut, e tecem suas justificativas sobre o porquê da sua identificação com os personagens. Podemos notar a identificação com mais de um personagem, indo de encontro com a perspectiva de descentralização do sujeito pós-moderno..

O internauta Marc pontua que se identifica com Brian e Ted. O primeiro ele acha que é promíscuo e namorador. Assim ele se sente identificado com Brian, possivelmente por ter vários relacionamentos e não querer nenhum relacionamento sério com ninguém. Já na identificação com o segundo ele ressalta a noção da imaginação. Ted tem uma história tumultuada no seriado. A princípio ele é representado como um homem de meia-idade com baixa autoestima, acha-se feio, inferior aos demais. Trabalha num escritório de contabilidade como contador e ao perder esse emprego entra em profunda depressão.

O jeito que Ted encontra para sair da crise financeira é montando um site de pornografia homossexual. Assim que abre o site, ele vê no amigo Emmet um bom ator para seu site. Assim, passam a trabalhar juntos com Ted administrando e o amigo masturbando-se ao vivo para os pagantes do site. Essa forma de driblar as adversidades pode ser algum dos elementos que levaram o telespectador a entender o personagem como imaginativo. Ao fim, Ted é contratado por Brian para trabalhar como contador na empresa que o amigo inaugura.

⁷⁸ Fonte: comunidade virtual inserida no site de relacionamentos Orkut, *Queer as Folk - Os Assumidos*. Acesso em 03/06/2012.

Os relacionamentos afetivos de Ted são confusos e nunca dão certo. Por isso ele envolve-se com drogas e passa por período difícil até ser internado em uma clínica para recuperação. São as múltiplas identidades entrando em cena, em vez de uma única representação televisiva, feita por um ator, representando um personagem que acaba por não contemplar mais a gama de identidades que o sujeito se encontra inserido.

De acordo com Kathryn Woodward (2009), o ideal de identificação tem relação com as representações, visto que alguns significados são mais preferidos que outros. Essas práticas incluem relações de poder definindo quem é incluído e quem será excluído. A premissa cultural moldará as identidades, dará significados e sentidos às experiências e assim podemos optar entre inúmeras identidades que nos são possíveis.

Essas identidades múltiplas, construídas e reconstruídas ao longo da vida, podem ser enaltecidas em momentos propícios ou naqueles em que o sujeito acha coerente exacerbar uma identidade em detrimento da outra. Ainda referindo-se à fala do internauta acima citado, em determinado momento é importante que esse telespectador enalteça a identificação mais com o personagem Brian, especificamente na questão de ter muitos relacionamentos não estáveis, mas em outros momentos é conveniente que ele ressalte a sua criatividade e imaginação por ele remetida ao personagem Ted, talvez devido a questões surgidas no seu meio de trabalho ou até mesmo em casa.

A recepção, a concepção, o entendimento que os telespectadores tiveram pode nos ajudar a compreender um pouco os fatores que tornaram *Queer as Folk - Os Assumidos* um sucesso. Na mesma comunidade virtual *Queer as Folk - Os Assumidos*, em um dos tópicos os telespectadores têm as seguintes ideias:

Pedro: “Como nunca deixo de frisar *Queer as Folk* é bom por isso, porque mostra a realidade dos GAYS #fato#. A barbie, o romântico, o afeminado, o de baixa auto-estima, o promiscuo, o que acha que pode construir uma relação legal, o normal e por ai vai é o mundo (...)

Nando: “Essa série me ajudou a me aceitar como gay. Antes dela, eu nem tinha coragem pra falar “eu sou gay, eu gosto de homens”...*Queer as folk* vai viver SEMPRE no meu coração.⁷⁹

⁷⁹ Fonte: Comunidade virtual, inserido no site de relacionamentos Orkut, *Queer as Folk - Os Assumidos*. Acesso em 01/06/2012. <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11158669>

Os telespectadores retratam um pouco do significado do seriado para eles mesmos. São dois homens, o primeiro com um lugar mais geral sobre as temáticas e as formas que os personagens são construídos, já o segundo faz uma abordagem mais pessoal e individual de sua vivência como homossexual e porque *Queer as Folk - Os Assumidos* foi tão importante em sua vida.

Pontuamos que são duas visões diferenciadas sobre um mesmo programa de televisão. Assim, várias outras opiniões poderão ser encontradas. Isso se dá devido ao fato dos homossexuais não se caracterizarem como iguais, mesmo no interior de grupos visíveis como travestis, lésbicas, não-afeminados, entre outros. Essas diferenciações os tornam bastante diferentes entre si e dessa forma tendem a se agrupar com aqueles com quem mais se parecem. Ainda assim, tais grupos não são homogêneos.

No seriado o personagem Brian opta por se relacionar apenas com homossexuais, ir a boates específicas que atendam o público homossexual masculino. Já Michael não tem essa postura tão radical, embora ele geralmente esteja frequentando esses lugares. Há o risco dessa atitude torna-se auto-excludente, um tipo de gueto, onde apenas os semelhantes são bem-vindos e aceitos.

A série tem a intenção de tornar os personagens semelhantes ao seu público, visto que inicialmente foi produzida para homossexuais, ganhando aos poucos telespectadores heterossexuais, em sua grande maioria mulheres. Daniel Lipman, um dos produtores da série *Queer as Folk - Os Assumidos*, em uma entrevista fez uma breve descrição sobre os personagens da série. Vale a pena observar essa fala em que podemos ter uma pequena ideia de como o próprio produtor visualiza seu trabalho e como ele entende os personagens e também que percepções tem do “*universo*” homossexual.

Há um casal “doméstico” de lésbicas com uma criança; Brian e Michael, que estão perto dos 30, o que significa uma espécie de morte nesse mundo. Há Ted, que tem 33 anos e corre atrás de rapazinhos inapropriados para ele; Dr. Dave, mais próximo dos 40 e bastante orientado para o comprometimento. Há a mãe de Michael, Debbie, vivida por Sharon Gless, que de tão prestativa nos dá vontade de estrangulá-la. Há também o tio de Michael, que está próximo dos 50 e tem Aids, e vive a base de coquetel de remédios; e claro, Justin, um garoto de 17 anos sem conflitos sobre sua sexualidade. Este não é um especial para depois da escola, onde ele caminha pela praia em cenas de conflitos emocionais... (Apud ZANFORLIN, 2005, p. 64/65).

Lipman reflete sobre várias questões, como: idade, um fator preponderante. Tanto é que ele inicia sua narrativa falando de Michael e Brian que tem aproximadamente 30 anos cada um, representando a flor da juventude. Ted já tem 33 anos, portando já está adentrando num período crítico. Dave, o primeiro namorado de Michael, um médico de 40 anos muito responsável que quer constituir uma família, levar um relacionamento mais sério. Cita o tio Vic, entrando na faixa dos 50 anos, HIV positivo, um “morto” para os demais. E finalmente, Justin, o jovenzinho de 17 anos em conflito com sua identidade sexual.

O autor faz seu balanço bem resumido do seriado se pautando nas idades, fala das mulheres em uma linha, porque provavelmente elas constituem família e isso as torna caseiras. É uma perspectiva, é um jeito de olhar as dinâmicas homossexuais, não de uma forma generalizante, mas que é muito possível.

Para entender as diversas opiniões sobre *Queer as Folk - Os Assumidos*, sobre o mundo que lhes é representado na tela da TV é relevante também avaliar as opiniões que refletem um outro lado, o da não identificação. Na pergunta “Porque *Queer as Folk* é tão genial??”. Em outra manifestação contrária ao seriado, o telespectador tece uma crítica bastante contundente e interessante sobre o seriado. Logicamente ele não é bem recebido pelos que gostam do seriado e até é hostilizado por expor uma crítica negativa tão dura ao seriado. A seguir a opinião de Lêle sobre o seriado:

Lêle: Bem, essa é uma opinião bem pessoal sua porque naquela série a visão das coisas é estigmatizada e entediante....As pessoas são tão ridículas, fúteis e previsíveis...Uma construção bem pobre, eu diria.
Se eu pudesse definir em uma palavra seria péssima. Até mesmo a versão inglesa é chatérrima. Eu não tenho muito saco para seriados mas quer ver algo bem feito???

<http://www.youtube.com/watch?v=LfuMhXcLa..>
É um estudo de época, trilha sonora, figurino, fotografia, atores tudo impecável! A direção é daquelas primorosas aos mínimos detalhes. Sabe a perfeição? Pronto, essa série conseguiu.⁸⁰

Essa resposta vem em função do autor da pergunta ter feito sua escrita em função da, segundo ele, “genialidade” do seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*, se questionando o que

⁸⁰ Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AmeDAoKhC285weSSAJ9ernxogt.;ylv=3?qid=20120623205846AA4YNXv. Acesso em 23/07/2012.

levou a série ser tão real e tão representativa dos homossexuais. Já o telespectador que respondeu ao questionamento deixa bem claro que discorda inteiramente da opinião do colega. Segundo ele a série é ridícula, com personagens fúteis e sem conteúdo e ainda dá uma dica do que seria um seriado de qualidade. São opiniões diferentes daquelas que geralmente as comunidades virtuais no Orkut costumavam apresentar sobre o seriado *Queer as Folk - Os Assumidos*.

Logo essa crítica gera uma pequena discussão entre os participantes da enquete. Alguns respondem em tom de chacota, outros com respostas mais elaboradas, como as que seguem:

Depero: Filhoooooo, você é bom em pré julgar os outros, eu não observo como pegação não, observo a trama, os personagens, a fotografia, que já considero divinas em QAF. E você quer me humilhar, não é? Então vai tomar no cú!!!⁸¹

Queer as Folk - Os Assumidos conta com personagens que possuem características e personalidades bastante distintas o que pode nos ajudar a compreender um pouco dessa heterogeneidade, das diferenças, pois cada um conta com suas peculiaridades. Visualmente, são um pouco parecidos entre si, mas no decorrer da série se percebe as claras diferenças entre eles.

A partir disso, podemos compreender as opiniões diversas dos telespectadores em relação à identificação com os personagens, bem como os inúmeros motivos que os fazem se sentir mais parecidos com um e não com o outro. Reflete também a questão sobre a diversidade dentro de um grupo considerado pelos demais diferente. Em outras palavras, é a diversidade dentro da própria diversidade.

Partiremos do pressuposto que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades (FRY, 1983, p.10).

⁸¹ Pode ser acessado em http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AgNN6t17hSEqZ7AURUJhSpvx6gt;_ylv=3?qid=20120623205846AA4YNXv. Acesso em 27/07/2012

A visão que os telespectadores têm dos personagens é uma importante questão no que se refere às premissas abordadas por essa pesquisa, tais como: o significado que o seriado teve para os telespectadores, que importância ele adquiriu durante o período em que foi exibido, bem como os desdobramentos posteriores ao fim da série.

A recepção, a concepção e o entendimento que eles têm nos demonstram que é possível compreender, por meio dos telespectadores e dos “depoimentos”, o que a série significou para esse grupo. Visualizar as diferentes concepções sobre um mesmo programa e sobre os mesmos personagens é um ponto importante.

Precisamos ainda explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O *nível psíquico* também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas (WOODWARD, 2009, p. 15).

As perguntas propostas pela autora da citação acima podem também ser remetidas aos telespectadores do seriado. Por que das identificações? O que leva as pessoas a assumirem esses discursos produzidos em um seriado de TV, a ponto de se autodefinirem representadas pelos personagens?

Queer as Folk - Os Assumidos trouxe uma nova roupagem para os personagens homossexuais da TV, a dinâmica de trazê-los para a centralidade da trama e não mais como coadjuvantes engraçadinhos. Em *Queer as Folk - Os Assumidos* eles todos são os protagonistas e ali não se faz piada pelo fato de ser gay.

De certo modo *Queer as Folk* - Os Assumidos rompeu com alguns estereótipos e mitos que constantemente eram remetidos aos grupos LGBT's. Os personagens homossexuais vêm sendo profundamente abordados pela programação televisiva brasileira nas últimas décadas por meio das novelas, minisséries, séries, entre outros.

O que é importante trazer para essa discussão são as formas com que esses personagens são representados para que assim possamos ter uma melhor compreensão dos motivos que entendo a *Queer as Folk* - Os Assumidos como algo diferente. Nos inúmeros programas que são vinculados por algumas emissoras de TV que contam com personagens

homossexuais, eles geralmente são coadjuvantes com roupas coloridas ou femininas, são engraçados, carismáticos e principalmente não têm pares românticos ou afetivos.

Daí a singularidade de *Os Assumidos*: talvez a primeira tentativa de romper a predominante representação do homossexual apenas como soro positivo, ou como aquele que se coloca na posição de clown, pronto para dar o tom cômico a cena (ZANFORLIN, 2005, p. 46).

Problematizar a hipótese de que a aceitação do público e a recepção positiva tenham também uma relação com a questão de que *Queer as Folk - Os Assumidos* não poupa pares românticos, namoros, beijos, sexo, casamentos para os personagens homossexuais da trama. Essa questão é muito relevante para os telespectadores, pois torna os personagens mais semelhantes com eles mesmos, a verossimilhança da série perpassa por essa questão.

O humor que a série procura abordar não é o mesmo daquele que geralmente os programas de TV citados acima fazem. *Queer as Folk - Os Assumidos* não parte do pressuposto de fazer piada com a homossexualidade dos personagens, não se utiliza de palavras de duplo sentido ou pejorativas, algo bem comum em telenovelas e séries. O humor na série é pautado pelas situações do cotidiano dos personagens, com os erros e acertos de cada um.

A programação humorística da TV tem dificuldade de criar personagens com identidades de gênero sem desqualificá-los. Outros quadros de *Zorra Total* exploram a temática da orientação sexual de forma pejorativa. Partem para o escracho das identidades transviantes e, assim, deixam de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre (RIBEIRO, 2010, p. 114).

Até mesmo essa construção humorística da série, mesmo ela sendo classificada como dramática, é um ponto importante a ser problematizado, pois o humor provindo da desconstrução e desqualificação do outro não é bem visto pelos grupos homossexuais.

No episódio especial de despedida, intitulado *Saying Goodbye*, feito para anteceder o último episódio da quinta temporada, com a intenção dos atores, do público e da série, os atores relatam como está sendo se despedir de seus personagens. Interessante perceber que até mesmo os atores têm entendimentos diferentes em torno do fim da série. Para Hall Sparks,

que interpreta o Michael, *Queer as Folk - Os Assumidos* está acabando no momento em que deveria, para não acabar se desgastando. Já Sharon Gless, que interpreta a personagem Debbie, diz que “é um saco” a série ter chegado ao fim.

Interessantes ver os atores falando de seus personagens. Eles confessam que receberam inúmeras cartas dos telespectadores que contavam o quanto a série foi importante para a vida deles no que diz respeito a assumir a identidade homossexual, a compreender a si mesmos. Também cartas de mães de homossexuais agradecendo a série, explicando que por meio dela puderam perceber as dificuldades enfrentadas por seus filhos ao serem abandonados pela família. Afirmam que após a série se reaproximaram dos filhos que antes eram desprezados. Jovens garotos de 16, 17 anos que os abraçaram na rua chamando-os de heróis.

Essas “falas” fazem parte das confissões feitas pelos atores, ressaltando o carinho que receberam e como contribuíram para que algumas famílias pudessem gozar de um relacionamento mais harmônico e afetivo. Também, enfatizam os desdobramentos no campo social que a série obteve, a forma calorosa com que o público recebeu e viu esses personagens ao ponto de fazer de um seriado de TV parte da sua vida cotidiana, de luta diária pelo respeito. Enfatizam que quando a série estreou nem todas as críticas foram positivas o que, segundo os atores, já era esperado. Alguns *conservadores*, ou a direita como o narrador do vídeo se remete, disseram que *Queer as Folk - Os Assumidos* atacava a família, a moralidade, prejudicava a juventude e a cultura.

Esse tipo de crítica não é novidade quando se pautam as problemáticas homossexuais ou até mesmo as discussões em torno da sexualidade. Ainda é um tabu no século XXI. No Brasil inúmeras discussões sobre estes fatores foram e são abordadas.

Críticas não foram feitas apenas por parte daqueles que não consideram legítimos os direitos dos grupos LGBT's, mas também de algumas parcelas de homossexuais, que o consideram sexual demais, que o sexo estava sendo abordado de forma exagerada. Hal Sparks, o intérprete de Michael, chama a responsabilidade para o seu personagem por conta de no primeiro episódio, em que ele narra os primeiros acontecimentos, falar: “*Tudo é sobre sexo*”.

Isso pode ter soado como negativo na visão de alguns, levando em conta que há uma “batalha” por parte dos grupos homossexuais em desconstruir a ideia de que a prática

homossexual é pautada apenas pelas relações sexuais e nada mais. A premissa contrária é fazer perceber que entre os homossexuais também se constroem relações afetivas sólidas, que também amam, têm família e filhos.

Saying Goodbye também traz os produtores Daniel Lipman e Ron Cowen falando sobre as críticas que receberam. Segundo Lipman, muitas pessoas da comunidade gay não queriam se ver, ou seja, não queriam ver imagens de si mesmas representadas na TV. Isso nos faz entender que a série teve seus problemas iniciais e quando afirmamos o sucesso de público e de crítica, é importante pontuar que não foi um efeito imediato, mas gradual.

Os produtores afirmam que a série foi feita inicialmente para o público homossexual, mas que aos poucos perceberam uma enorme audiência de heterossexuais, que viam e gostavam do seriado. Não podemos abordar, nesta pesquisa, a premissa de que *Queer as Folk - Os Assumidos* foi vista apenas pelo público gay. Nas comunidades *on line*, no *Orkut* percebe-se por meio de algumas citações que há também heterossexuais inseridos naquele meio, em geral mulheres que se dispõem a discutir as problemáticas lá sugeridas, embora fossem minoria.

Robert Gant, que interpreta o personagem Ben, sugere que no começo as pessoas não queriam se identificar com a série por causa das drogas e do sexo. Não queriam compreender esses fatores como parte da cultura, mas, de acordo com ele, são. Hall Sparks compreende as críticas como um não entendimento daquilo que a série queria realmente apresentar. Segundo ele, se o telespectador só viu sexo e promiscuidade não prestou atenção em 20% daquilo que a série abordou e para ele isso é muito irritante.

Sparks deixa claro que *Queer as Folk - Os Assumidos* trouxe para TV cenas de sexo e também apontou as relações não estáveis, ou como Zygmund Bauman se refere, a característica líquida das relações no mundo moderno (2004). Mas não foi apenas isso que eles se propuseram a demonstrar na TV, pois vieram para marcar um novo modelo de representatividade gay.

Peter Paige, que representou o personagem Emmet, trouxe uma fala interessante sobre esse assunto. Para ele as pessoas vieram pelo *Queer* (estranho ou bicha, levando em consideração as gírias) e ficaram pelo *Folk* (como nós). Em outras palavras, assistiram *Queer as Folk - Os Assumidos* pelo estranho, pela curiosidade, e os gays para verem homens bonitos e seminus, mas acompanharam os cinco anos pelas temáticas problematizadas, pela

representação do cotidiano.

Entre as questões pontuadas por Ron Cowen, produtor da série, está a dificuldade de encontrar atores para os papéis, principalmente para os de Justin e Brian, pois os atores teriam que estar cientes que críticas duras seriam feitas e teriam que estar preparados para isso. E diz: *Esses personagens conheci durante minha vida!*

A última fala do produtor reflete um pouco as falas dos telespectadores do *Orkut*, perpassa pelos sentimentos, concepções daqueles que viram o seriado e em alguns momentos se sentiram como os personagens ou perceberam alguma situação apresentada na TV no seu dia-a-dia. Personagens fictícios enfrentando problemas reais, questões do cotidiano como: alegrias, tristeza, desapontamentos, brigas, amores, amizades verdadeiras e outras nem tanto, problemas no trabalho, com a família, etc.

Por meio das falas dos atores e produtores é possível compreender um pouco as intenções individuais de cada um ao aceitar fazer uma série como *Queer as Folk - Os Assumidos* e os resultados que cada um obteve com ela e os efeitos sociais que possivelmente a série trouxe. Ou melhor, contribuiu para que algumas discussões fossem trazidas à tona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRANDO EM MODO *OFF LINE*

O uso da internet já é uma realidade em muitos lares deste país e seu crescimento contínuo é inegável. Acompanhando esse aumento, as redes sociais se tornaram um grande fenômeno na contemporaneidade, muito devido à facilidade das relações e sociabilidades possibilitada pelas comunicações mediadas por computador.

Assim sendo, explorar tais questões num panorama histórico torna-se fundamental. Embora ainda esteja num momento inicial, não demorará para o campo de fontes providas do mundo virtual chamarem a atenção de muitos pesquisadores das áreas das humanas e, conseqüentemente, da História.

Atualmente, é possível afirmar que a presença da Internet é visceral nas nossas vidas. Hoje, o Estado da Arte que fazemos para iniciar uma pesquisa não consiste mais em percorrer incansavelmente corredores de bibliotecas e estantes de livros. Inevitavelmente, a primeira atitude que é tomada ao se pensar um novo tema de pesquisa é buscá-lo na página do Google, ainda que os resultados possam surpreender (RODRIGUES, 2012, p. 13/14).

Esse autor pontua a presença maciça da Internet em nosso cotidiano e por conta disso esta pesquisa voltou-se para o campo virtual, das redes sociais, de comunidades do Orkut, grupos do Facebook e algumas páginas do portal Yahoo. A pesquisa em torno das páginas virtuais se relaciona com a série televisiva a qual investiguei durante o processo de pesquisa, *Queer as Folk - Os Assumidos*, que trouxe para a tela da TV discussões relacionadas à homossexualidade.

Com uma linguagem diferenciada e uma forma inovadora de se remeter aos personagens homossexuais, o seriado foi um grande sucesso, contou com cinco temporadas e ainda é visto até hoje por telespectadores que fazem *download* dos capítulos via internet. É nesse campo de debates e discussões no campo das comunidades virtuais sobre um seriado de TV que as problemáticas se cruzam.

A série pontuou polêmicas, dentre elas: HIV, preconceito, trabalho, homofobia, violência, famílias homoafetivas, adoção de crianças por casais gays, casamento, etc. Portanto acredito que esse trabalho de pesquisa acadêmica não tenha importância apenas dentro do contexto universitário, mas também no campo social.

Faço tal afirmação por conta das discussões que me propus debater estarem constantemente nas manchetes de jornais, nos debates do Senado brasileiro e também nas rodas de conversa. A união de casais homoafetivos é um tema que marcou muitas discussões no cenário recente de nosso país. Muitos Estados já se colocaram a favor da união civil de pessoas de mesmo sexo, mas ainda é um debate caloroso e que gera muita polêmica.

Por meio das falas dos atores e produtores do seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos é possível compreender um pouco as intenções individuais de cada um ao aceitar participar dessa produção, bem como os resultados que cada um obteve com ela. Os efeitos sociais que possivelmente a série causou, ou melhor, contribuindo para que algumas discussões fossem trazidas à tona.

Enquanto rodavam as filmagens da série o prefeito de São Francisco (EUA) passou a abordar a questão do casamento homossexual, o que logo se tornou um debate nacional. Na série essa questão estava sendo debatida há algum tempo, visto que as mulheres já haviam se casado e os personagens Michael e Ben se casariam no Canadá devido ao fato de lá o casamento gay ser legal.

O casamento gay é um dos debates que a série trouxe e que extrapolaram a televisão, saíram para o espaço público. No Brasil essa questão foi intensamente discutida pela política nacional, pelos meios comunicação mais “alternativos”, na academia, etc.

Rosie O'Donnell, que interpreta a personagem Loretta Pye em três capítulos da série, em sua fala no documentário de despedida, pontua discussões voltadas para a família. A pergunta inicial era se a América estava preparada para *Queer as Folk*. De acordo com Rosie, os EUA está mudando sua ideia sobre como se define uma família atualmente. De acordo com ela, temos que aceitar e abraçar as famílias como elas são.

A noção de família é pautada pela série de várias formas, entre elas a adoção de filhos por casais homossexuais, a “gravidez” homossexual em que um dos dois é pai/mãe biológico da criança e também aborda as dificuldades que essas “novas” famílias enfrentam devido a uma sociedade que ainda não está adaptada às famílias homoafetivas, ou pior, que não considera essas uniões como famílias.

A adoção de crianças por casais homossexuais também voltou ao debate logo que as discussões relacionadas aos casamentos de pessoas do mesmo sexo vieram à tona. Uma polêmica enorme, visto que a dificuldade de se adotar uma criança no Brasil ainda é bastante

grande, considerando as filas gigantescas de casais heterossexuais na espera por uma criança e o número de crianças órfãs que aumenta dia-a-dia. Mas a possibilidade de casais homoafetivos realizarem a adoção é bastante difícil, embora não impossível. O preconceito, bem como a concepção de que família somente é formada por mulher, homem e crianças dificulta esse processo.

A ideia de família tradicional burguesa ainda permeia a mentalidade do que se pode considerar um círculo familiar, travando toda e qualquer outra possibilidade, visto que são processos históricos que ainda não se encontram finalizados. Há muitas décadas uma mulher sozinha ou solteira era considerada uma estranha, caso tivesse filhos sem ser casada. Até mesmo as mulheres divorciadas sofriam preconceito e eram vistas com olhares envergonhados por seus familiares.

Aos poucos tais questões foram sendo superadas e atualmente são poucas pessoas que ainda mantêm esse tipo de pensamento, pois não é difícil encontrar uma mulher solteira ou separada nas famílias brasileiras. Esperamos que aos poucos, conquistando seus direitos, que lhes são caros, os homossexuais sejam menos estigmatizados e julgados, sendo vistos apenas como pessoas capazes de amar.

Existe a Lei da Homofobia (PCL 122/06)⁸² que criminaliza a violência física, moral e a discriminação contra homossexuais. Atualmente, essas problemáticas estão em conjunto com a Lei do Racismo, que prevê pena para crimes de discriminação racial. Mas a proposta atual é separar as duas coisas. São temas que não estão encerrados. Muito pelo contrário, encontram-se abertos e em debate.

Nesse sentido, esperamos que essa pesquisa contribua para a realização de outros estudos, seja no espaço da internet, no que diz respeito ao seu vasto campo de utilização e exploração, como na perspectiva da diversidade sexual.

⁸² Para saber mais acessar <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz2La9rOyl0>.

FONTES UTILIZADAS

Seriado *Queer as Folk* - Os Assumidos temporadas: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e especial "Saying Goodbye

http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=1463

<http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz2La9rOyl0>

http://www.sodahead.com/living/the-green-lantern-is-gay-cute-or-controversial/question-2696457/page=38&postId=85701081#post_85701081&link=ibaf&q=&imgurl=http://24.media.tumblr.com/tumblr_lofyiq6K2c1qm3zxt01_1280.jpg

<http://community.pflag.org/Page.aspx?pid=194&srcid=-2>

<http://foros.vogue.es/viewtopic.php?f=8&t=151832&start=75>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Filad%C3%A9lfia_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filad%C3%A9lfia_(filme))

<http://www.tocadoelfo.com.br/2008/05/o-segredo-de-brokeback-mountain.html>

<http://www.partes.com.br/cultura/cinema/milk.asp>

<http://www.texton.com.br/resenhas/215>

<http://bom-era-quando.blogspot.com.br/2011/07/filadelfia-o-filme.html>

<http://www.partes.com.br/cultura/cinema/milk.asp>

<http://www.tocadoelfo.com.br/2008/05/o-segredo-de-brokeback-mountain.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Beija_Sapo

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sob_Nova_Dire%C3%A7%C3%A3o

http://pt.wikipedia.org/wiki/Zorra_Total

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_\(telenovela\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_(telenovela))

<http://www.assistindo.net/2012/02/assistir-l-word-1-6-online-baixar.html>

<http://ohnotheydidnt.livejournal.com/69607136.html>

<http://lazycircles.blogspot.com.br/2012/06/its-queer-as-folk-2012-reunion.html>

<http://www.towleroad.com/2012/06/queer-as-folk-cast-reunites-in-germany-video.html>

<http://www.queerty.com/the-cast-of-queer-as-folk-reunites-for-the-first-time-in-seven-years-20120605/>

<http://soltonavida.blogspot.com.br/2006/06/srie-queer-as-folk-os-assumidos.html>.

<http://blog-tvnews.blogspot.com.br/2012/02/queer-as-folk-estreia-em-maio-no-sbt.html>.

br.answers.yahoo.com/question/index;_vlt=AjVnSXUj65MrMx_3AcxQ80Hx6gt.;3?qid=20090421153820AAencOr.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=69511> -Comunidade Queer as Folk- Os Assumidos.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=12378599>- Comunidade Queer as Folk-Media share

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=27288> -Comunidade Queer as folk fans

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11158669> -Comunidade Queer as folk Brasil

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7971374> -Comunidade Já chorei vendo Queer as folk

https://www.facebook.com/groups/116715805079272/?bookmark_t=group

<http://ofantsticomundodeesdras.blogspot.com.br/2012/08/a-vida-como-ela-e-por-queer-as-folk.html> - Blog intitulado Borboletas na janela

<http://as7cores.wordpress.com/2011/04/28/quem-e-quem-em-queer-as-folk/>

YOUTUBE

<http://www.youtube.com/watch?v=sJ6N0918EIQ-> Video promocional da série

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de Gênero. **Cadernos de pesquisa**. Rio de Janeiro- Universidade Federal do Rio de Janeiro. n° 117, p. 117-147, novembro, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed, 2004.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade** - a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar, 2003.

BISOGNIN, Tadeu R e FINATTO, Maria José B. A escrita no orkut: vocabulário mais utilizado e aproveitamentos do internetês para o ensino de língua portuguesa. In **A vida no orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010. (orgs COUTO e ROCHA)

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. **Homoerotismo na Grécia antiga** – Homossexualidade e bissexualidade- Mitos e verdades. BIBLOS - Revista do Departamento de Biblioteconomia e História, Vol. 19, Rio Grande, 19: 19-24, 2006.

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito. (orgs). **A vida no orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface- Comunicação, saúde, educação**, vol. 9, n° 17, março-agosto, 2005, pp. 235-248- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- São Paulo- SP.

COSTA, Vera Teresa. **As representações da homossexualidade feminina na esfera pública virtual**. 2008. 180f. Dissertação de Mestrado - (Em Comunicação e Informação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, 2008.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da Escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S. A, 1990.

DEPIERI, Caroline. **Representações estampadas**: Um fino retrato da homossexualidade na TV aberta brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pós Graduação – Nível *lato*

sensu – Especialização em Gestão em Ações Culturais – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Colegiado de Ciências Sociais - UNIOESTE – Campus Toledo, 2012.

DAVI, Edmar Henrique D.; RODRIGUES, Jane de Fátima S. Os caminhos da homossexualidade: inserção ou exclusão? **Cadernos Espaço feminino**, V. 9, nº 10/11, 2001/2002.

DOURADO, Luiz Angelo. **Homossexualismo e delinquência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GARBIN, Elizabete Maria; COMOZZATO, Viviane Castro. Corpos “gordos” no Orkut: escritas sobre si e os outro in **A vida no orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010. (Orgs COUTO e ROCHA).

GREEN, James N, POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870- 1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Jan. Jun. 2003, capturado do site http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100021, em 05/ 02/2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós- modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG/ Unesco, 2004.

LAVERDI, Robson. Viveres urbanos de jovens rapazes homossexuais no Oeste do Paraná. In: DUARTE, Geni; FROTSCHER, Méri; LAVERDI, Robson, (Orgs). **Práticas socioculturais como fazer histórico**. Cascavel: Edunioeste, 2009 – Série Tempos Históricos; v. 6. p. 71- 101.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer- uma política Pós identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis SC, vol. 9, n. 2, p. 541- 553, 2001.

LOTTERMANN, Clarice. O suicídio na literatura infantil brasileira. **Espaço plural**, Marechal Cândido Rondon, nº 18, p.129- 134, 1º semestre de 2008.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Editora Senac: São Paulo, 2003.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Dos meios a mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MODESTO, Edith. **Vidas em arco - íris:** depoimentos sobre a homossexualidade. 2º ed – Rio de Janeiro: Record, 2011.

NUCCI, MELO, CARVALHO. Conjugalidades homossexuais nos seriados televisivos Queer as Folk e The L Word : onde gênero e sexualidade se cruzam. **Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade da opressão à libertação.** São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. Tempo Social; Rev. Social. USP: São Paulo, 2(2): 7-33, 2.sem. 1990.

PRADO, Marco Aurélio. **Preconceito contra a homossexualidade-** A Hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre, Sulina. Rio Grande do Sul: Editora Meridional, 2008.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário:** a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Do on line para o Off line:** Sociabilidades e cultura escrita proporcionadas pela Internet no Brasil do século XXI (2001- 2010). Dissertação de Mestrado (Em História pelam Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC). Florianópolis- SC, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

SIBILA, Paula. **O Show do eu:** A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tadeu Tomaz da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SWAIN-NAVARRO, Tania. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

WADI, Yonissa. A escrita além da vida e da morte: mensagens de Adeus de suicidas na Comarca de Toledo/PR (1980-1993). **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, nº 18, p.119- 128, 1º semestre de 2008.

ZANFORLIN, Sofia. **Rupturas possíveis:** representações e cotidiano na Série Os Assumidos (Queer as Folk), São Paulo: Annablume, 2005.